



RESERVADD

314

B. N. L.

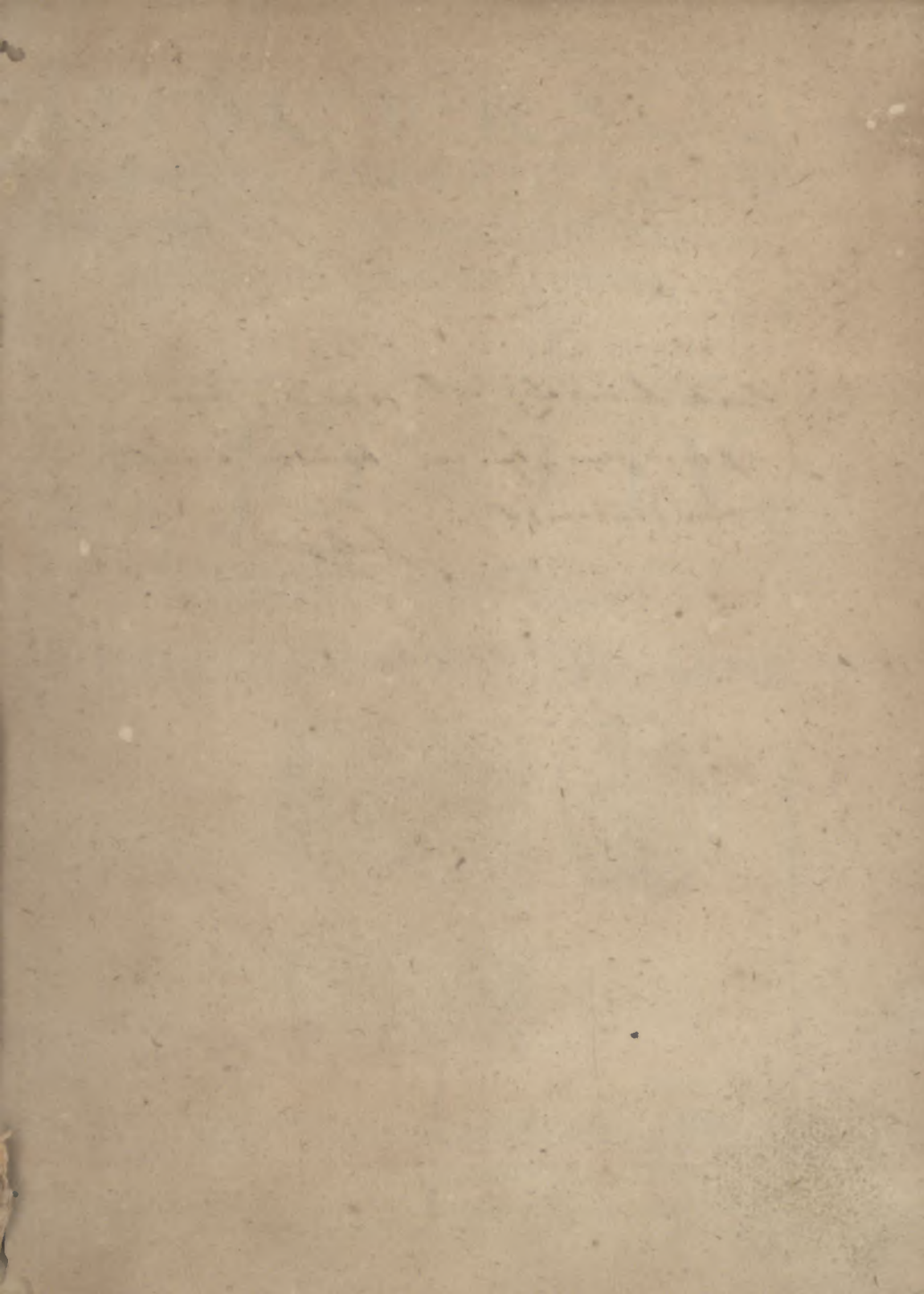


$\frac{J}{12}$
 $\frac{11}{11}$

Microfilmade

nr 26/9/2000

Peru Locum



La Reproductiva
Reservado - C-14*

esta línea es m. t. raro; ha
apenas una leg. en ligeros a otros
más (incombl)

folio

863

DISCVRSOS

SOBRE A PERFEIC,AM DO
Diathesaron, & louvores do numero qua-
ternario em que elle se contem,

COM HVM ENCOMIO SOBRE O PAPEL
que mandou imprimir o Serenissimo Senhor elRey

D. JOAÕ IV.

Em defensa da moderna musica, & reposta sobre os tres bre-
ves negros de Christovaõ de Morales.

A CHRISTO CRVCIFICADO



O DEDICADO A JOA M ALVAREZ FROVVO
Capellão e Bibliothecario del Rey, e M. da Sé de Lisboa.

EM LISBOA. Com todas as licenças necessarias.
Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello. Anno 1662.

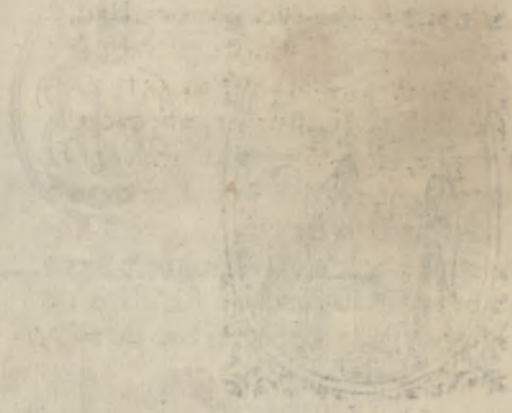
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 101

LECTURE 1

A CHRISTO CRUCIFICADO



JOHN ALLEN ROY

PHYSICS DEPARTMENT

L I C E N C , A S .

P Or mandado dos Senhores do supremo Conselho do S. Officio, vi este livro intitulado: Discursos sobre a perfeição do Diathesaron, & louvores do Numero quaternario em que elle se contem, com hum Encomio sobre o papel que mandou imprimir o Serenissimo senhor el Rey D. Ioaõ IV. em defenſa da moderna Musica, & reposta sobre os tres breves negros de Christovaõ de Morales, composto pello P. Ioaõ Alvarez Frouvo, Capellão & Bibliotecario del Rey, & Mestre da S. Sê de Lisboa, & achando nelle muita, & varia erudição divina, & humana, sobre seu assumpto, & consonancia, nam achei cousa algũa disonante a nossa S. Fé, ou bons costumes. Lisboa S. Francisco da Cidade 30. de Agosto de 661.

Fr. Ioaõ de Deos.

L I este livrinho intitulado: Discursos sobre a perfeição do Diathesaron, & louvores do Numero quaternario, em que elle se contem, &c. Autor o Padre Ioaõ Alvarez Frouvo, Capellão, & Bibliotecario de sua Mageſtade, & nam achei nelle cousa, que dalgum modo encontre nossa S. Fé, ou bons costumes, antes muita lição de livros, & muita elegancia, provando com tanta clareza seu intento, que até os que ſam pouco musicos percebem a consonancia da quarta, que o Autor prova ser perfeita consonancia, & assim me parece obra digna de licença pera se imprimir. Lisboa no Convento de S. Domingos em 20. de Setembro de 661.

Fr. Bartholomeu Ferreira.

V Iſtas as informações podeſe imprimir o Discurso de que se faz menção, Autor Ioaõ Alvarez Frouvo.

L I C E N C I A S

Frouvo Mestre da Capella da Sé desta Cidade, & impresso
tornará ao Conselho pera se conferir, & se dar licença
pera correr, & sem ella nam correrà. Lisboa 20. de Se-
tembro 1661.

*Pacheco. Sousa. Fr. Pedro de Magalhães.
Rocha. Castro. Magalhães de Menezes.*

P Ode se imprimir. Lisboa 22. de Setembro 1661.
Como Provisor. *Souza.*

Q Ve se possa imprimir este livro, visto as licenças
do S. Officio, & Ordinario que apresenta, & des-
pois de impresso tornará á Mesa pera se taxar,
& sem ella nam correrà. Lisboa 8. de Outubro de 661,
Moura Telles P. Monteiro. Velho. Silva.

E stã conforme com seu original. Trindade. Lisboa
14. de Novembro de 662.

Fr. Antonio Correa.

P Ode correr estes Discursos. Lisboa 14. de Nouem-
bro de 1662.

*Pacheco. Souza. Fr. Pedro de Magalhães. Rocha.
Alvaro Soares de Castro. Magalhães de Menezes.*

V

A CHRISTO CRUCIFICADO



MAGESTADE Divina ao Throno que
vosso amor grangeou pera desempenho
do mayor desacerto; chega postrado este
indigno ministro vosso, a offerecer humi-
dom, que se sua limitação, o podia in-
vidar dedicalo a hum terreo Monar-
cha, essa mesma lhe dà confiança ao po-
strar aos pés do mayor que os humanos
viram, & os celestes admiraram. Dalha a Fé: com a qual co-
nhece, nam vos pagares de David pello corbulento, mas pello
humilde do coração. Tratão estes discursos, Senhor, de hũa
sciencia que honrastes tanto, que me diz aquella Azuia Afri-
cana a insinou vosso divino amor aos homens. Querendo a es-
tes preparar os coraçõens, pera receberem vossa vinda, hũa
clamante voz a denunciou na terra: & tomando nella carne
com musica soberana, derão os Anjos noticia do lugar. Quan-
do a conveniencia, do a que vinheis, vos queria arrancar del-
la, em vesporas de vossa paixãõ, os Sanctos Padres me della-
raõ, que com aquelles sagrados Cantares, por cujas vozes vosso
nome em toda a terra soou, a exercitastes. Prezastes vos tanto
Musico sagrado da voz, que pello fino della (Cisue soberano)
conhecérãõ vossa divindade, aquelles que mais ultrajavam vos-
sa humanidade.

Se quem nam sabe a arte, a nam estima pella que della fa-
zeis

João xxviii Exil
th. 11. 26. honest
1. 2. 3.

Ne respicias vul-
tū eius, neque al-
titudinem stature
eius. Reg. I. cap.
16 n. 7.

August. in pro-
cem. Psalm.

Vox clamantis in
deserto: Parate viã
Dñi. Isai. c. 4 n. 3.

Et subito facta est
cū Angelo multi-
tudo militiæ ce-
lestis, laudantium
Deum & dicentiū.

Luc. c. 2. n. 25.

Et hymno dicto
idest decantato.

Chrysoft. hom. 83
sup. Matth.

Aug. Epi s. 19 c. 8
Cõncilio Toleta.

c. de hymn. dist. 1
Thom Vualden.
tom 3. de sacram
lib. 2. cap. 17. n. 6

Beda in Samuel.
l. 3. c. 1.

João xxij. in Extr.
de vita, & honest.
cler. doct. a laud. c.

zeis onde morais, como nolo insinuou aquella remontada Aguis,
que penetrou os rayos de vosso divino Sol, nos dais vestlumbres,
do que esta em si he. Tocai Orpheo divino essa sagrada Citha-
ra, com que tantas Euridices do averno Reyno livraastes, a elle
designadas, pella desobediencia daquelle ingrato, & desconhe-
cido pay, pera que vejaõ que com o numero sobre que fundo este
trabalho, a temperaastes, & ordenaastes, & conheção fazeis caso
daquelle consonancia que Ioão XXII. vosso Vigairo na terra,
canonizou por boa para vossos louvores.

Tomar este assumto, foraõ Senhor duas as causas, hũa occa-
sionalo o nosso David Portugues, aquelle digo, incansavel, em
buscar variedades nesta sciencia para vos louvar; aquelle, que
dandonolo com hũa maõ, parece que de cioso em breve com a
mbas a nossos olhos roubaastes. A outra por tomar o ensino da-
quelles, que dando modos de escrever dizem: qua com quatro
sortes se deve aperfeiçoar a pena pera o fazer cõ excellência. Pre-
tendendo eu passar a mayor emprego em meu estudo (como me-
diante vosso favor senho alcançado) aparei a minha em este
quaternario.

Permiti vós Senhor que esse Thalamo de quatro madeiros
ornado, em que se me ganhou a vida da graça, esse padrão que
contra a morte levantaastes, essa bandeira, insignia de vosso tri-
umpho, seja escudo a estes meus desvelos; taboa com que abra-
çado possa livrar das xuzfragantes ondas do mundo minha
alma. Baxel em que ella navegue a vossa gloria, onde minha
rouca voz possa ajudar os paranimphos celestes naquelle
divino Trisagio, de proporção tripla de tres
em hum, por todos os seculos dos se-
culos. Amen.

INTRO.

INTRODVCA, AM.

N Am sei, que tem o amor da arte, ou sciência que professamos, que ainda que os que melhor julgaõ reconheçaõ outras por maiores, sempre nos fica hũa duvida sobre a excellência da propria; & como aquella sciência seja de maior estima, que nos guia a maiores louvores da divina Magestade; com o estudo, & desvelo, q̃ ha tantos annos professo a da Musica, vim a conhecer, q̃ toda ella era hum livro que Deos compoz pera que os homens o louvassem. E pera mostrar este meu intento, me determinei em outro maior tratado mostrar, quanta razão tem os homens de se dar a musica, pois nella se empregão em continuo louvor de Deos; & neste do Diatessaron o caso que as divinas & humanas letras fizeram do numero quaternario; em que se conclue; & a perfeição de que goza; para que no discurso deste breve tratado louvemos a providencia de Deos, que com tantas razoens nos quis mover a que pella qualidade dos numeros o louvassemos. E se alcançar este fim, nam espero dos que o lèrem mais, que nam ignoro terá muitas faltas, que sera m todas minhas, & quando se ache alguma cousa de louvor, a Deos se dêve attribuir, & dar graças, como principio de todo bem.

Não se trata de um tratado de lógica, mas de um tratado de moral, e de uma moral que se funda na razão e na natureza humana. O autor, ao longo do livro, desenvolve uma argumentação que visa a demonstrar a existência de Deus e a validade dos princípios éticos que dele decorrem. A obra é dividida em dois livros, sendo o primeiro dedicado à demonstração da existência de Deus e o segundo à exposição dos princípios da moral natural. O autor utiliza-se de uma linguagem clara e acessível, buscando tornar os conceitos filosóficos mais compreensíveis para o leitor. A obra é considerada uma das principais obras da filosofia medieval e é lida e estudada até hoje.

capitulo de Deus

capitulo de Deus





DISCURSO

PRIMEIRO.

MOSTRÃO SE

os louvores do numero quaternario em as divinas letras.



QUANTANDO em os louvores deste numero; a fê nos insina, que o Padre abeterno entendendo se assi mesmo, gerando eternalmente ao divino Verbo, communicandolhe sua divina Essencia, amando se ab eterno entresi, espiraõ o divino Bspiritu, ao qual abeterno cõunicaõ

sua mesma essencia, com todos os mais attributos da divindade. E como Deos seja o summo bem, & este como de sy mesmo he cõmunicativo conforme o Theologo Areopagita, tratando de cõmunicar se ás creaturas, chegando o momento em sua divina Idea detreminado; criou juntamente quatro couzas, a quem Alberto Magno com os mais dos Doutores chamão coaternas. Donde veyo a dizer Philo Judeu: *Quaternarius*

numerus totius Cæli mundiq; generatione dedit initium. E Sal-

Areopag. de divinis nominib, cap. 1. fol.

mibi 96.

Albert. Mag. 109.

Theolog. tom. 13. c.

1. col. 2. fol. 25.

Phil. de mund. opif.

fol. mibi 8. col. 1.

A

meirão

2 DISCURSO I. SOBRE A PERFEIC, AM

Salmeir. de sens. my
sic. Proleg. 20. to.
1. fol. 360 col. 1.
Boavent. Centil. p.
3. c. 7. fol. 77. col. 1
tom. 6.
Cartus. sent. lib. 25
dist. 2. q. 1. fol. 48.
fol. 2. tom. 2.

meiraõ: *Deniq; causa omnium rerum.* As quaes conforme
o Doutor Seraphico são: o Ceo Impirio, Natura An-
gelica, Materia, & tempo. A causa desta conveniencia
da Cartusiano em estas palavras: *In principio debuerunt
prima in omni generatione creari*, mostrando nas que mais
relata, que entre as substancias espirituaes criou os An-
jos; entre as corporaes o Ceo Impirio; entre as passi-
vas a Materia elemental, & entre as medidas o tempo.

Cremon. de form.
quat. corp. simp. lect.
1. fol. 6.

Ouid. lib. 15.

Pined. Agric. christi
dialog. 1. §. 1. fol.
9. col. 4

Ambros. Mant. filijs
Ifr sup. cap. 36 lib.
num. fol. 463.

Pretendendo o divino Artifice criar esta machi-
na natural, & compassada architectura do universo,
obrou esta excellente pintura do mundo conforme ao
perfeitissimo debuxo de sua Ideã, de quatro qualida-
des: que se tem sensibiles, como disse Cesar Cse-
monini: Quentura, Frio, Secura, & Humidade, das
quaes se compoem outros tantos elementos: Fogo,
Ar, Agua, & Terra, como cantou Ouidio:

*quatuor æternis
Genitalia corpora mundus, & est ob
Hæc ætenuha Pinæda, de que todo o corporal genera-
tivo, & corruptivel se ordena,*

Tendo o soberano Pay dos Lumes principiado
esta obra do Vniverso, diz Ambrosio sancto, que por
dar lustre ao que criado tinha, ao quarto dia ornou os
Ceos daquellas ferrosas luminarias: Nam (diz o San-
cto) *speciosam illam lucem, que se ipsam & cætera manifestat
luminisque genitoris Salem, & Lunam, & præfulgidum stella-
rum chaurum, que videtur diemque menses, annosque oriendo, &
occidendo terminent, die quarto creata esse.* Philo quer o

Phil. de Plat. Nae
fol. mibi 105. col. 1.

mostrando enbrias partes de suas obras,
E querendo este divino Senhor mostrar a tantas
lozes hum Epilogo de suas grandezas, hum milagre da
natureza, hũa cifra do mundo, & de todas as criaturas
que nelle havia, Formou ao sexto dia o homem, que

sendo

fendo hũa occupação de toda a divina Trindade, como reconta a sagrada Scriptura: *Faciamus hominem*, lhe organizou o corpo no numero quaternario, & a alma no ternario, como dizem Agostinho sancto, & o veneravel Beda: *si considerat sup. quoniam o sup. ob. quomodo*

Geu. 1. c. 1. n. 6.

Aug. qn. st. sup. num. 10. 4. col. 248. & 10. 8 col. 24. c. 22. 2ed. com. in Ps. fol. 717. tom. 8.

De quatro modos apparece em o mûdo a composição desta humanidade organizada. O primeiro sem operação de varaõ & semea como em Adam, segundo por meyo de varaõ somente como a primeira mãy. Terceiro de hum & outro, como em Abel, & nos mais viventes. Quarto, naquelle unico milagre da poderosa mão do Altissimo, nascêdo o Redemptor do universo da intacta Uirgẽ Maria Senhora nossa sem obra de varaõ. Agostinho em seus Sermoens nos deu esta lição, & Diogo Matute, criar Deos o homem em a efigie da Cruz. O Minorita o declara sobre as palayras, *Faciamus hominem*, dizendo, *Faciamus hominem in cruce nostram*. Formandoo à semelhança daquella, em que o Verbo encarnado lhe havia de grangear a vida. Pois o Senhor, conforme Cypriano: *In quadrato crucis instrumento moritur*. Ea Glossa de quatro madeiros o cõstitue.

Aug. serm. 20. & 28. tom. 10. Matut. Profap. Christi edad. 3. c. 1. §. 7. fol. 1. 3. Minoriti Triup Christi tit. 2 fol. 27.

Cyprian. Carthecan. orat. cap. 132. Gloss. verb. Cruc. de summ. Trinit. Clement 1. Cyprian. tract. 5. de sina.

S. Aug. tract. 9. in Ioan. Beda super Iob.

Ligna Crucis, Palma, Cedrus, Cypressus, Oliva.

Criou o homem, como vamos dizendo, em o numero quaternario por mayor perfeição: o modo nos relata S. Cypriano, & Agostinho (a quem Beda segue) dizendo, que pera o formar tomou quatro pedaços de barro, das quatro partes do mundo, & a massadas com terra, & agua dos quatro rios, que do Paraíso terreno emanão, fez hum adobe, a que o Texto sancto chama, Limo. E querendo que este sumptuoso Colisseo, que sua divina potencia levantava, ficasse immortal, depois de lhe infundir a alma lhe ordenou o nome de quatro letras, A, D, A, M, cujos mysterios explica Paulo Grisal-

4 DISCVRSO I. SOBRE A PERFEIC,AM

Gryfald,decifm.6.
Cathol. fid. verbo
Adam.

do. Os mesmos Sanctos affirmãõ ser composto das primeiras, com que os Gregos nomeavaõ as partes celestes, os quaes chamaõ ao Oriente, *Anatole*, ao Ponente, *Difis*; ao Aquilou, *Arctos*; ao meyo dia, *Mesembrias*; de que o nome que relatamos se compoem. Da qual explicaçãõ se fez autora a Sybilla, quando, como refere Sixto Senense cantou estes versos.

Sixto Senens. Biblio.
sanct. l. 3 pag. 173.

*Nimirum Deus is finxit Tetragrammaton Adam,
Qui primus factus est, & qui nomine complet,
Ut utrumque occasumque Austrum, Boreamque regentem.*

Lorin. in ast. App.
l. 43. fol. 44. col.
1. lit. B.

Daqui devia nascer compararem hum perfeito, varam ao numero quaternario, como traz Lorino, & Salmeiraõ: *Quadratum hominem vocamus solidum, & perfectum.*

Salm. Pion. 20. de
quater. fol. 361. col. 1.
tom. 1.

Querendo Suetonio louvar Vespasiano disse, que era quadrado, por ter de altura quatro covados de pè & meyo cada hum (medida que os Escultores daõ a hum perfeito corpo, como traz Pierio) & a mesma medida de hum a outro braço.

Suet. in Vespas.
Pier. lib. 39. hierog.
Arist. lib. 1 Ethic. c. 10
ad Nicom. & lib. 3.
Rhetor. ad Theod.

Escrevendo Aristoteles a Nicomacho, & em outro lugar a Theodestes ao homem perfeito na virtude chama quadrado. Quatro cousas saõ necessarias a hum perfeito varaõ, como assevera Frey Bernardino de Busto em seu Rosario. Primeira, se poder fazer de todos amigos. Segunda, naõ podendo alcançã este fim, pello menos naõ os ter por inimigos. Terceira, naõ podendo nem hum, nem outro, fugir de quem o agravar. A quarta, naõ se vingar quando o estiver.

Bust. Ros. serm. 33.
p. 3. lib. 5. fol. 303.
col. 3.

A este Microcosmos, ou mundo menor (como lhe chama Francisco Bordini Corrigiense) á imitacão do mayor, naõ faltaraõ quatro elementos, saõ elles: Entendimento, Razão, Alma, & Corpo; segundo Cornelio Agripa. A este lhe deu outros quatro; Espiritu, Carne, Humor, & Ossos. Quem quizer ver outros quaternarios

Bord. questor. &
Respos. Mathem.
1998. 134.
Agrip. occult. Philos.
l. 2. c. 7. fol. 135.
Aug. V. d. E. ned. Di
fal. 2. c. 6. fol. 9.

narios corporeos lea Hugo Viçtorino, os quaes deixamos por mostrar os q̄ a alma se consideraõ: a qual goza de quatro potencias. Entendimento, Razaõ, Phantasia, & sentido. Cartusiano affirma, q̄ a alma padece quatro paixões; Deleitação, Tristeza, Esperança, & Temor. Sufrentase em quatro colúnas, como diz Richardo, q̄ são: Prudencia, Fortaleza, Temperança, & Justiça. Hippocrates tinha pera si não ser a alma outra cousa, que o temperamento, & harmonia dos quatro humores, opiniaõ condemnada por erronia. S. Antonino affirma ferẽ quatro os fins pera q̄ Deos criara a alma racional, primeiro, pera q̄ entendesse qual era o sũmo bem, entẽ dendo, o amasse, amando o possuuisse, possuindo o gozasse. Em a cõposiçaõ do homẽ concorrem quatro cousas, a que chamaõ Alberto Magno com os mais dos Doctores: Homogeneas a saber, Humidade, Secura, Quentura, & Frialdade. Quatro principais mẽbros cõsideramos nesta fabrica do homẽ, como traz Galeno: & na temperança de quatro humores se lhe conserva a vida q̄ conforme M. Domenico Varchi, vem a ser, Sangue, Colera, Fleugina, & Melanconia. A vida do homem repartem em quatro idades principais & Infancia, Puericia, Mocidade, & velhice. As quaes Pythagoras como traz Laercio, proporcionou aos quatro tempos do anno. Na quarta idade (diz S. Ambrosio) alcãça cõ perfeiçaõ a sabedoria, & prudencia (q̄ de todos he julgada por mãy das virtudes) ja q̄. S. Thomas, & Navarro consideraõ serẽhe necessarias quatro cõdiçoes: *Præterita recordari, disponere præsentia, futura prævidere, & dubia suspendere.* Seneca no livro de quatuor virtutibus, Iacobus Zocchus, a Glossa verba Sanctõrũ, & Bustamãte aver nelle quatro virtudes Cardeais: Prudencia, Temperança, Justiça, & Fortaleza, significadas, cõforme Fr.

Cartus. in Naim c. 8. fol. 115. lit. A. Richard in Cant. cãt p 2. c. 32. fol. 507, c. 2.

Anton. sum. p. 1. c. 1. c. 4. col. 4. fol. 19.

Alb. Mag. de generi 10. 21. c. 3. fol. 17. col. 1.

Gal. ars parva c. 9. Varchi gener. del corp hum. an fol. 58 par. 1. Laert. Vit. Philos. lib. 8. fol. 48 3.

Amb. Hæxam. lib 2. fol. 162. 10. 1. 2. 9 S. Thom opusc. de virtut. & vitis opus. 71 Nau in c. frat. n. 3. de par. dist. 5. pag. 674. tom. 1.

Senec. de quat. viri Zoch. in repet. c. omnia viriusq; n. 172 de penit.

Bustamede anim. sac script. 10. 1. lib. 1. c. 20 fol. 347 fol. 300

DISCURSO I SOBRE A PERFEIC, AM

Laurel. Sylva alego.
pag 494.

Hieronimo Laureto, nos quatro rios, q no palacio do primeiro Adã tẽ seu nascimẽto; & diz S. Greg. a quẽ a Glõa cita, q assi como estes regaõ toda a terra; assi o solido edificio de nossa razãõ se contem nelles. Porq cõ estas virtudes se levãta a fabrica de toda a boa obra.

Solidum rationes nostra edificium, prudentia, temperantia, justitia, fortitudine continetur, quia his quatuor virtutibus toti boni operis instructura consurgit.

Opus in 2. part. de
creat. caus. II. q. 3.
fol. 215.
Richard. lib. 16. De
creatorũ c. 28. in fine
fol. 172. col. 1.

O humano juizo de quatro modos se perverte: por temor, cobiça, odio, ou amor, como relata demais da Glossa Buchardo. Destes quaternarios de hũ & outro mũdo mayor, & menor, q he o homẽ, se cõpoẽ outros quatro, q convem em hũas mesmas qualidades. O primeiro he o Ueraõ, Ar, Sangue, & a Infancia do homem, que todos saõ de natureza quente, & humida. O segundo, Estiõ, Fogo, Colera, & Puericia, que saõ de natureza quente, & seca. Terceiro, Inverno, Agua, Fleugma, & Mocidade, que saõ de natureza fria, & humida. O quarto, Outono, Terra, Melanconia, & Velhice, que saõ de natureza fria, & seca, como aponta Paulo Veneto, & outros Philosophos.

Vener in Metaph.
cap. 16 fol. 6.

No que temos relatado se alcança, que toda a conservaçãõ desta machina do homem consiste no tẽperamento do numero quaternario; assi nos espiritus vitaes, como animados: a armonia dos quaes, por algũ accidente dissoluta morre o corpo.

A este depois de sua resurreiçãõ daõ os Doutores Theologos quatro dotes, a saber: Impassibilidade, Agilidade, Claridade, & Subtileza.

Naõ sãõ estas cousas, saõ ordenadas neste nũmero; mas ainda concordãõ todos, em que as criaturas saõ em quatro graos: Intellectivas como os Anjos: Racionais como os homens: Sensitivas, como os brutos; &

vege-

vegetativas como as pedras, & plantas.

Em a natureza (que se comprehende, como diz

Onciaci, em quatro termos, que são: Substancia, Qualidade, Quantidade, & Movimento. Quatro são os principaes: Subir, Descer, Andar direito, & Circular.

O mundo tem quatro pontos Cardeaes: Oriente, Ponente, Septentrião, & Meyo dia como testemunha Pedro Berchor. Donde veyo a dizer Lorino: *Quatuor*

esse Evangelistas, propter totidem mundi plagas, per quas deferendos esse Evangelium. Quatro ventos principaes sopraão a terra, como o ensinou o Senhor quando ao Propheta Ezechiel mostrou aquelle campo de ossos, que

*reviverão (figura da saída dos filhos de Israel do cativeiro) & lhe disse: *A quatuor ventis venit spiritus.* Lyra*

expondo este lugar, pellos quatro ventos, entende as quatro partes do orbe, em que se significão quatro mysterios, pelos quaes vem os homens ao Espiritu Sancto

significado no espiritu do vento. Estes são, o sancto Nascimento de Christo, que se chama Oriente, sua Paixão sagrada, tomada pello Occidente. Sua admiravel

Ascensão, que por razão do augmento de luz, com q̄ triumphante penetrou os celestes Orbes: se chama Austro. Sua espantosa vinda no tremendo juizo, que

se chama Aquilo, por razão que deste mysterio nasce o espiritu do temor.

A perfeição do anno se reparte em quatro estações, Verao, Estio, Outono, Inverno. Donde tomou fundamento Maldonado pera dizer, que este foi o respeito de haver quatro Evangelistas, ja de antemão significados em os quatro animais da visão de Ezechiel, que por elles entendem os mais dos Doctores. A terra he regada com quatro principaes rios: Ganges,

Tigris, Nilo, & Eufrates. Os quaes diz Cornelio Alapide,

Onciac. numeral. locor. de quatuor.

Ped. Berchor. diffio. moral. tom. 3. li. 2. fol. 101.

Lorin. in act. Apost. cap. 1. v. 13 fol. 43. col. 2. lit. D. E.

Ezech. cap. 27.

Lyra in cap. 27. Ezech.

Maldon. in Mattha. c. 24. col. 233. lii. B.

DISCURSO I. SOBRE A PERFEIC,AM

*A lapide in Eccles.
cap. 24. fol. 84.º. col.
1. lit. C.*

pide denotaõ a sabedoria de Christo. A mesma terra foi repartida em quatro partes, Asia, Africa, America, & Europa. A que responderaõ outras tantas Monarchias: Affirios, Persas, Gregos, & Romanos; figuradas na estatua de Nabuco, segundo Thomas Stapletonio, & o nosso Bispo Silvense, Alvaro Pelayo. Quatro geraçoens produz a terra: Plãtas, Frutos, Animais, & Homens. Quatro saõ as potencias naturais: Attractiva, Retentiva, Digestiva, & Expulsiva. Vendo Photti tantas maravilhas encerradas neste numero, disse: *Quaternarij Numeri, Fons ipsi est naturalium effectuum. atque natura claviger.* E Andre Tiraquello: *Quaternarium numerum, seu quaternitudinem ideã quandam esse omnium, quæ creata sunt.*

*Søeplet. de mani.
Rem. Eccles. l. 1. c. 1
Pejay. de Plant. Ec-
cles. l. 1. c. 43. fol.
33. col. 2.
Phor. Bibliot. fol. 463
Tiraq. de Prescrip.
§. 1. gl. 4. n. 3.*

Naõ só criou Deos o mundo mayor, & menor, & as mais partes delles, em o quaternario, como temos mostrado; mas fez tanto caso delle, que na sagrada Scriptura poucos saõ os livros emque se naõ repita este numero.

Quem por curioso o quizer notar, por mais brevidade, lho mostrarã a Concordancia da sagrada Biblia. A qual em o Genesis conta que Ioseph no Egypto per mitio ao povo as quatro partes dos frutos da terra: *Quintam partem Regi dabitis: quatuor reliquas permitte vobis in sementem.* E no Exodo manda Deos que por hũa ovelha restituãõ quatro. E tratando das ceremonias do Tabernaculo, falando na fabrica da Arca diz: *Et quatuor circulos aureos, quos pones per quatuor arces angulos.* Tratando do racional do Sacerdote diz: *Ponesque in eo quatuor ordines lapidum.* E finalmente havendo este divino Legissador dar leys a seu povo no Levitico, mã da, que das arvores que plantarem sanctifiquẽ os pomos em o quarto anno, & entam os comaõ.

Gen. c. 47. n. 24.

Exod. c. 22. n. 1.

Ex cap. 22. n. 1.

Ex cap. 25. n. 12.

Ex cap. 28. n. 17.

*Levit. c. 19. n. 23.
24. & 25.*

Deixo

Deixo outros lugares, como os do livro de Iosue da repartição das terras. Os do livro de Iudith chorarẽ os Galeaditas a filha de Iepthe. E dos Reys chamar Deos Samuel quatro vezes, q̃ por não causar molestia demito. A semente que os jornaleiros divinos à terra lâçaraõ, no q̃ se entende a palavra de Deos, cahio em 4. partes, como lemos em S. Lucas, & expõe S. Uic. Ferr.

O novo, & velho testamento em quatro partes, ou livros se divide: em Legaes, Historiaes, da Sabiduria, & Prophetas, como traz Dionysio Paulo Lopez, de vera quat. Patriarch. Quatro sãõ os Sentidos, que os Doutores daõ à lição da sagrada Scriptura, como dizẽ Sãct-Pagu. Ioaõ Vignerio, Lorino, & Lelio Zecchio: Historico, Allegorico, Tropologico, Anagogico. No Historico ensina os feitos, no Tropologico o que se deve fazer, Allegorico, o que se deve crer, & no Anagogico o que se deve desejar, conforme Cassiano. E como o testamento velho chegou a muitos dos Philosophos antigos, do que testemunhaõ Iustino, Theodoro, Clemente Alexandrino, & dells tomaraõ o ornato de suas fabulas, como mostra S. Agostinho dizendo atribuirem a Hercules, o que conta a historia sagrada de Sansam. E Beda, que a fabula de Phaetonte do rapto de Elias a tomaraõ. E Frey Fernando Escalente: *Pythagorvs, multa de doctrina Moyses in suam transtulit Philosophiam.* O que vendo seus sequazes nella, & alcançando o muito caso que deste numero se fazia, o tiveraõ por sagrado, como diz Beroaldo: *Quaternario inter arcana venerari.* Donde lhe naceo serem seus mayores juramentos por este numero, como sagrado; o que Philolao relata nos seguintes.

*Testor eum numeri nobis arcana quaterni,
Qui tribuit, rerum causa, fontisq; perennis.*

E Raphael Volaterrano

B

Iuro

*Iosue c. 19 n. 7.
cap. 21. n. 18.
Iudith. c. 11. n. 40.
Reg. 1. c. 3. n. 4.
Luc. c. 8.*

*S. Vic. Fer. serm. de
Dem. sexag.
Dionys. Paul. Lop.
de Patriarc. cap. 12.
pag. 122. n. 45.
Pagnin Vig. de lit.
sac. c. 18. fol. 13
Vigner. in instit. ad
Christianam. Theol.
§ 136. vers. 1.
Lorin in act. Apost.
c. 1 vers. 13. fol. 44.
col 1.
Zach tract. de Theol.
c. 6. propos. 2.
Cassin. Cathol. glor.
mund p. 3. confid. 36.
distin. Apolog. 2. sel.
213.
Theod. 2. princip.
Alexand. lib. Germ.
Aug. de civit. Dei
lib. 1. cap. 19.
Beda. lib. quast. q. 18.
Escal. Clip. confonat.
lib. 5. c. 37. p. 1124.
Beroal in Apulic. lib.
21. pag. 626.
Philol. in aur. carm.
Uolat. Philolog. 1. 35
de Arithm. fol. 405*

10 DISCURSO I. SOBRE A PERFEIC,AM

Pol. 1.5. *historiar:*
Luci. n. *Uict.* pag.
189. & libello Pro
eo pag. 271.

Macob. *somnic.* l. 2.
c. 5 c. 10. fol 134 v.

Tiraq. in eo fol. 655

Rosfel. *com. n. in Pi-*
mand. tom. 1. lib: 2.

com. II. l. q. 1. cap. 3.
fol. 28. col. 2.

Valeva. *diction* f. l.

402.

L. o Pap. *Archid.* l. 9

c. 5 fol. 339. n. 33.

Innoc. 3. *serm.* 3. de
consec. Pōtis. maxi.
Abb. c. illud n. 4. de
presumpt.

Couar. *de spons.* p. 2.
c. 4. n. 3:

Anast. *Germ.* l. 2.

Animad. veri c. 8.

Concil. *Colonies* p. 7.

scil. 41 fol. mihi 84.

Catechism p. 2.

de sacram. matrim.

cap. 8 n. 13. & 14.

pag. 284.

Vivald. in *candelab.*

aur. tit. de sacram.

matrim. n. 117

*Iuro ergo per sanctum pura mihi mente quaternum,
Æternæ fontem, nature, animæq; parentem.*

Polibio, Luciano in *uictarum* aução; & em o libel-
lo.

Pro eo quod inter palutandum verbo Lasus fuerit &c. Maco-
bri in *somno* Scipionis. Pythagor. in *carminibus* au-
reis. Alexander ab Alexandro, & Tiraquello *affirmaõ*
o que vemos relatado. Donde veyo a dizer Frey Ha-
nibal Rosselo: *Est enim numerus sacer, multarum dignita-*
te rerum conuatus. E Affonso de Ualença: *Quaternarius*
numerus sacratus dicitur. Leaõ Baptista Alberto: *Il quar-*
to numero, è consecrato a la diuinita. Se ja não foy por cõ-
siderarem, que ornando o divino Espofo a Igreja san-
cta de varias perfeições, não permittio lhe saltasse a do
numero quaternario. Nella se celebraõ quatro gene-
ros de desposorios. Hũ entre o varaõ, & legitima mu-
lher. Segũdo entre Christo, & sua Igreja: Terceiro en-
tre Deos, & hũa alma: Quarto entre o divino Verbo,
& humana natureza. O que alem de o testemunhar o
Texto sancto, advertio Innocencio III. em seus Ser-
mões. No acto do desposorio se dava hum anel a des-
posada, & lhez punhaõ no quarto dedo, que responde
ao coraçãõ, como especula o Abbadẽ Panormitano
in cap. *Illud*, & Couarrubias, nõ que se observava ou-
tras varias considerações, como traz Anastasio Ger-
monio.

O matrimonio por quatro cousas foy instituido:
Propter societatem mutui auxilij; altera propter infirmitatem
incontinentiæ; Tertia, propter suscipiendam legitimam prolem;
Quarta, ut esse signum & figura conjunctionis Christi cum san-
cta Ecclesia; como do Concilio Coloniense, & Catechis-
mo Romano colhe Alphonso Vivaldo.

A visivel cabeça da Igreja Catholica com quatro
letras

letras se nomea Papa, como largamente mostra Dionysio Paulo Lopes, refutando a opiniaõ de não serem cinco, escrevendose com dous Pp. Este summo Pastor todas as vezes que em publico vay fora, leva diante de sy quatro chapeos de veludo vermelho, sobre quatro baculos, como aponta Gonçalo Ponce de Leão.

Lop. de vera quat. Patriarch. c. 13. pag 132 n 18 19. Leão sanctis Dei sodalit. c. 17. in §. pro cedit tuum.

Deixemos de ponderar outros muitos quaternarios, que nelle, & nos Patriarchas, Arcebispos, & Bispos, consideraõ os Doutores, & as considerações que tiraõ das quatro Cruzes que trazem o paleo de q' vsaõ. E vejamos como ordenou a sancta Igreja com grande acordo, que no Romano Breviario o cõmum dos Sanctos, em quatro partes se dividisse: Apostolos, Martyres, Confessores, & Sanctas. A sobre todas Virgem sanctissima digna de todo louvor, como canta a Igreja com quatro Antiphonas dos quatro tempos do anno a louvamos. & invocamos.

Durand. Rational. lib. 3. c. 18. n. 8.

De quatro cores se vsa em os divinos officios; vermelho, verde, branco, & negro, conforme Guilherme Durando.

Quatro Doutores celebra a Igreja Latina, & outros tantos a Grega. Quatro Ordens Mendicantes admittio; Heremitas Agostinhos, Carmelitas, Dominiccos, & Franciscos.

Gloss in rubr. de summa Trinit. in fin.

Quatro saõ os symbolos que nossa Fé venera; o dos Apostolos, Athanasio, Nisseno, & Lateranense, como refere a Glossa. Os sagrados Apostolos quatro Cõcìlios celebraraõ. Primeiro, o da eleiçaõ do glorioso S. Mathias. Segundo, o da eleiçaõ dos sete Diaconos. Terceiro, sobre não obrigarem a Circuncisaõ. Quarto de *Permissione legalium ad tempus, donec Synagoga cum honore sepeliretur*. Em os que a Catholica Igreja ordena, quatro se tem por mais principai. Os generos dos

Act. cap. 1.

cap. 6. & 15. cap. 21.

que costuma saõ quatro; Synodaes, q os Bispos cõ seu clero cõstitue, Provinciaes, q os Arcebispos cõ seus suffraganeos tem. Terceiro Nacional, ou Patriarchal. q os Patriarchas com seus Arcebispos fazem. Quarto, General, ou Ecumenico, o qual o Sũmo Pontifice celebra cõ toda a Igreja, como explica o eminentissimo Bellarmino. A concordancia destas quatro Epitectos lhe de- raõ: *Vna, Sancta, Catholica, & Apostolica*; como toca o Ca- techismo Romano, & o refere o mesmo Bellarmino.

Quatro princi paes beneficios (como diz Ioaõ de Sel- va) recebemos da maõ poderosa do Altissimo, que saõ: *Creação, Redençaõ, Justificaçaõ, & Glorificaçaõ*. Pelos quais em o sacrificio inuento do Altar lhe damos graças, dizendo: *Dignum esse, justum, æquum, & salutare. Dignũ*, por nos criar por sua propria vontade: *Iustum* por nos redimir por sua misericordia: *Æquum*, por graciola- mente nos justificar: *Salutare*, por nos glorificar, co- mo eruditamente expõe Lelio Zecchio.

Os antigos, conta Alexander ab Alexandro, que a Ara sobre que immolavaõ era quadrada. Assi (& muit- to mais congruente) a sagrada pedra sobre a qual ministramos a Deos vivo, & verdadeiro, & consa- gramos o sacrosancto corpo de seu filho nosso Senhor Iesu Christo, he quadrada, conforme o Texto *in cap. Altaria*; & o toca o mesmo Lelio Zecchio, & Cocchus.

Naõ nos seja notado tratar tam largamente neste numero, pois nos serviraõ de menoscabo, naõ relatar os altos mysterios, que na cruenta paixãõ do Senhor nelle se encerraraõ; pois vemos que do dia em que o divino Amante resuscitou a Lazaro quatruiduano; desse mes- mo começaraõ os Iudeus de lhe procurar a morte. Em este acto chorou o Verbo humanado por quatro cou- sas, que pondera o doctissimo Alvaro Pelagio.

Conhe-

Bellarmino, in controv.
lib. 1. c. 4. 10. 2. pag.
242.

Catech. Rom. p. I. c.
10 n. 14. 15. 16. 17.

pag. 87

Bellarmino, controv. 10. 2.
lib. 4. c. 3. de vot. Ec-
cles. pag. 285.

Selva, in tract. de Be-
nif. p. 1. q. 2. n. 21.

Zecchio, in tomo de Sa-
cram. in tract. de mis-
s. cap. 16.

Alexander ab Alexandro, 14.
Genial. dier. cap. 17.
fol. 112. vers.

Textus, alter. de cõsec.
dist. 1.

Zecchio, in tract. de
miss. c. 11.

Cocchius, l. 5. tit. 6. de
miss. n. 45.

Pelagius, de Plat. Eccl.
l. 2. c. 5. fol. 18. col. 1.
post med.

Conhecendo o Senhor era chegada sua hora, & querendo por alivio das saudades, que o amor dos homens lhe causava, ficar sacramentado entre elles até o fim do mundo; naquella ultima Cea, q̄ com seus Discipulos celebrou, trausubstanciando as substancias de pão, em as realidades de seu sagrado corpo, de quatro palavras vzou, dizendo: *Hoc est, corpus, meum*, nesta conformidade no lo deixaraõ escrito os sagrados Evangelistas, Matheus, Marcos, & Lucas. E reparãdo q̄ no sacrificio da missa dizem os os Sacerdotes: *Hoc est enim corpus meum*. & neste modo ficaõ cinco, se deve aduertir naõ ser da essencia do Sacramento a dicçam, *Enim*; assi o ensina o Catechismo Romano, & o disputaõ Nicolao de Plove, Alphonso Vivaldo, & outros.

Preso em o Horto o innocẽte Cordeiro por aquella iniqua cohorte, a quatro malvados juizes foi levado. Annás, Cayphãs, Pilatos, & Herodes: foi acontado por quatro crueis ministros, como insinua Ioaõ Taulero. Neste tormẽto usaraõ de quatro instrumẽtos: *Funbus, ferreis (scorpionibus, cathenis, & virgis spineis*; segundo o expõe Francisco Soares, & outros.

A vestidura sagrada quatro soldados a dividiraõ em quatro partes; assi o affirma o sagrado Texto. Por quatro principaes causas elegeo o Senhor a morte de Cruz q̄ a Gloss. refere. Posto nella foi de seus inimigos tido pelo mais infimo de todos os homens, assi o tocou S. Hieron. sobre Isaías: *Despectus erat, & ignobilis quando p̄ debat in Cruce, & factus pro nobis maledictus, peccata nostra portabat*. A qual ignominia, & afrõta crecia po razãõ de quatro circũtãcias, q̄ entre outras alli cõcorrerãõ, segũdo as advertio Nicol. de Lyra sobre as palavras q̄ do Redetor disse o Apostolo: *Qui proposito sibi gaudio sustinuit Crucẽ cõfusione cõtẽpta*. A primeira foi do lugar, por pade

*Mat. c. 27. n. 26.
Marc. c. 14. n. 22.
Luc. c. 22. n. 19.*

*Catech. Rom. p. 2. c. 4.
n. 19. & 20. pag. 183
& 184.*

*Nicol. de Plov. in
trañ. Sacram. tit. de
Eccles. pag. 78.*

*Vivald. Candel. aur.
p. 1 de Sacram. n. 20
Tauler. de vii. &*

pass. Christi. c. 24.

Soar. to. 2. p. 3.

D Thom. q. 46. art.

8 disp. 35 scđ. 2.

Iuan. c. 19. n. 23.

Gloss. in verb. cruc. in

Clem. I de sum. Tri-

nit.

Hieron. lib. 15. in

Isai. cap. 12.

Lyra ad Heb. 12.

em a cidade mais celebre do mundo. Segunda, do tempo, padecendo em o primeiro dia da Paschoa, quando avia mais gente. Terceira, da companhia por ser a de dous salteadores. A quarta, ser pouco antes tam celebre sua entrada em Hierusalem. A causa que Pilatos deu a sua morte se escreveo com quatro dicções: *Iesus, Nazarenus, Rex, Iudæorum*. De seus ministros faz grandes discursos Frey Pedro de Medina nas excellências da Cruz; & das quatro medidas deste sagrado lenho, Ruperto Abbade, & Ioaõ Molano. No que manifestamente se mostra não ser vicioso, nã cair nos achaques de inutil o tratarém os deste numero, quando o Omnipotente em seus proprios actos, o quiz honrar, & acreditar.

Exp. n. Evang. Ioan.
cap. 19.
Molan. de hist. s.
mag. l. 3. c. 17

DISCURSO II.

Mostrase o caso que nas Sciencias, & Artes se faz do numero Quaternario.

BEm se satisfazia por mayor louvor deste numero, fazer tanto caso d'elle em suas obras, aquelle Senhor que as occultas qualidades das cousas conhece. Com tudo elle nos dará licença pera que mostremos, que ainda os faltos destas noticias o honraraõ tanto, que o tem por perfeição de todas as sciencias, como expõe Frey Marino Mersenio, & Roberto de Flud.

Mersen. in Gen.
cap. 2. vers. 2 4. col.
1176.
Flud. to. 2. lect. 1. lib.
1. de divin. numer.
cap. 7 fol. 32.
Cantuar. spec. c. 27.
Petavio lib. 1. c. 5.
§. 1. pag. 3. tom. 1.
Alap. Proam. in
Evang. col. 1. c. 2.
lit. C.

Edando principio por aquella, que tem por objecto tratar do que sem elle não tem fim. Enfina a sagrada Theologia, que de quatro maneiras podemos conhecer a Deos, como traz Edmundo Cantuarense, Dionysio Petavio, & outros. E Cornelio Alapide, que quatro principaes attributos ha em este Senhor: Bondade

dade, como aponta S. Agostinho, incorrupção, cõforme Justino Martyr, que diz: *Nam solus Deus ingenuus, & incorruptibilis est.* Immortalidade Gregorio sancto nos Morais: *Deum in mortalitatem habere; & da immutabilidade Isidoro: I deo solus Deus dicitur immortalis, quia solus Deus immutabilis est.* E Hugo Victorino: *Deus immutabilis est.* E todos os Theologos concordão aver em este divino Senhor quatro relações ad intra.

Na Philosophia tem este numero seu lugar, pois os que a trataõ, affirmãõ serem quatro os termos em que a natureza comprehende todo o genero de cousa: Substancia, Quantidade, Qualidade, & Motu; como temos dito. E Alberto de Saxonia no livro de Cælo, & no de Generatione: *Quatuor esse qualitates motivas.* L. A. Commenij diz serem quatro os elementos da Physica. E Ioannis Valcaninis, que quatro cousas sãõ mixtas: Metais, Plantas, Pedras, & Animais. Em a Metaphysica, se conhecem quatro termos: *Esse, Essentia, Virtus, & Actio,* segundo Cassaneo.

A Philosophia moral se comprehende em quatro virtudes, a que chamaõ Cardeas, de que ja fizemos menção.

As sciencias Mathematicas sãõ quatro. A Geometria de quatro cousas faz speculaçãõ: Pontos, Linhas, Planicies, & Profundidades. Nella a figura quadrada he a mais solida, & perfeita, conforme o traz Gentiano Herveto. Onde veyo a dizer Bartholameo Anglo significar esta figura a firmeza de nossa Fè.

Na sciencia Arithmetica em a multiplicação das partes do quaternario, que sãõ: 1. 2. 3. 4. se forma o numero denario, perfeito, & universal entre os Arithmeticos, & extremidade de todo o numerado; como assevera Eusebio Pamphilo, por razão de tornarem a

Aug. de Trinit. li. 8 cap. 3.

Infin. colog. cum

Thyph. fol. 44.

Greg. in Moral. l. 12

cap. 17.

Isid. de summo bono

l. 1. c. 1.

Hug. de Trin. sum.

l. 7 c. 19. col. 2. fol.

49. tom. 3.

Saxon. lib. 3. q. 6.

col. 4 fol. 102. lib. 2.

q. 3. col. 2. fol. 121.

Comen. idea mund.

cap. 1. fol. 9.

Valcan. comm. in

Phys. l. 2. c. 26. fol.

338.

Cass. in. Cath. glor.

mund p. 2. consider.

1.

Hervet. lib. 6. in

strom. Clem. Alex.

fol. mihi. 855. lin.

56.

Anglo de Propriet.

reru lib. 19. c. 117.

fol. mihi 1223.

Pamph. de laudib.

Constant erat. in hist.

Eccles. fol. 671.

elle

Chalc. cōm. in Timeō
fol. 108.

Jacob. Bozio de Tri-
umph Cruc lib. 1. c.
3. pag. 8. lit. D.

elle depois da unidade; como aponta Chalcidio. E da-
qui lhe chamaõ, *Apostolesmaticon*, que quer dizer: Nu me-
ro perficiente, por dar cõplemento a melhor raiz qua-
drada, assi do numero centenario, como millenario.
cubo da eternidade; epitheto que lhe dà Jacobo Bozio.
He este numero Quaternario a summa dos primeiros
quatro numeros cubos; o que se conhece pondoos na
ordem seguinte. Dando principio pela unidade, se
acha o numero de cento, de que he raiz quadrada o nu-
mero denario, perfeito pelo Quaternario, como mo-
stra o exemplo.

1. 2. 3. 4. | 10.
1. 8. 27. 64. | 100.

de que se cõlhe a força deste numero em as cousas da
natureza, pois saõ limitadas as que sem elle se nume-
raõ, & conseguẽ perfeiçam. Assi o reconhecem os As-
trólogos, repartindo nelle o anno, & entrãdo o Sol em
o signo de Aries fazem o Veraõ; entraudo em Cancro o
o Estio; o Outono em Libras; & o Inverno em Capri-
cornio; cousa que os moveo a chamarem moviveis a
estes signos.

Iansen concord. Evãg
c. 142. pag. 1026.
col. 2.

Baron. to. 1. ann. 34.
vers. 162. pag. 251.
Alman. prop 117
Telin. lib. 2. c. 19.
fol. 100.

Ptolom. in syntag.
astronom. lib. 4. c. 6.
& lib. 5. c. 3 & 5.
Zarlino. instit. harm.
part. 2. c. 2. fol. 71.
Ficino in Timæum
cap. 21. fol. 462.

Em quatro partes dividiraõ os Hebreos o dia natu-
ral, & civil, conforme Cornelio Iansenio, & Baronio,
& muito antes Almançor, & a cada seis horas delle,
daõ hũa parte do anno, como tocou Plinio, & Ptole-
men.

Superflua cousa seria se nos puzessemos a mostrar
na musica as observancias deste numero, cõprehen-
do todas suas consonancias, cõforme Zarlino, & Mar-
filio Ficino. nestas palavras: *Quaternarij limites*, *Dupla*,
Tripla, *Quadrupla*, *Sesquialtera*, *Sesquitercia*, *Diapason*,
Disdiapason, *Diapente*, & *Diathefaron*, &c. E dentro deste

nume-

numero se ordenarã a principio, tendo todas as mais por dissonancias, conforme muitos Authores dizem, & nós mostraremos.

Pamphil ut sup.

Na Grammatica, diz Pamphilio: *Quatuor sunt distincta loca circa quæ versatur.*

Em as Artes não faltou este numero em sua disposição. Na Medicina se consideraõ quatro hervas emolientes: *Malvam, Althæum*, id est, *Malvasco, Violam, & Martiam*. Quatro castas de sementes são em ella principaes; a de *Coriandrum, Glycyrrizam, Arisum, & Feniculum*.

A pintura quatro são os generos que a fazem perfeita: *Divina, Natural, Meral, & Fabulosa*; como traz Antonio Possevino, & D. Iuan de Butron. Quatro são as cores simples: *Branco, Negro, Vermelho, & Amarelo*.

Possev lib 17. c. 33 fol. 335.

Bur disc. Apolog. disc. 4 fol. 9.

Na arte militar tem por mais seguro o alojamento quadrado: *Quatuor namque (diz Roberto Valturio) angulis eorum dimensio designabatur.* E Egecio: *Omnia bellica ad quatuor genera reduci: Campestre, Obsessivum, Defensivum, & Naturale.* Quatro classes constituo a Romana Republica, pera todas as cousas tocantes à milicia; assi o relata Vvolfango Lazio. Ao alojamento de hũ exército lhe designavaõ Quatro entradas; & em Quatro vigílias a guarda nocturna. Consta do Texto sancto no Exodo, no livro dos Juizes, Trenos, & em S. Matheus contando apparecer o Senhor a seus Discipulos diz: *Quarta autem vigilia noctis venit ad eos.* E S. Lucas tratando dos bons, & vigilantes servos: *Et si venerit in secunda, & si in tertia vigilia venerit, &c.* O que largamente trata Marcello Francolino de Tempore horarũ Canoniarum.

Valtur. de re milit.

lib 7. c. 4. fol 129.

Egid. de regim. princip. p. 3. c. 15.

Lazio de Rep Rom lib. 6. c. 3.

Exod. c. 14. n. 24.

Jud. ih. c. 7. n. 11. & 19.

Ierem. Tren. c. 2. n. 19.

Mat. c. 14. n. 25.

Luc. c. 12. n. 38.

Francol de temp. horarũ p. 1. c. 1. n. 1.

Bos. triup. Cruc. l. 1

c. 5. fol. 16. lit. C.

A este numero tem Iacobo Bozio, & o P. Sebastião

C

Barra

Barrad. 10. 3. Concord
Evang. l. 1. c. 21. n.
13. & 14. fol. 24.
Mald. tom. in 20 cap
Mat. c. 5. col. 122.
lit. D.

Ulpian. in l. 1. ff. de
jest. & jure.
O. l. fred. in d. §. hujus
studij, verb. imparitū
est.

Polid. Virg de in vêt.
recom lib. 2. c. 1.

Son. le just. & jurel.
1. q. 2. art. 2.

Conrad in templ. omni.
jud. l. 1. c. 1 § 3. n. 12

Porcio in inst. nu 18.

Richio in tract. de
unione proliū c. 3. n. 5

Nicasio § sed. & quod
Princip. n. 3. in flit. de
jure natural.

Ancharan. quest 1. 3
q 26 fol 141. n. 4 col.
1.

Decret. de sepult. l. 3
iii. 23. 6. 8. col. 4. fol.
258.

Bald. conf. 368. p. 4.
col. 2 fol. 6.

Fontanel. c. 1. de pass.
nupt. claus. 5. glos. 8.
p. 12. fol. 185. n. 2.

Bart. in l. in ff. cōm. f.
n. 5. ff. ad treb fol 148
Spec. li sup. 1. c. 1. fol. 259
n. 8.

Barradas por symbolo da igualdade, & justiça. Donde devia nascer darem aos Judeus (como traz Maldonado) quatro capitaes castigos: *Strangulationem, Gladiū, Lapidationem, Combustionem*. O Dereito Civil, & Canonico se ordena, & governa por este numero, porque ainda que Ulpiano diga ser o Dereito Tripartitū, são muitos que *Quadrupartitum* o consideraõ; & não sō aquelle, que a divisaõ de Ulpiano acrescentou o Dereito Pretorio (reprehendido de Odofredo) mas Polidoro Virgilio diz: *Ius aliud esse Naturale, aliud Gentium, tertiu Civile, & quartum Canonicum*.

As virtudes das Leys são quatro; *Imperare, Vetare, Permittere, & Punire*. l. legis virtus ff. de legibus. E o adverte Dominicus á Soto. Tem quatro formas de interpretações, conforme o observa Conrado; *Declarativa, Arctativa, Extensiva, & Correctiva, seu Abrogativa*. Outras particularidades observaõ os Juristas neste numero, q se pódem ver em Christovão Porcio, Iacobo Richio, Nicasio, Ancharano; & nas Decretaes de Gregorio se aponta o seguinte: *Ecclesia Parrochialis debet habere quartam partem testamenti*. Sobre o que se veja Baldo de Perusio, & Joanne Petro Fontanella, que diz: *Mulier solum est usufructuaria istius quartæ, & proprietas liberis reservatur*.

E pretendendo os curiosos não lhe ficar nada por examinar, vejaõ Bartolo de Saxo Ferrato, Joanne Patrucio de Monte Sperello, Alberto Trofio de vero, & perfect. Cleric. Paulo de Castro, Bartholomeo Bellẽcino de Char. subsidio, Lanceloto, Surdo, Soto Mayor, Fran-

Trof. lib 1. c. 30. tract. Doct. vol. 2. fol. 276. col. 4. Cast in l. non dubium n. 5. C. de legib. Bellenc. in tract. Doct. vol. 15. q 50. fol 49 col. 1 Lancel in L. fid. C. fam. ex eis vol 7. Repet. fol. 338 n. 118. surd Decis. 8 n. 11. Soto Mai. de usufr. l. 1. c. 45 n. 23. Abant. de conject. tom. 4. l. 822x

Francisco Mantica, & outros que fallão nesta materia.

E sobre seus louvores alem dos referidos, Cyrilo in Evangel. Ioannis, Ireneo, Anastasio, S. Thomas, Vincencio Regio, Fr. Claudio Rangolio, Francisco Iorge Veneto, Neplero de Quaternario.

Tornemos ao sagrado. Foi este numero tam bem afortunado, que o escolheo Deos pera sy, & pera dar a seus mimosos. Conta o Evangelista S. Lucas, que elegendo Christo nosso bem doze discipulos, que nomeou Apostolos, pera a restauraçam do mundo, & propagaçam da Christandade, os nomea na forma seguinte: *Petrum, & Andream, Iacobum, & Ioannem, &c.* pondo o Chronista sagrado, cuja penna o divino Spiritu regia, a delicia de Christo, o Evangelista no quarto lugar por mimoso, & amado do Senhor.

Com este termo se houve Deos com Portugal, povo, & mimoso seu, que havendolhe depois de sua atenuaçam dar restaurador, que proseguisse a propagaçam do Evangelho entre a gentilidade do Oriente; poz el Rey Dom Ioaõ o IV. em o quarto lugar dos de Portugal: que como este nome, Ioaõ, he graça do Senhor, & misericordia suas; era bem não fosse outro nome, senão este, o que nos restaurasse, composto de quatro letras, & na nominaçam do lugar quarto.

Tomou Deos a este numero tanto em seu patrocinio por idèa de perfeiçam, como diz Francisco Cataneo, & o honrou tanto, que foi servido nomeassem todas as nações seu sancto nome; (& ainda os Barbaros aquelles que davaõ culto) com quatro letras.

A objecçam que nos podem pdr he, no Sancto de Iehová, dizendo he denominado com mais, no que se mostra ser falso nosso sentir. Não negamos teraõ razão se o pronunciarmos em o nosso idioma, mas na ori

Cyrl. l. 2. c. 123. fol. 178.

Iran. lib. 3. c. 11.

Anast. quest 65. in script.

S. Thom. Opusc. 71.

Regio dilucid. denov.

& vet. testam. praf n.

16.

Rangol in 1 Reg. c. 2.

& 26. col 411.

Venet. harm. mund.

c. 13. cant. 1. fol. 5

vers.

Nepler. de quatern.

Luc. c 6. n. 14.

Catan. discours. 2. d' amore c. 2 fol. 109.

Gomes in d. c. cum in
multis, n. 87. de res-
cript. in 6.

Bocch. Monopanthon
herm. p. 1. l. 2. cent. 4.
fol. 138. col. 1.

Medin. l. 2. cap. 3.
pag. 3 17.

Saxo grammat. hist.
Daniel 2 fol. 13.

& l. 6. fol. 55.

Io. Mag. hist. Goth.
l. 1. c. 9. fol. 16.

Olao Mag. de gent.
sentention. l. 3. c. 3. 4
fol. 100.

Olao Uver. lib. 1. c.
4 fol. 100.

Vrasch. reantes,
Cyzem. l. 1. c. 4 fol.
10.

Alex. Strom 5. fol.
576.

Cus. excit. lib. 1. in
princip.

Calep. diction. lit. D.
fol. 413.

Herrer. hist. gen. das
Indias Decad. 1. c. 3

lib. 3 fol. 83 col. 1 &
ca. 4 fol. 87. col. 1.

& 2.

Fr. Alons. hist. Eccle.
l. 1 c. 1.

Gorop. Hierog. l. 1. 10.
fol. 41.

Hermat. lib. 6. fol.
125.

Cayde in Psalm. 1.
fol. 5. col. 2 tom. 3.

20 DISCVRSO II. SOBRE A PERFEIC, AM

ginaria lingua dos Hebreos, fica corrente minha pro-
posta, pois lhe não consideraõ mais que quatro letras,
como pondera Ludouico Gomes, & daqui lhe chamaõ
Tetragramaton, segundo Frey Hieronymo Bocchio, as
quaes saõ: *Iod, Sin, Vau, Aayn*, como aponta Frey Pe-
dro de Medina nas excellencias da Cruz.

Vêse melhor nesta nossa verdade, em que os Per-
sas a Deos chamaõ *Syre*; os Assyrios *Adad*; os Cal-
deos, & Indios, *Esgis*; os Gothicos, ao seu maior cha-
maõ *Odems*; os Suecos *Thor*, do que testemunhaõ Saxo
Gramatico, Ioaõ Magno, Olao Magno, Olao Vvermd.
Danicorum monumentorum, & Ioannes Vvasstheuius
in præfatione ad vitas Sanctorum. Os Macedonios
conforme Neantes, Cyzessenus, & Clemente Alexau-
drino em suas preces, invocavaõ *Bedy*; os Mahometa-
nos, *Addis*; os Arabes, & Turcos *Allà*, por testemunho
de Angelo Coninio, os Etiopes *Alau*; os Magos *Orsi*; Sar-
racenos, *Abgd. Valacos Zeul*; Zingenus *Odel*; Polo-
nicos, & Esclavonios *Boog*, conforme Niculao de Cu-
sa. Os Boemios, & Sarmatas *Buut*; os Tartaros *Isga*;
assi o ensinua Ambrosio Calepino. Os moradores do
novo mundo ao seu Deos chamavaõ (como dizem An-
tonio de Herrera, & Frey Alonso Fernandes) *Cemi*.
Os Belgicos, *Godt*; os Germanos *Gott*. *Goropio* affie-
ma com *Hermatene*. Os Castellianos *Dios*; os Portu-
gueses *Deos*, os Francezes *Dieusos* Italianos *Idio*; os
Gregos, *Egyptios*, & Vngaros com quatro letras o no-
meaõ, como o inõstra *Cayetano*. & muitos Authores.
E pôdo o Ceo nome ao Verbo encarnado lhe chamou
Iesu. Este sanctissimo nome nos seja guia pera proce-
dermos com as razões que hãã especie da Quarta ter
perfeita, a que damos principio com o testemunho dos
Authores que lho chamaõ, & por tal a nomeaõ,

DISCURSO III.

Mostrase ser a Quarta Consonancia perfeita, por lho assi chamarem muitos Authores.

S Aõ tantos, & tam celebres os Authores, que deraõ nome de Consonancia á especie da Quarta, assi dos que escreveraõ em musica, como dos que fora della; outras materias trataaõ, que quando na antiguidade naõ fora, por tal celebrada, & houera questões sobre esta verdade, entre os Philosophos, & Musicos daquelle tempo, bastava, quãdo naõ houera outras razões pera nõs os modernos *mas* como neste nosso a Musica naõ se regula ja pelo que lhe he natural, senão pelo antojo que cada hum nella quer introduzir: daqui nasce a variedade que sobre esta materia ha entre os Authores, sendo que dispoẽ o Direito se dá inteiro credito, ao q affirmarem em qualquer sciencia, o maior numero de seus professores, como trazem Bartolo, & o Juriscõsul to Paulo. E naõ he isto bastante pera que os praticos lhe dem o lugar que lhe tiraõ, & lhe chamaõ *Dissonancia*, por verem que quatro Escritores de musica, q saõ, Octomaro Luscinio, Pedro Aron, Pedro Poncio, Thomas Morlei, assi a intitulaõ, quicã fundados sõmente no sentido do ouvir, sendo q temos cõ nosso limitado estudo visto mais de hũ cento de Authores, q o nome de Cõsonancia lhe deraõ, entre os quaes muitos ex professo naõ escreveraõ de musica: & nẽ por isso se lhes deve dar menos credito; porq saõ elles tam dignos de tanto respeito, q lhes fizemos aggravado, se os naõ nomeamos. Abranos a porta o que das Mathematicas foi chamado, Euclides digo, que no seu tratado harmoniaco diz:

T. Godardemus.

Bart. l. de quib. 31.

P. de legib. n. 20.

Prul. l. sextim. vers.

P. de statu hominum

Octom. Lusc. de mus.

cõm. 2. c. 2. pag. 88.

Aron inst. harm.

l. 3. c. 3.

Pet. Pons. Region.

de mus. reg. 2. pag.

73.

Morl. introd. Et pract.

pars 2. pag. 71.

Euclid. introd. harm.

Dissona verò quæ Diatheßaron consonãtia sunt minora. Georgo Valla pelas meſmas palavras: *Dissona sunt omnia, quæ minora quam ſit Diatheßaron.* E Ptolomeo, Bacio, Nicomaco, Oddo Abbade, Othon Caſmano, conſonan-

Valla de muſ. lib. 2.
c. 8.

Ptolom. harm. l. 1. c. 5
& 6. pag. 59.

Bacio introduct. art.
muſ. pag. 3.

Nicomac. harm. lib.
2. pag. 16.

Oddo Enchir. muſ.
fol. 4.

Caſman. Philoſop.
Chriſtiano c. 27. pag.
146.

Muris Muſ. tract. m. 5.
Cardan l. 13. c. 13: re
rum variat.

Mogone Ghirland.
muſ. c. 4. pag. 33.

Bann. diſſert. Epistol.
de muſ. nat. n. 5.

Cenſor. dedic. natal.
c. 10. fol. 63.

Picciton. Flor. Ang.
cap. 14.

Boec. lib. 1. muſ. c. 34:
pag. mihi 1085.

cia lhe chamaraõ, fundados mais na razam, que na po tencia auditiva (ſe ja não foi em ambos) pelo genero da proporçam de que nasce, que he hum dos actos a produzilas. Ioã de Muris inſigne Philoſopho, & Muſico, Hieronymo Cardano, Gio Baptiſta Magone, iuda o encarecem mais, chamandolhe: Conſonancia perfei ta.

Naõ pugnarã contra eſta verdade, quem vir as ra zões que ao diante daremos, ou ler Ioannes Alber to Banni, & Cenſorino, que affirmãõ ſerem tres a ſim ples.

Preguntaramos agora, ſe ſe pòde dar a eſtes aquel la repõſta tam celebrada de Gregos, & Latinos, que Apelles deu: *Ne ultro crepidam ſutor.* Eſtã Stratonico Cy thariſta, ao Ferreiro que de muſica o quiz arguir: *Non animadvertas te ultra maleum loqui?* Naõ, pois a eſtes lhe quadra com mui juſta cauſa a definiçam que Frey An gelo Piccitonõ dà ao que dignamente quer gozaro no me de muſico, & perfeito meſtre: *Muſico* (diz elle) *è quello il qual in ſegna la ſcientia del canto con vera ragione, non tanto al ſervitio del'opera, ma a la ſumita del imperio con la ragione ſpeculativa, ma ſecondo queſta ragione ſi debbe giu dicare, & non per il canto, ne per il ſuono.* E Boecio: *Iſque Muſicus eſt, cui a deſt facultas ſecundùm ſpeculationem, ratio nemve propoſitam, ac Muſicæ convenienter de Modis, & Rit hmis.* Deſtas authoridades ſe cõlhe, que pela ſpeculaçãõ dos Rithmos, & razaõ delles, ſe deve julgar a muſica, & não pelo ouvido.

Se iſto he doutrina aſſentada, em que conta ſe pò de

de ter a opinião de hum Artista (& hei de nomealo, q̃ a paixão he como os coveiros, que aos cõrpos mortos em quanto ornados os cõbrem de terra, em sendo cadaveres lhes desenterraõ os ossos) Francisco de Cervera se chama, que na sua Summa de canto chaõ diz, que a Quarta he dissonancia, & pera o provar faz estes preambulos, que em seu mesmo idioma relatarei: *Cierto es, y averiguado, que el acibar es amargo, y la miel dulce, por el mismo caso, si uno quisiese provar al contrario, le tendrian por necio, y desvariado. Pues siendo esto verdad podemos dezir, que es lo proprio en la quarta que dizen que es consonancia, como las que lo son, no lo siendo de ninguna manera, y pruevolvo de esto modo: Todo aquello que suena bien al oyo, es consonancia, y no dissonancia: pues siendo verdad que la quarta no suena bien al oyo, luego la quarta es dissonancia, y no consonancia, porque no suena bien al oyo.* Com estas prõvas sem mais razões mathematicas, nem trazer o principio de onde as Consonancias se originaõ, que são as proporções, prova este Author sua razam fundada na falencia do ouvido; sendo cousa certa, que este sentido per sy só, não tem voto na materia das Consonancias, como dizem muitos Autores, & entre os de melhor opinião Ioaõ Pico Mirandula o mõstra dizendo: *Iudicium sensus in Musica non est adhibendum, sed solius intellectus.* Estes sacristões da musica fizeram com que a Quarta perdesse de seu direito, & nam fazem mais que ser como o peixe Sargo, que se mantem do trabalho alheo: trasladam os Romancistas, q̃ acham, & por pouco Theoricos melhor entẽdem, & formam os mesmos periodos que os outros relataram, sem se verem os insignes Philosophos, & Musicos antigos, que das Consonancias tratam, deduzindoas dos numeros sonoros de que procedem, como subalternas á Arithmetica. Ingenuamente

Cerver. c. 29. comp. mus.

confessa-

Fulian.mus.
Theor. sect. 2. cap. 5.

confessamos não ser a perfeição desta Consonância pa-
rallela ao Diapasson, a quem todos os Authores dão o
gráo de perfectissima, como mostra Ludovico Fulia-
no: *Diapasson simpliciter est omnium Consonantiarum perfe-
ctissima.* Isto lhe nasce de seus numeros que são de 2.
a. 1. serem os mais proximos á unidade, & tem outros
privilegios que os Authores lhe dão, & nós apontarê-
mos. Nem nossa tençã he dizer, que a Consonancia
do Diatessaron, he melhor que o Diapente, porque
inda he menor na sonoridade, sendo seus numeros ma-
iores. Daqui nasce a muitos julgarem das Consonan-
cias, & intervallos como não devem, regulandoas por
seus numeros, & aquellas que reconhecem cõ maiores
lhe dão nome de maiores, & as que são apontadas com
menores, da mesma maneira, menores. Sendo pelo cõ-
trario, pois quanto hũa Consonancia cresce em nume-
ros, descrece em sonoridade, & quantos menores nu-
meros, maior sonoridade a acompanha; como se prõ-
va no Diapasson com o semitono, que tendo hum os
numeros de 2. a. 1. que são os menores, que se podem
achar, denumerase delles a Oitava: & sendo os nume-
ros de 25. a. 24. muito maiores produzem o semitono
menor, que na Musica he quasi nada.

Coligese do que temos relatado, que Diatessarõ
lhe chamaõ muitos, & graves Authores, Consonancia
perfeita, se bem não com igual melodia ao Diapasson,
& Diapente. Depois destas nenhũa ha que seja per-
feita senão ella, como Joãõ Perez de Moya assevera
dizendo: *Assi como la proporcion Sesquialtera es la maior, y
la mejor proporcion despues de la Dupla, assi el Diapente es
la mas perfecta Consonancia despues del Diapasson. Tras el
Diapente, la mejor Consonancia es el Diatessaron.* Do que
bem se segue, que a menor Consonancia perfeita he a

Moya Arithm.
spec. l. 1. c. 4. art. 6.
fol 74.

a Quarta a respeito das outras duas. Esta doutrina en-
finuou Aristoxeno dizendo : *Minima quæ Diatheffaron.*
Huic autem sua natura contingit esse minimam. E por tal a
julgaõ Gio, Baptista Caporali, & Mario Bettino. Sup-
posto que Chalcidio, Ruperto Abbade, & Ioãnes Colle
a tem por primeira harmonia. E C. Julio Higino, Gio
Paolo Foscarino, & Egnatio Dante lhe chamaõ Tercei-
ra. Isto he disputar do lugar mas de hũa, ou outra ma-
neira não deixarã de ser menor que as que temos apon-
tadas. Haver esta disparidade de Primeira, ou Tercei-
ra lhe vem, de deduzirem hũs as Consonancias perfei-
tas (como as mais) do Diapasson, neste caso estã ella no
terceiro lugar. Outros do Diatheffaron. & Diapenthe
formaõ o Diapasson; & entam he primeira Cõsonãcia.
Com tudo respectivamente às maiores Consonancias
o serã ella tambem, nome que lhe quadra, pelo que se
for discursando.

Aristox. h. ar. m. l. 2.
fol. mibi 45.

Caporal. cõm in Vi-
truc. l. 1. c. 1 fol. 14.
Bettin. Apiar. 10.
tom. 2. prog ynos. 1.
fol 8.

Chalcid. cõm. in Ti-
mao fol. 121. & alq
Rap. cantic. cam.
fol. 1106. col. 2.

Colle. De Idea &
Thea. l. 4 fol 243.
Hegin. lib. fabul. fol.
153.

Foscar. harm. del
mond. pag. 24.

Dante scient.

Mathem. tab. 8.

fol. 13.

DISCURSO IV.

Mostrase a definiçã da Consonancia, & da maneira
que a Quarta com ella
convem.

Doutrina corrente he entre os Philosophos, que
tudo o que convier, ou concordar com a defini-
çam de hũa cousa cõvenha com a mesma cousa: *Cui cõ-*
venit definitio, eidẽ convenit definitũ. A definiçam da Cõso-
nãcia, cõforme Euclid. *Est mixtio duorũ sonorũ acuti scilicet*
& gravis. Se a Quarta incluir em sy as partes desta defini-
çaõ, cõvirã em a razã de Cõsonancia? Claro estã q cõ-
vẽ, pois he hũa mistura de dous sõs, hũ agudo, & outro

Euclid. introd. mas.
pag. 8.

D

grave,

grave, q̄ he o que a definaçãõ narra. Logo se segue he o Diatessaron Consonancia. Diraõ alguns, que esta razãõ tambem concorre em as Dissonancias, pois a Septima se forma entre hum som grave, & agudo: no que se mostra, que ou a definaçãõ he geral pera intervallos Consonos, & Dissonos, ou lhe falta algũa particularidade, por onde convenha mais a hũs que a outros. Ao que respondemos: A definaçãõ nesta traduçãõ de Marco Meibomio acima a legada estã diminuta: mas se examinaremos a interpretaçãõ de Possentino na sua Bibliotheca selecta sobre o mesmo Euclides, acharẽmos dizer o seguinte: *Consonantia est duorum sonorum acuti, & gravis, grata temperatio.* Estas ultimas palavras nunca se podem aplicar às Dissonancias, & á Quarta com propriedade sim; pois o ouvido totalmente a não regeja, mas antes a admite, como Henrique Bariphono o assevera dizendo: *Quarta non modo non dissonat, sed cum suavitate etiam aures ingreditur.* Ouçamos o grãde especulativo Vicente Galilei: *Imperoche* (diz elle respondendo a Pedro Strozzi, que em seus Dialogos introduz) *consonante dice esse re quell' intervallo, che nel pervenire all' uditio lo ferisce sens' offesa, e tale sino appreso di lui le diatessaron.* No que se verifica não offender este intervallo o ouvido, o que claramente se sente nas violas de arco, & nas que usamos, & outros muitos instrumẽtos, que soãõ com melodia, sendo que as cõrdas se temperaõ por tetrachordos pelos terem por Consonos, & não Dissonos. O que Aristides Quintiliano approva, quando disse: *Consona igitur sunt Tetrachorda, quæ à Consonis sonitibus continentur.* E pera que mais claramente se veja como a Quarta concorda com todas as definições que da Consonancia, deraõ varios Authores, porei as de alguns, & dellas se alcançará, como a Quarta convem

Possentin. Bibliot. l. 5.
pag. 265.

Bariph. Pleyas mus
Pley. I. q. 5. pag. 18.
Galil. de la antica
mus pag. 68. in fine.

Aristid. l. 1. de mus
pag. 16.

convem em o foro de Consonancia. Ptolomeu falado dos sons Consonos diz: *Sunt autem canore omnes, quæ conexas invicem auribus grata sunt voces.* Bacchio: *Consonantia est mixtura duorum Sonorum, qui à cumine, & gravitate differentes sumuntur.* Cleonides: *Consonantia est duorum mixtio phthongorum acutioris, & gravioris non ut purgēs.* Boecio: *Consonantia est acuti soni, gravisq; mixtura suaviter uniformiterq; auribus accidens.* Dimitto outras dos antigos, & ouçamos entre os modernos a Bras Rossato: *Consonantia est duarum uocum dissimilium simul compacta concordia.* Gaffuro: *Consonantia est duorum sonorum extensione differentium in eodem tempore congruus casus, & rata commixtio.* Antonio Parran: *Consonance est un mélange de sons graves, & aigus snappont l'oreille doucement. & uniformement.* De todas estas definiçoens, & de outras varias q se puderaõ trazer, se colhe, que Consonancia não he outra cousa, que dous sons, hum grave, outro agudo, q o ouvido recebe, & a rezaõ julga por certos, pera se poderem unir, & fazer Cõsonancia. Em a Quarta ha som grave, & agudo, sua mixtura não dissona, antes seus sões são Symphonos, como mostrarémos: que razaõ haverá logo pera que não seja Consonancia. Diraõ, que se he Consonancia, porque não usamos tanto della, como da Quinta. Ao que respondemos com Renate Descartes alem do que diremos depois: *Hæc insaluberrima est Consonantiarum omnium nec unquam in Cantilenis attribuetur, nisi per accidens, & cum aliarum adjumento non quidem quod magis imperfecta sit, quam Tertia minor, aut Sexta, sed quia tâ vicina est Quinta, ut coram hujus suavitate tota illius gratia evanescat.* De maneira que temos concordada a Quarta com a definiçaõ de Consonancia, & o não usarmos della he pela visinhança da Quinta, que he mais agradavel, & consonante. E porque de hũa vez se tire todo

*Prol. harm. l. 1. c. 4.
pag. 57.
Bacch. introd. mus.
pag. 2.
Cleonid. harm. introd.
Boec. l. 1. mus. c. 8.*

*Bras Ross. compen.
Rudim. mus. pag. 7.
Gaffur. de harm. instrum. l. 1. c. 3. sel 4
Parran. tract. mus.
cap. 4. pag. 25.*

*Descart. comp. mus.
fol. 22.*

o escrúpulo que possa haver sobre dizerê q̄ a definiçãõ totalmente nao he coherente à Quarta, por esta ter al gũa asperéza, advertimos lhe nascerà, naõ della a ter e sy, senaõ do pouco vso q̄ de a ouvir temos. E quãdo fo- ra o q̄ elles dizem (q̄ naõ cõcedemos) inda he simili das definições q̄ da Consonãcia temos mostrado: porq̄ se- melhante he o que convẽ, & concorda cõ a maior par- te do que se assemelha. Provasse do Texto *L. de quibus,* (q̄ he do Jurisconsulto Iuliano) *P. de legibus, ibi: & si quia in re hoc deficeret, tunc quod proximum, & consequens ei est.*

L. de quibus Iulian. de legib.

Bald. cap. cū speccal.

O q̄ he cõmum opiniaõ, & a tem Baldo *in cap. cum specia- li ad appellandum*, onde diz: *Casus dici similis cum in maio- rem eorum parte conveniunt.* O Abbade Panormitano as- severa, que se chama semelhante, quando a semelhãça he em aquillo a que se compara: *Similia dicuntur, quãdo extat similitudo in eo, ad quod fit comparatio.* Iason o apoya Philippus, Decius, Francisco Ripa, & outros. Provada, & sendo certa (como he) a semelhãça, naõ ha duvida, que a Quarta naõ deixa de ser Consonancia, porq̄ on- de ha hũa razãõ igual entre dous sugeitos, hum mesmo derecho lhe convem: *Vbi par est ratio, idem jus est, l. illud in principio. P. ad legem Aquilianam.*

Panorm. cap. trãsl. a. 3. de constt.

Iason. l. heredit n. 8.

P. de nov. operis.

Dec. conf. 329. n. 4.

Ripa in l. nat. §. ni-

hil cõmune n. 23. &

nl. f. ali q. 4 n. 42.

E naõ obsta dizerem, que naõ deve ser admitido o Diathessaron por Consonancia, pelo ouvido o regei- tar, como affirma Francisco de Cervera, & Tristaõ da Sylva; quando este juiz sensivel da musica muitas ve- zes se destroe com mais, ou menos ouvir, & conforme a isso julga. Donde veyo a dizer Ioaõ de Muris: *Py- thagoras subtilissima numeralium proportionum investigatione præcellens; volens quippe aurium iudicium fidem de Consonan- tijs adhibere, tum quia non omnes aures propter complectiones naturales ætatis, mutabilis dispositionis q̄. varietatem æqualem iudicant de auditis.* E poucas regras abaixo acrecenta:

Cerver. comp. mus. e. 29.

Sylv. l. 3. c. r. dos amables de mus. MS.

Muris Mus. tract. de conf. Mus.

Immo viam mediam tenens tanquam de Consonantijs, & harmoniarum officio, famulus sit auditus, iudex verò intellectus.

Nelle, como trazem os mais dos Authores, poz Pythagoras o supremo juizo das Consonancias, administrando o ouvido os sons, julgandoos por actos a melodia, o entendimento, & a razão.

Que se engane o sentido do ouvir he manifesto, se a muitos parece hũa cantoria boa, & a mesma a outros desagrada; & hum Musico tempera hũa viola, & depois de cantar a-ella, dandoa afinada a outro, de novo a torna a temperar, & ajustar com seu ouvido: nasce isto pela differente percepçã dos sons, do que na realidade se imprimio, como traz Aguilonio, & kepleros; ou como outros querem, pela disparidade que ha neste sentido, & não por defeito do sensivel, como se pudera mostrar por muitas experiencias. De maneira que a difficuldade está somente no sentido, ás vezes por mal proporcionado, outras pela maior superioridade, que tem aos mais que se embaração com a excellencia da perfeiçã hũs a outros. Commum he isto entre os homẽs, & ainda nos animaes vemos, que em hũs se achão os sentidos mais sublimados que em outros. Das Aves nenhuma leva vantagem à Aguia, como escreve Eliano.

Ex avibus Aquila maxima acies, & acutos oculos habet. Vê esta de muito longe cousas muy pequenas, assi o parece sentir Homero, quando disse:

————— *Est Iovis Ales,*

Cujus acutam aciem perhibens præstare volucres,

Ante alias quotquot celo spatiantur aperto.

E Plinio, que andando sobre o ar vé deãro em as aguas os peixes, & decẽdo cõ hũa admiravel ligeireza os to-

ma: Halietus: Clarissima oculorum acie, librās ex alto se se, visosq; in mari pisce, præceps in eum ruens, & discussis pedore

*Aquil. Mipeth. 3. l. 4.
optic.*

*Kepler. Epit. Astror.
lib. 6. pag. 902.*

*Alian. lib. 1. hist.
Animal. c. 42. pag.
28.*

Homer. Illiad.

*Plin. natm. hist. lib.
10. c. 3.*

30 DISCURSO IV. SOBRE A PERFEIC,AM

Isidor. Etimol. l. 12
c. 7.

Tertul. de anima
pag. 480 n. 105.

Amb. Exam. l. 5.
c. 8. col. 76. in Ps.
41. col. 771. & in
Ps. 118. col. 1055.
Basil. hom. 8. pag.
29. col. 2.

Lagun. in Dioscor.
l. 2. c. 73. pag. 175.
Gesner. de Quadr.
pag. 679. lit. C.

Amb. in Symbol.
Apost. to 4. col. 106
Xenoph. in laud. Cyr
lib. 1.

Aelian. hist. Anim.
l. 10. c. 26. pag. 268.
Pind. Hymn. 10.
New.
Horat. Epist. 1. ad
Macenas.

Rob. Flud. tract. 2.
part. 4. lib. 3. de nat.
simi. a. prop. 2. pag.
310.

aquis rapiens. O mesmo assevera Isidoro, & Ter-
tuliano, que pondo os filhos ao Sol, aquelles que
fraqueaõ, & não olhaõ fitos pera elle, os regeita por a-
dulterinos: *Solem Noctuae nesciunt oculis, Aquila ita susti-
nent ut natorum suorum generositatem de pupillarum audacia
judicent; alioqui non educabunt, ut degenerem quem Solis ra-
dices averterit.* S. Ambrosio no Hexameron, & nos Psal-
mos o mesmo affirma. Donde veyo Basilio sancto a lhe
chamar, *Iniquissima ave*, dizendo na humilia 8. do He-
xameron: *Iniquissima volucris Aquila in educando sua prole.*

Do's animaes quadrupedes he tam perspicaz o
Lynce (hũa especie de Lobo cerval, segundo Laguna
em Dioscorides) que affirma Conrado Gesnero, pene-
tra as coufas solidas: *Linx visu suo res solidas penetrat.* E
passa com ella as paredes, como ensinua S. Ambrosio:
Lyncæus videbat ultra parietem. E Xenophon.

Et muros penetrant fulgentia lumina Lyncis.
Que seja de vista agudissima este animal o testemunha
Eliano. *Accerrimis atque acutissimis prædictus est oculis.*
Pindaro, & Horacio o verefica.

Non possis oculo quantum contendere Lynceus:
Daqui se lhe origina ver no corpo do ar por ser o mais
diaphano objecto, representadas as formas do que na
terra campea, inda que lhe sejaõ occultas detras de qual
quer coufa opaca.

Que se vejaõ nas coufas diaphanas as formas ocul-
tas, se prova, lançando hũa moeda em hum alguidar de
agoa, q he o diaphano mais capaz a nossa vista, como
traz Roberto de Flud; neste se representa a moeda de
maneira, que a vista goza da forma, sem alcãçar de ver
a propria.

Naõ sò neste sentido superaõ os animaes ao ho-
mem, mas ainda no ouvir se lhe aventaja muito o Por-
co

cõ, de que dão testemunho os naturaes. Conhecem as vozes humanas cõ notavel astucia, como affirma Vlyses Adrovando: *Admirabilis est, quod voces etiam humanas & intelligunt probe, & ijs parent.* Conta delles Plinio, Eliano, & Gesnero, que furtandose huns pórcos, os leva raõ a hum navio de piratas, estando nelle ouvindo em terra as vozes dos que lhe serviaõ de guarda, se inclinaraõ todos a hum bordo, & virandoo se forão a seus dous. Alem deste animal, Celio Rhodiginio, & Frey Amador Arraez dizem, que tambem o Pato neste sentido vence ao homem. E porque em breve cifremos os que lhe saõ superiores em os cinco que elle goza, ponho os dous disticos de Reusnero que dizem.

Nos Aper auditu, Linx visu: Simia gusto,

Vultur odoratu præcellit aranea tactu.

Com ser assi saõ os animaes mui inferiores ao homem em fazer juizo das cousas sensiveis (por não terem o sentido commum tam perfeito como o nosso, & lhe faltar de todo o discurso da razam, & não poderẽ com parar hum sensivel com outro) por serem nossas noticias muito mais perfectas que as suas; & repartir Deos com nosco as graças mais compridamente, que com as outras creaturas mundanas.

E fazendonos na volta do que tratavamos, sobre o engano que padecem os sentidos, visto que temos, enganarse a potencia auditiva, mostremos o engano da visivel.

Padece a vista engano nos objectos que lhe fazem presentes de hũa de duas maneiras: ou pelos meios interpostos, ou pela distancia. Os quaes não só parecem diferentes na grandeza, mas ainda na qualidade, & nas cores he doutrina commua dos Perspectivos, como refere Vitellio, Aguilonio, & outros. E esta he a razão

Aldrov. de Quadr. tom 2. de suis select. pag. 985.

Plin hist. natur. l. 57. c. 51.

Elian hist. natur. l. 8 c. 19.

Gesner. de Quadrup. pag. 883. lit. D.

Rhodog. lect. antiq. l. 22 c. 10. pa 1237

Arraez dial. I. c. 9. fol. 10. col. 4.

Reusn. Parad. Poet.

Vitell. l. 4. perspecti. n. 15. & alij.

Aguil. l. 4. optic.

Hypoth. I. fol. 214.

vsque ad 226.

por-

porque os Pintores, & Escultores scientificos nas esta tuas, ou pinturas que fazem pera distancias, acrecentão à grandeza a realidade, pera que na apparencia a julgue a vista igual. E nestes enganos mostra keplero ser a causa a anticipada noticia. O mesmo diz Vitruvio, & refere outro enganho da vista acerca das alturas, & he, que hũa columna perpendicular estando muito alta, & em grãde distãcia não parece perpendicular senão inclinada. Bem trivial he o engano que a vista pa dece com o remo dentro nagoa, pois estando saõ parece quebrado.

*Kepler. Paralipom.
in Visel.
Vitruv. l. 3. c. 3.*

Não só os sentidos correm esta tormenta, mas ainda a Rainha das potencias do homem (o Entendimento) muitas vezes se engana, posto que os excellentes intelligiveis o fação perfeito, como diz o Philosopho, & he certo cansarem, & penarem os grosseiros enganos, no que os sublimes descansão, & tem alivio; & a verdade he, que cada hum assi goza das cousas conforme dellas entende, por respeito que o Entendimento nas cousas naturaes, & que dependê dos sentidos, discursa conforme a percepção, sendo esta falsa, como ordinariamente succede, he o discurso falivel.

*Arist. lib. 3. de
anima cap. 4.*

Logo se he doutrina commua padecerem os sentidos faltas por hũa, ou outra razaõ; que força pôde ter a que daõ sobre a Quarta ser
**Diffonancia, & esta fundada só-
 mente em que o ouvido a
 julga por tal.**

DISCURSO V.

Mostrase enterraremse todas as Consonancias em o Quaternario Pythagorico, & o Diatheſſaron estar nelle constituido.

COMO a materia deste empenho não dê lugar ao descuido, a se não tratar com muito cuidado, ainda que o nosso lhe não possa dar alcance, não deixaremos de mostrar outras razões, em abono do que tratamos. Fundemolas sobre os intervallos, q̄ em o Quaternario Pythagorico se incluem, que cõforme a opiniam dos Theoricos, são consoantes, & perfeitos, & nenhũ destes numeros constitue algũ q̄ o não seja, por se epitar nelles o genero Multiples, & Superparticular, q̄ os da ceita Pythagorica tiverão pera ly eraõ sõmente actos a producçam das Consonancias. Se claramente mostrarmos, que se incluye a Quarta neste Quaternario poderà deixar de ser Consonancia? Não. Vejamos logo a razão, & alcançaremos a verdade.

A que tinham pera que sõmente fossem Consonas as que no Quaternario se achavam, nascia de terem os professores Pythagoricos tanta fé na doutrina deste Philosopho, que julgavam por defacerto insupportavel acrecetar, & diminuir qualquer cousa a suas opinioes. E fundavam bem seu sentir, por quanto este Philosopho sendo homem de grande experiencia, achou, q̄ não era possivel reformar a Musica sò por ella, sã a especulacãm. Pera o q̄ correo toda Grecia, grãde parte da Asia menor, entrou no Egypto, onde segũdo dizẽ algũs Authores, descobrio a propria harpa de Orpheo, guardada

E em

Ioseph Antiq Iud.
l. 1. c. 4. fol. mibi 12.
Pier. Heeroglif.
Vvern fasciculū tēp.
Mexia nobiliar. c.
 35 lib. 1.

em hum templo como reliquia. Correo a Syria onde achou hũa das colunas em que Adam (conforme Iosepho, & Pierio) escreveu as sciencias; ou Tubal, como traz Vvernerus Rolevinck de Laer, & Fernão Mexia. E nella leo as noticias, que desta sciencia houve antes do diluvio. Passou a Italia, & achando em todas as partes diferente disposiçã dos sons que formão a Musica, & cada naçam defendendo seu modo pela experiencia, sendo grandemente addicto à Arithmetica, tanto que por via de numeros pretendia soltar as maiores difficuldades da Philosophia, & Theologia, tratou pòr o fundamento desta sciencia nelles.

Gaudenc. introduct.
mus pag. 14.
Censorin. de die na-
tal. c. 10. pag. 63.

Viaõ juntamente seus sequazes, que não só fundou hũa machina tão grande sobre hũa só experiencia dos Martelos pera julgar das Consonancias, & que fazendo outra em quatro chordas da mesma materia cada hũa igual grossura, dependurando-lhe pesos, sendo elles em sy desiguaes no comprimento conforme ao numero dos martelos, como referem Gaudencio, & Censorino. Descobrião o mesmo assi nestas, como em hũas frautas, & vasos de barro: & que especulando, & achãdo em tudo nascerem os sons da correspondencia dos numeros; assentou, que nos intervallos destes quatro 1. 2. 3. 4. se incluissẽ as Consonancias, que como foy muy addicto a amar as cousas puras, & simples, & se delectava de todas as que se não apartavaõ da simplicidade, por alcançar nella grandes segredos, & ter por opiniam, que nas cousas simples se achava firmeza, & estabilidade, & nas mixtãs, & diversas inconstancia, & variedade, & por isso regeitar a terceira, & sexta. Observara (os que seguiaõ sua doutrina) por cousa indubitavel, que foyente seriaõ Consonancias perfeitas aquellas que se achassem inclusa snos numeros que apõ
 tamos

tamos. Cleonides com muitos antigos insinua o que tratamos, pois só a estes numeros chama Consonos. Philo Iudeu nelle inclui as Consonancias musicaes. O mesmo segue Platam, Boecio, & Francisco Maurolico o exagera em estas palavras: *Præcipuas Consonantias à primis quatuor numeris unitate scilicet, Binario, Triade, ac Tetrade proportionem suscipere. In his enim quatuor numeris continent Duplum, Triplum, Quadruplum, Sesquialterum, ac Sesquiterciam proportiones.* Renati Herpini o mesmo diz; Marco Meibomio em as notas a Vitruvio falando nas Consonancias simples diz: *His clausurunt Pythagoræi vocum contentum.* Mario Bittino. *Simplices perfectæ sunt, Diatheffaron, Diapenthe, & Diapassan.* O mesmo segue Pedro Mallart, & Ioaõ Alberti Banni afirma, que *Musica initio angusta erat: apud Græcos quatuor Elementis, primum usitata donec aliquis alius inventis aliquid addens.* De maneira que nem Pythagoras, nem nenhum Pythagorico conhecendo o Ditono, & Semiditono, o deraõ por Consoante, já pelo não ouvirem no proprio lugar; porque na Musica (como em outra qualquer cousa) he o lugar, & grao proprio na ordem das Consonancias, conforme a maioridade, & minoridade hũas das outras, em quanto à forma, pois se podem pôr pela multiplicação da unidade, & este modo não he tam sonoro por ser Arithmetico; & por outro modo se podem dividir em diversas partes, segundo a ordem da natureza; & ficaõ desta maneira sendo as Consonancias harmonias, & muito sonoras. Se já não foi, que vêdo que o Tetrachordo Diatonico Ditono, que delles era recebido, procedia do grave ao agudo por dous tões de proporção Sesquioctava, & por hum Semitono da proporção Superdecimatertia parciente duzentas & quarenta & tres, & que os dous Tonos formavaõ o Ditono,

Cleon. har m. introd. Phil. l. 3 de vit. Meiss fol 462 col. 2 Plat in Timæo. Boec.

Maurolico mus. tradic. pag. 146.

Herp. Apolog. pro Bodin pag. 80. Meibom. in Vitruv c 5 lib 5. fol 86.

Bittin. Apur. 10. prognas. 1. fol 3. Mallart. de mod. p. 1 c 14 f l. 113. Banni Epist. dissert. de mus. n 51

no , se cõtinhão em seu extremo da proporção superdecimas septimas sesenta & quatro como de 81. a 64. E que o Semiditono que com hũ Tono destes, do qual se podia formar'o Semiditono, era cõtheudo em a proporção Superquinta parciêtes 27. q̄ todas são cõstituidas em o genero superpaciête: tomaraõ por cõclusão, q̄ aquelles intervallos q̄ cõtinhão esta forma em seus extremos sãõ (como verdadeiramête são) Diffonâtes. Esta foi a razaõ de excluirẽ a Sexta maior, & menor, por ferẽ seus numeros deste genero. E se nos differem q̄ se elles ouviaõ estes intervallos dentro em os sete sões do Diapasson, como os não tinhaõ por sonoros. Darẽmos por reposta, q̄ se os antigos Pythagoricos ouviaõ estes intervallos, havia de ser de duas maneiras; hũa em a ordẽ dos intervallos do Diapasson, ou em outra varia forma. Se os ouvirão no termo do Diapasson de força os haviãõ de ouvir Diffonantes, por ficarẽ neste modo no genero superparciêtes ouuindoos em outra forma, havia de ser, ou em voz, ou em som, na qual quiçã os teriaõ por Consonância. Mas devese advertir , q̄ em dous modos os podiaõ ouvir na segũda maneira. Primeira-mête no proprio verdadeiro, & natural lugar, ou fóra d'elle. No proprio, & natural lugar era impossivel, por quãto naquelle tẽpo não passavaõ os antigos da Quintadecima voz, ou chorda cõ o proprio nome; nẽ cõforme o preceito de Pythagoras da Quadrupla. E menos podia este Philosopho, & seus sequazes conhecer a ordẽ destas Consonâncias de q̄ tratamos em o Systema maximo artificial Diatonico, por não ser de seu tẽpo, nem no de Didimo, q̄ floreceo no de Nero. Nẽ tãpouco as ouviaõ em as chordas do Syntono de Ptolomeu , q̄ viveo no de Antonino Pio, anno de Christo 150. & Pythagor, floreceo 600. annos antes da reparação do genero humano, E sendo isto assi, ouviaõ logo estes intervallos do

Ditono, & os mais fóra do lugar q̄lhe não era proprio, & sendo desta maneira, impossivel era ter o ouvido satisfacão de sua bõdade, pelo q̄ os julgavaõ por Diffonãtes. Que isto tẽ, não se porẽ as Cõsonãcias em seu lugar como se vè ouvindo se hũ Ditono em o sõ grave, q̄ del agrada, & por triste ofende o ouvido; mas se o reduzirẽ ao agudo, quanto mais trãsportado causarã mõr deleitação. De dõde inferimos q̄ quẽ julgar da bõdade das Cõsonãcias, não ha de ser somẽte pela consideracão dos simples, mas importa muito tela de suas replicas. Não dizemos mais nesta materia por não ser deste lugar, em outro maior volume, q̄ cõ o favor divino pretẽdo tirar a luz, mostrarẽmos a causa. Estes tenuos principios tiverã as Cõsonãcias até o tẽpo de Didimo, & Ptolomeu, q̄ suposto q̄ não puzeraõ o Ditono, & Semiditono no numero dellas, cõ tudo nos descubriram mais claro seu conhecimẽtos; & Ptolomeu nos demonstrou no genero Chromatico molle a forma do nosso Semiditono debaixo da proporçã Sesquiquinta, como traz Zarlino nas Demonstraçoens.

E como do q̄ temos dito neste Discurso se colhe, q̄ as Cõsonãcias do genero multiplex são mais perfeitas depois as do genero Superparticular, & quasi todos tenhã por imperfeitas as do genero Superparciẽte, não será fóra de nosso intento vermos o q̄ assentaraõ os Musicos acerca da imperfeição, & imperfeição das proporções: de dõde tiraremos tambẽ a maxima de nosso intento. Os Pythagoricos daõ esta regra pera julgar da perfeição dos numeros, de cada proporçã mínimos; a cada hũ assi numeradores, como denominadores tiraõ hũa unidade, & onde o restante for menor, a perfeição he maior. Dizem elles, os numeros da Dupla são de 2. a 1. da Tripla 3. & 1. da Quadrupla 4. a 1. da Sesquialtera 3. & 2. da Sesquitertia 4. & 3. Se tiraremos 1.

Zarlino. demonstrat.
ugionam 4. propos.
II. fol. 216.

de 1. da Dupla fica nada. do dous della fica 1. logo o restante da Dupla he a mesma unidade. Tirando 1. de 2. fica 1. de tres ficaõ 2. logo o restante da Sesquialtera 3. & assi o restante da Tripla 2. da Quadrupla 3. da Sesquitercia tirando 1. de 3. ficaõ 2. de 4. hum ficaõ 3. logo o restante da Sesquitercia saõ 5. Por esta causa he melhor a Dupla por ser mais conjunta à Unidade, depois a Tripla, & a Quadrupla igual com a Sesquialtera na perfeição por restar em ambos 3. A Sesquitercia ficando no mesmo grao de Consonancia, he menos sonora por se apartar algum tanto da Unisonancia por numero de junctivo das mais, pois como diz Ornito Parchi: *Quanto igitur soni propinquiores, tanto suaviore existunt, & quo distant amplius, eo consonant minus.* E como o Ditono, Semiditono, Sexta mayor, & menor por esta regra se desunem em muito mayor quantidade, he chamaõ imperfeitas, & antigamente por Dissonancias.

Ornit. Parch. Meteorolog. lib. 4. cap. 1.

Alem do que tiveraõ os antigos pera sy, que toda a proporção, que se não pode reduzir a numeros pequenos, era imperfeita, posto que se lhe não ponha limite certo, de algum numero determinado, como os Pythagoricos poem o Quaternario.

Neste tenho mostrado achar se a Sesquitercia; negar logo que não he Consonancia, & das perfeitas, he ir contra toda a razão, de que só tratavaõ os Pythagoricos, & usar só do sentido, como os Aristoxenos.

DISCURSO VI.

*Mostrase ser a Quarta Consonancia perfeita, &
como tal pôde existir por sy só em as
composições.*

TOda a duvida que hà entre os Musicos praticos, em razão que a Quarta não seja Consonancia perfeita, he, dizerem não pôde estar só por sy em a composição. E supposto que nós a tenhamos posto em o lugar ultimo das perfeitas, & na verdade mais falta de melodia que as outras; com tudo melhor que as imperfeitas. O que não fora assi, se nós, concedendo poderem estar per sy as imperfeitas, tiramos este privilegio à Quarta: que na verdade mais perfeito he, o que pôde estar só por sy, & com outros, do que aquillo que só com outros faz harmonia. Assi que toda a contenda consiste, se pôde ser Consonancia com as outras, a que não pôde ser por sy? ou mais claro fallando, se pôde algũa cousa com outras partes fazer Consonancia, a qual dissona com o baixo, ou com o fundamento.

Pera intelligencia do que havemos de tratar, se deve advertir, que sendo oito as Consonancias, de todas ellas a peor he a Sexta, & a nenhuma outra, está pôsta a tal excepção, salvo por alguns Escritores modernos, á Quarta. Mas soando todas as Consonancias hũas com outras, & ainda com o baixo, se se tira á Quarta aquelle poder absoluto, ou faculdade pera consonar a qualquer parte, he necessario, que a natureza da Quarta seja prodigiosa.

Pregun;

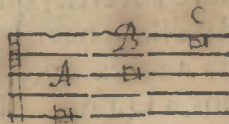
40 DISCURSO VI. SOBRE A PERFEIC, AM

Preguntemos assi. A Quarta he per sy só Consonancia? Negaloão os Practicos; logo per sy só he Dissonancia? Diram que sim. Tornemos a perguntar, se dermos por baixo da Quarta hũa Terceira, ou Quinta, serà Consonancia da voz do meyo à De cima? Responderam com Francisco de Tovar, que he Consonancia, posto que he Quarta, porque assi se faz Consonancia. Cõforme a isto repliquemos: a Quarta hũa vez he Consonancia, outra Dissonancia. De maneira, que se dizemos que he Consonancia, negaõlhe esta honta; & se dizemos que he Dissonancia, se huns dizem que sim, outros o negaõ pela força que tem de se fazer Consonancia. Necessita logo este abortio da natureza de outro lugar; demos lhe terceiro de tal modo, q ue nem seja verdadeira Consonancia, nem menos verdadeira Dissonancia; mas que assi seja Dissonancia, que tambem possa ser Consonancia. Ou ao menos sejaõ mais nobre que ella as verdadeiras Consonancias, & ella mais nobre que as totais Dissonancias. Naõ deixará de agradar aos Practicos este nosso sentir. Com tudo nê em este modo consentimos. Havemos de mostrar neste Discurso como he Consonancia perfeita, & per se, pôde estar com o baixo; & nos seguintes, que naõ he imperfeita, como assevera Salinas, nem Dissonancia, como erradamente lhe chamam outros. Mostremolo por exemplo.

Tov. pratinus. c. 19

Salin: lib. 2. cap. 16.
fol. 69.

Tomemos tres vozes, hũa finada
coma letra A. outra com a letra B.
outra com a letra C. nesta forma.



Bem claro se vê, que A. & C. estam em hũa octava: ninguem pôde negar haver entre seus extremos alguma voz de mais suave, & perfeita cõcordia, esta serà a Quinta, sobre que està a letra B. & a de menos concordia a letra

letra

letra C. mas esta com a letra A. he Oitava tam perfeita Consonancia, que parecem ser as mesmas ultimas vozes, & he certo terem as Oitavas a mesma natureza, & som ; & assi o asseveraõ os Musicos commumente Logo a voz que a hũa da Oitava he Consonancia, o serà com a outra : a voz finada por B, he Consonancia com a mais baixa A. logo o serà tambem cõ C. E se esta letra inda que naõ houvera outra he Consonancia com a mais baixa, tambem inda que naõ haja outra, o serà com a mais alta , a respeito da dignidade da Oitava: ou á Oitava se lhe deve tirar aquella principal dignidade ^{de} conservar, & fazer Consonancias. E he opiniam practicada, & corrente, que a Oitava he como dous Unifonus, (como se mostra) & por isso dizem he simples, & da mesma dignidade que goza, participaõ suas compostas, ensinando, que os sons que se unem com hũa, retem a mesma especie de Consonancia, ainda com as outras.

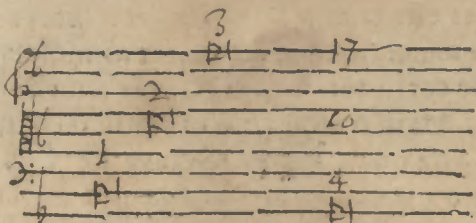
Provasse com estes termos 1 .2. 3. 4. dos quaes o dous seja Oitava mais alta que hum, & tres Oitava mais alta que dous. Seja tambem 4. mais baixa terceira maior que 1. serà o 4. com

2. Decima. & com o 3. de-

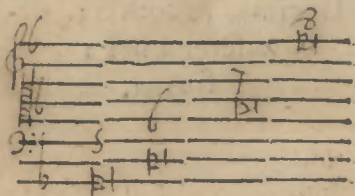
zafetena nesta

F

A mel



A mesma especie de Consonancia ficará de 4. com 2. que he 10. inda que 1. se não ouça, & 4. & 3. inda que 2. & 1. se lancem fóra, que he 17. E a razão he, que como aquelles lugares somente crescerão pela Oitava, & a multiplicação dellas sempre he o mesmo som, inda que falte qualquer, ie conservará o que de outra qualidade se lhe ajuntar. Diraõ que estes termos não coincidem com o exemplo atras, por quanto alli puzemos as duas Consonancias dentro na Oitava, & aqui somente pomos defóra a Terceira, que sempre será a mesma com o numero 2. & 3. inda que não 1. ou outro qualquer. E que pera provarmos a sequella, de q a Oitava conserva as Consonancias dentro em sy da mesma qualidade que ellas são, devemos mostrar outro exemplo. Contentemos a estes escurpulosos com o seguinte.



Seja o numero 5. com n 6. Terceira maior especie imperfecta, ponhamos a Oitava numero 7. do fundamento, & numero 8. em outra Oitava. Se lançarmos fóra 5. o 6. com o 7. ficará soando 6. especie da mesma maneira imperfecta: & se tirarmos o 7. ficará

cará com o 8. em trezena, que eodem genere. Logo conserva a Octava as Consonancias na mesma existencia que ellas são, pois conservou a 3. em Consonancia de Sexta, supposto que de menos sonoridade; logo tambem se deve conservar a Quarta dentro na 8. com o mesmo foro da Quinta.

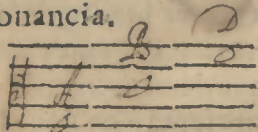
Corroboremos mais esta nossa razão. Demos que achão Diffonante B. & C. Quarta, pera estar per sy só na Musica. Perguntemos: & 6. com o 7. do exemplo proximo passado, dáse caso que per sy só possaõ coadunarse em boa Consonancia, entendo que não hà na *ma* *con* *terria* cousa mais fõra de harmonia, que estar per sy só na Musica esta Sexta, por ser hũa Consonancia imperfeita, & menos harmoniosa que nella hà, pelo que se opoz contra ella Margarita Philosophica. E se com tudo differem, que póde estar, com mais força fica a Quarta pois he mais simples, & proxima da Unisonancia, & as Cõsonãcias, como trazem Ludovico Fuliano, & outros. Quãto mais chegadas à Unidade, & Unisom, mais perfectas são. Doude veyo a dizer Merzenio, que quando a razão da Octava he dividida harmonicamente, do acordo da primeira, o do meyo, deve semelhantemente convir com o derradeiro, porque assi os dous termos extremos representaõ os dous sons da Octava, que são da mesma natureza, pois ella não he outra cousa (como ja dissemos) mais que a repetiçam do Unisonns; & daqui procede que os intervallos, que se lhe juntaõ, fazem o mesmo que seus dividentes, & que incluye em sy. Exemplo nos seja a Quinta, que junta à Octava faz dozena tam semelhante às simples, que muitas vezes se tomaõ hũas pelas outras. E ainda se póde dar outra razão fundada sobre o mesmo verisimil dos dous sons, tomando o grave pelo agudo, ou o agudo pelo gra

Fulian. mus. Thern. sect. 2. c. 4. fol. 17.
Merzen. harm. universl. 1. cap. 25. pag. 70.

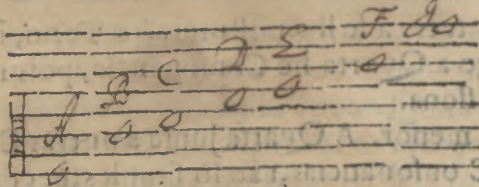
*Papio lib. I. de con-
sonant. c. 8. pag. 53:*

*Mersen. harm. uni-
vers. l. I. c. 25. pag.
70.*

ve, em consequencia do q̄ julgaõ ser a Quinta Quarta, & a Quarta Quinta. Engano que, assevera Andre Papio dizendo lhe acontecerá com huns tangedores de frautas, que tendo pera sy tangiam Vuifonus, lhe respondiam as frautas em Octava abaixo, & mandando-lhes tocassẽ sobte a voz mais baixa hũa Quinta, aprovandoa por boa, se achavaõ com o engano de ser Quarta abaixo. A razaõ deste engano nos dá Mersenio: suppondo (diz elle) que a chorda de hum instrumento representa o segundo som da primeira Octava sinado por D. he certissimo, que a chorda marcada por B. faz a Quarta em baixo com a nota D. E que se a orelha não se engana, & que toma estes dous sons em seus proprios lugares, não deixará de ouvir a Quarta; mas se o ouvido toma a primeira nota marcada por A. em ouvindo a nota D. o Musico ainda q̄ seja experimentadissimo, crerá q̄ as notas D. & B. farão a Quinta, enganando-se, em tomar A. por D. Donde he evidente, q̄ a Quarta he hum dos acordos consonantes, pois muitas vezes se toma pela Quinta: o que não poderia receber se ella fosse Dissonancia.



Alem do que sempre fica dentro de sua perfeicam; razaõ de se enganarem mais decendo que subindo, quando se fala na Quarta, pois ella se torna em Quinta quando desce, & quando se toma o som grave da Octava em lugar do agudo. Succede o contrario à Quinta, porque ella degenera em Quarta quando toma o som grave da Octava pelo agudo, como se vê neste exemplo.



Dentro da qual F. faz a Quinta com G. quando toma G. em seu proprio lugar ; mas se se toma o som grave da Octava G. como se differamos D. por G. creseha que G. & F. fazem a Quarta, ainda que com effeito fação a Quinta. Tambem succede o mesmo á Quinta quando toma o ser agudo da Octava pelo grave; Seja exemplo quando se toma D. por A. porque A.B. parece fazer a Quarta em lugar da Quinta, que perde em todas as maneiras, & que não tem nunca melhor natureza, que quando elle ocupa seu lugar natural.

Conforme ao que temos dito tomemos por conclusão com Setho Calvisio, que todo o intervallo, que he consono, com outros de varias proporçoens, & Consonancias, assi na divisam harmonica, como Arithmetica per sy só não dissona, antes acrescentada produz Consonancias semelhantes às que se lhe ajuntão.

Calvis. in Melodia concord. cap. 4.

A Quarta só, como temos mostrado, com outros intervallos, & Consonancias he Consona em hũa, & outra divisão, & acrescentada a outra, géra Consonancias: ergo deve se numerar entre as Consonancias.

Prova se a maior, em que a harmonia do Diapasson faz a Quarta Consonância com o Diapente, & com a terceira maior, ou menor. Estes intervallos todos são de diversos generos, & proporçoens, sendo huns Perfeitos, huns Duplos, outros Sesquialteros, outros Sesquiquartos, &c. & todos juntos em hum Systema fazem harmonia sonora, & suave; o que

não acontecer a se lhe misturaraõ o Tono, ou Semitono. Logo a Quarta he Consonancia, pois nesta misturara não dissona.

Pela menor. A Quarta junta a outras Consonâncias produz Consonancias, não só simples, & cõpostas, mas tambem perfeitas, & imperfeitas: mostrase em que junta a Quinta resulta a primeira, & mais perfeita Consonancia que a Octava: & junta com ella resulta a onze-na tambem Consonancia, como aprova Ptolomeu dizendo: *Atque hac de causa omnino consequitur* (vindo a tratar de nosso intento) *ex eo quod consonum est Diapente, etiam cum Diapasson Diapente consonum esse: ex eo verò quod Diatessarion consonum est, etiam Diapasson, & Diatessarion consonum esse.* O mesmo affirma Boecio: *Ita etiam Diatessarion cum sit Consonantia iuxta cum Diapasson aliam Consonantiam reddit.* Da mesma maneira, juntandose com as imperfeitas em o numero Quarta, gera imperfeitas, a saber, com Terceira maior, Sexta maior, & com a menor Terceira, Sexta menor. Logo he Consonancia como as perfeitas: pois estas o não se-riaõ, conforme a opiniam de Scipiaõ Cerreto, & outros, se lhe faltasse a qualidade de convir hũas com as outras, & todas juntas em hũa. Convindo a Quarta com a Quinta, & com a Octava fica claro ser Consonancia perfeita, & por esse respeito capaz a estar per sy só, na musica contra o baixo, que he o nosso intento.

Poram alguns por objecçã, que conforme a doutrina praticada, tambem a Terceira he perfeita, porq̃ convem com a Quinta, & com a Octava. Ao que respondemos. que he verdade, que ella convem com estas Consonancias, mas com differente successo do que a Quarta, & outra qualquer perfeita. Porque a Terceira

entra-

*Ptolom. harm. l. I.
cap. 6.*

*Boec. l. 5. sua mus.
cap. 9. 10. & 11.*

*Cerret. lib. I. mus.
cap. 33. & 39.*

entrando em a Octava, lhe communica a variedade de ser maior, & menor, causa de lhe darem nome de imperfeita. A quarta entrando em a Quinta lhe conserva a mesma natureza, sem lhe dar a variaçã de maior, & menor. E esta entendemos ser hũa forçosa razão pera a Quarta ser perfeita pela firmeza dẽ seu ser, que he a qualidade das perfectas, pois estas quãdo por accidente são maiores, & menores, se reputão por Dissonancias, privilegio de que as imperfeitas não gozão. Zacconi nos encaminhou a este sentir, supposto q̃ por extenso o não declarasse.

Zaccon. part. 2. pract.
mus. l. 2. c. 9. fol. 62.

DISCURSO VII.

Dãse noticia de como se accommodaram as Consonancias em as proporçoens: E como os antigos as dividiraõ, & juntamente se mostraõ não ser a Consonancia imperfeita.

Ainda que no Discurso quarto temos dado noticia das Consonancias musicaes, não nos será notado mostrar neste, o modo que tiveraõ os antigos em lhe repartir as proporçoens, dando á Dupla o Diapassõ, á Diapente a Sesquialtera, & assi as demais. Que como o que se tem escrito nos não pareceo adequado ao intento, & buscassemos em os modernos razoens a nosso desejo, vindo alcançar as que mais ajustadas parecem, & pretendendo não ficassem sepultadas no esquecimento, trataremos de hũas, & outras, & das mais que daremos, ficarà claro não ser o Diatheffaron Cõsonancia imperfeita, que he o verdadeiro assumpto deste Discurso.

Crivillat. *disc. mus.*
cap. 13 fol. 70.

Era commum sentir de todos, & melhor dos modernos, conforme Cesar Crivillate, q̄ estendêdofe hũa chorda sobre hũa taboa raza (a que vieraõ chamar Monochordio) soando toda, & depois ametade, com porrem hum traſto em o m̄ eyo della, se sentiria a Conſonancia Oçtava, chamandolhe Dupla, por se formar das duas ametades da chorda contra hũa. Da meſma maneira repartindo a chorda em cinco partes, & pondo o traſte entre tres dellas, soandoa inteira, & depois os dous terços que ſobejavaõ, soava a Quinta, que como se ordenava de tres terços, & dous, forma da proporçãõ Seſquialtera lha attribuirãõ. E cortando a chorda em ſete partes, & na Quarta metefeõ traſte, soandoa depois com os tres quartos, faziaõ a Quarta, & as outras nesta forma.

Esta ſeguiãõ os antigos, & os mais dos modernos na applicaçãõ das Conſonancias. O que nos não pareceo coherente; pera poderem aſſinar juridicamente á Dupla, & a Seſquialtera por forma natural da Diapaffon, & da Diapente. O motivo he eſte.

Tres ſãõ as maneiras, com as quaes podemos fazer ſubir o tom a hũa chorda. Hũa he cortandoa, outra eſtendendoa muito, outra adelgaçandoa. Se tiver a chorda igual extençãõ, & groſſura, querêdo ſentir a Oçtava, cõvem cortala pola ametade, como ſe diſſeramos, tocala toda, & depois ametade. Mas ſe tiver a meſma groſſura, & comprimento, & quizermos fazela chegar á Oçtava com a eſtirar, não baſta tirala em dobro, mas haſe de tirar em Quadruplo.

Se lhe puzermos pezo de hum arratel pera que ſubia outro tanto, não tem effeito o intento, por requerer pezo de quatro arrateis. Finalmente ſe eſtiver puxada da meſma maneira, & tiver o meſmo comprimẽ-

to, querendo que hũa chorda, que por ser muito delgada inclua a Octava, será necessario que não tenha a outra grave mais que a quarta parte. E isto que tratamos da Octava, convem a saber, que a sua forma tomada da extensão, ou da grossura da chorda he em dobrada proporçam daquella q̄ tem o comprimento, se deve tãbẽ entẽder de todos os outros intervallos musicos: mas tocando ao comprimento, na proporçam Sesquialtera, que se faz soando toda, & depois dous terços, querendo fazer em a chorda estirada, ou sutil, convem duplicar a proporçam Sesquialtera, tomando a Dupla Sesquiquarta: & se a chorda grave era puxada por quatro arrateis, pera a fazer soar aguda, não lhe porãõ seis, senão nove; & quanto á grossura farãõ a chorda grave mais grossa da aguda, conforme á proporçam de nove a quatro pera se poder formar a Quinta. Posta assi esta natural experiẽcia, não se pôde por ella alcançar a razam, pela qual houvessem os Musicos stabilir a forma da Octava, ter mais a Dupla, que a Quadrupla; & o da Quinta, mais a Sesquialtera, que a Dupla Sesquiquarta: & assi das mais Consonancias se as quizermos mostrar em largos discursos.

Nicolao Cabei em seus Meteorologicos desejan-do saber a causa Metaphysica das Consonancias, & o grande Mathematico Galileo Galisei nos deu luz a nosso discurso. Pelo que temos pera nós não ser a proxima razãõ, & immediata da forma dos intervallos musicos o comprimento da chorda, nem a extensãõ, nem grossura: mas a proporçam dos numeros das vibraçõens & ferimẽtos das ondas do ar, que vão a ferir no tympano de nosso ouvido; o qual ferimẽto debaixo da mesma medida de tempo, vem a fenecer nelle com o tremor. Tomando assento neste ponto, podemos mostrar

*Cabei Metheori. to. 2.
tex. 66 q̄ 6. fol. 296
Galilei dialog. 1. de
monstrat. matb. fol.
104.*

50 DISCURSO VII. SOBRE A PERFEIC,AM

mui congruas razões donde venha, que desses sons diferentes de tom, alguns se recebem com grande deleitação de nosso sentido, outros com menos, & outros q' o ferem com grande molestia; do que se deve colher a razão das Consonancias mais, ou menos perfeitas, & a causa das Dissonancias, as quaes nasceraõ das discordes pulsaçoens de dous diversos sons, que fõra de medida de golpes no tympano do ouvido. Seraõ estes golpes Dissonancia, quando for impossivel numerar suas vibraçoens; & Consoantes, & recebidos do ouvido com deleitação, quando com ordem, & medida chegarem a elle, a qual ordem requiere primeiro, que a percussão que no mesmo tempo se fizer dentro no ouvido seja cõmensuravel de numero, pera que as cartilagens do tympano deste sentido não estejaõ em hũ perpetuo tormento, encolhendose em diversas maneiras, por consentir, & obedecer aos desaccordados ferimentos do ar.

Conforme ao proposto serà logo a primeira, & mais grata Consonancia a Octava, por serem seus sons mais percetiveis, pois dando hum só ferimento a chorda grave, & á aguda, dá dous de tal modo, que o numero das percussoens se unem em ámetade da chorda, & o golpe da chorda Unisona ajunta sempre todos de maneira, que parecem de hũa só chorda. E como este he o som mais simples, pois não he mais que o primeiro repetido, como traz Joaõ Baptista Doni, & a proporção Dupla he a mais chegada a Unidade: puzeraõ (& com razão) o Diapasson nella.

A Quinta deleita, porque dando à chorda grave duas pulsaçoens, a aguda dà tres, de que se segue, q' numerando as vibraçoens da chorda aguda, a terceira parte de todas se une nos batimentos, & só dous se en-

Doni: discours 2. de
conson. pag. 255.

DO DIATHESSARON. 51

trepoem entre os golpes concordes, & pórque a forma da Sesquialtera observa este mesmo numero, collocarão o Diapente nesta proporçam.

A Quarta sendo seus fundamentos de quatro á tres, se une na chorda grave a qualquer terceiro movimento de ar, & a qualquer quarto da aguda, como re fere Pedro Gassendo. De maneira que a aguda não tẽ mais que dous batimentos, que nunca se unem, & a grave não tem mais que hũa só separaçam. Alem do que seu primeiro batimento da grave se encontra como primeiro da aguda, & o terceiro da grave com o quarto della. De modo que a Quarta tem mais batimentos unidos, pois une a quatro, & não desune mais que em tres. Donde fica claro ser Consonancia, pois tem mais unidade que diversidade. O que não acontecera a segunda: porque em nove ferimentos hum só chega a concordar com os outros da chorda grave, & os mais são Dissonantes, & por isso he tida por Dissonancia.

*Gassend. Animad-
vers. n. 10 li. Laert.
pag. 283. tom. I.*

Sirva de exemplo o seguinte. Seja esta linha A. B. o espaço, & hũa demora da vibraçam A _____ E _____ B. da chorda grave; & a linha C. D. a C _____ D. da chorda aguda (a qual com a outra fazem a Octava) & divida-se a linha A. B. pelo meyo em E. não ha duvida, que começando o movimento das chordas no termo A. C. quando a vibraçam aguda chegar ao termo D. a outra não chegará mais que ao meyo na letra E. o qual como não seja termo do movimento, não fere; mas com tudo se faz o golpe no D. retornando porẽ a vibraçam do D. a C. a outra passa do E. a B. onde as duas percuçoens do B. a C. bateim unidamente em o tympano; & tornando a reiterar-se as seguintes vibraçoens se incluirãem alternadamente a sy em hũa, como em outra, da vibraçam C. D. caindo a uniaõ dos feri-

52 DISCURSO VII. SOBRE A PERFEIC,AM

mentos em A. B. mas a pultaçam dos termos tem sempre por companhia hũa das C. D. & sempre a mesma, O que he manifesto, porque posto que A. C. se firaõ juntamente no passar A. em B. C. vay a D. & torna pera C. de modo que os golpes A. C. se fazem juntamente.

Deste exemplo se podem deduzir as demais Consonancias, que não apontamos por a brevidade do tratado.

Estas Consonancias repetem os Escriptores Musicos, & Philosophos antigos em Equisonas, Consonas, Emmelas, & Ecmelas. Assi o affeveraõ Boecio, & Estephano Vanneo, & as accommodarãõ na forma seguinte.

Naquellas Consonancias que sendo seus sons diferentes, achavãõ faceis a percepçam, por não sô serem semelhantes, mas a mesma cousa, como diz Guido, puzeraõ o Diapasson, & seus compostos, & lhe chamãram conforme Ptolemeu, & Andre Mathei Aquaviva Duque de Atri, Equisonas, & o veneravel Beda no lo mostra dizendo: *Diapasson non Consonantia, sed Equisonantia est.* Outros lhe chamãram Antiphonos, a respeito de seus sons serem unidos; dode Joao Crucio lhe deu nome de Unisonancia. E como a Dupla *Est iuxta equalitatem, & prima multiplices generis specie,* segundo Franchino no livro *De Harmonia instrumentorum,* & Francisco Velez. Uendo os antigos sua igualdade a collocarãõ no ditto genero, dandolhe o nome de Diapasson, por concluir em sy os sons de todas as Consonancias, & Dissonancias, como o insinua Georgio Ualla: *Diapasson dicta, quod Consonantiarum sonos concludat omnes.* Razaõ que moveo a lhe chamarem Consonancia universal, como traz Francisco Piovafana.

Senho:

Boec. l. 5. mus. c. 10.
fol. 1167.

Vann. Recanes. lib.
3. cap. 4.

Guid. Incherid. & in
Musol. c. 6.

Ptolem. harm. lib. 1.
cap. 7 fol. 61.

Aquav. tract. de
mus. cap. 8. MS.

Bed lib. 1. sna mus.
Theor.

Cru c. Synops mus.
cap. 7.

Franchin. harm. in
strum. l. 1. e. 4.

Velez. mus. speculati
l. 2. c. 2. MS.

Piovas. wisur. har-
monic. c. 10. pag 25.

Senhora, & Protectora de todas as Consonancias, como lhe chama Frey Antonio Pagani, & a que tem o primeiro lugar, & cadeira de suprema magestade sobre a Musica, governandoa toda, como sente Frey Angelo Picitono, & Guilhelmo de Podio diz: *Diapasson autem omnium Consonantiarum potissima existere: quam longe ceteris dulcius sonare, suavisque auribus accidere manifestum est.* E ainda que Erasmo Sertorio, Euchareo Hoffmanno, Frey Bonaventura de Brexia, Frey Illuminato Aygumo, Joã Lippio, & outros dizem, que nesta hã perfeitas, & imperfeitas, quanto a sy mesma, devem de ser repudiados, pois se deve entender, que sendo maior do que sua perfeiçam pede, ou menor que esta, ha de ser julgada por Diffonancia, como affirmõ Georgio Rhau, & Joã Spangenberg, & se vê claro, porque esta Consonancia não padece alteraçã, nem diminiuçã algũa, como escreve Hercole Bottrigario em o seu Desiderio, & Dom Nicolao Vicentino diz: *Negli accordi degli instrumenti, si ode che l'ottava non può patire mancamento missuno, pur d'un pontino.* E a razão o mostra, pois *De ratione enim Consonantia perfecta est, idè esse semper habere,* como assevera Andre de Monserrate.

As Consonancias que chamavão Consonas, erã aquellas, que supposto seus sons fossem compostos, resultava delles ao ouvido seu harmonio so; Joã Maria Lanfranco: *Consona son quello: che fanno il suono per mixto ma suave.* Rhodolpho Goclerij: *Consona sunt quae compositum Consonantem sonum reddunt.* A estes sôs chamavão tambem Paraphonos, como insinua Manoel Brienio. Martiano Capella, & Macobrio lhe daõ nome de Symphonos; porque Symphonia he o mesmo que Consonancia, como traz Teodoto Osio, & Iulio Cesar Bulun-

Pagan tract. de cant. chao c. 19. fol. 111. Picit. flor. Angel. l. 1. c. 45. Podio l. 3. c. 26. fol. 23. Sert. instit. harm. l. 2 cap. 2. Hoffmann. mus. pract. cap. 9. Brexia. Regol. mus. cap. 9. Ayguin thes. illumin. l. 1. c. 9. Lippio Synops mus. de interu. Rhau Iuchir. mus. cap. 7. Spangenberg. quast. mus. Bourig. desider. Escent. l. 2 practie. mus. c. 22. Monserrat. ars mus. c. 14. Lanfran scintil. mus. pur. 4. Gocler. textic. Phi. losoph. lit. M. fol. 333. Brien. lib. 1. sect. 5. Capell. de Nupt. Merc l. 9. pag. 180. Macobr. somn. Scip. l. 2. c. 1. pag. 100. Osio. p. 1. pag. 11. harm. del nud. pag. lar,

Bulung. de theat. 1.
2. c. 5. fol. 344.

Apon. in problem.

Arist. sect. 9. prob
17.

Pfello. mus. fol. 22.

Bianc. loc. mathem.

Arist. in sect. 19.

probl. 16.

Franc. mus. Theor.

lib. 3. c. 8.

Salam. de Caus. in-

str. harm. p. 2. c. 8.

Montan. de con-

trap. fol. 3.

Sigon. in Madrig.

Vicentino.

Franch. tract. An-

gel. ac diuin. opus,

mus. tract. 2. cap. 8.

Bermud. de Clarac.

instrum. l. 2. c. 2.

Dent. dialog. mus.

Franch. sua pract.

l. 3. c. 1.

Barbar. in Viciniv.

cap. 4. lib. 5.

gero. que nesta forma a definio: *Symphonia est moderat-*
tionis temperamentum ex gravi, & acuto concordantibus sonis.
Nestes sons se incluiaõ as especies do Diapente, & Dia-
thesaron, como escreve Pedro de Aponc: *Consonans*
&c. & Michael Pfello: *Paraphonum, Diathesaron, & Dia-*
pente. Terem estas Consonancias seu assento nos Sym-
phonos no lo testemunha Joseph Brancano. E como
seus numeros saõ inequaes, as constituirãõ no genero
superparticular, como aponta Franchino na Theorica.
Tambem não falta quem affirme serem estas Conso-
nancias sujeitas a serem maiores, & menores, a verda-
de conclue o contrario, & por ellas pugna Salamaõ de
Cauz dizendo, q tiradas de seus proprios lugares se cha-
mão como a Octava Disonantes; o mesmo quer Fran-
ciscode Montan. & he a nota q Gaudolfo Sigoniõ poz
aos Madrigaes de Dom Nicolao Vicentino, estranhando
tratar da Quinta superflua, como Consonancia.
E assi que nestas Consonancias a immutabilidade que
se lhe pôde achar não he terem mais, ou menos, estã
so em usarem neste, ou naquelle lugar o Semitono, assi
o relata Franchino no Tratado Angelicum. ac Divinũ
opus musicæ. Donde se colhe, que as Consonancias
que tem medida determinada, assi como Diapente,
Diathesaron, & Diapasson, não pôdem (como quer
Frey Joãõ Bermudo) receber maior, nem menor quã-
tidade, ficando as mesmas.

Emmeles chamavão os antigos áquelles sons q
eraõ mais vizinhos ás Consonancias, & se podião com
mais facilidade vni r a ellas; assi o mostra Luige Denti-
ce. *Emmeles (diz elle) son quelle che si possano adettare alla*
melodia. Franchino em sua Practica lhe chama imper-
feitas: *Emmeles imperfectas, atque consonans medias.* E por
terem actos á melodia, como diz Daniel Barbaro, fo-

raõ admittidos na Musica, sendo que degeneraõ dos Symphonos, como affirma Carlos Valgulio. E muitos os tinhaõ por Diffsonos, ainda que mais compatíveis. Assim o relata Marcheto de Padua falando das Diffsõncias. *Hanc Diatheffaron alia comparantur secundum auditum & rationem, & alia non: que autem comparantur sunt tres, Terna, & Sexta, & Decima comparantur ad auditum: que sunt magis propinqua Consonantijs.* Davaõ este nome a estas Consonancias pelas considerarem no genero superparciẽte, sendo que os modernos as admitiraõ por respeito de as considerarem no superparticular em as proporçoens Sexquiquarta, & Sexquiquinta: as quaes ajuntaraõ ainda que de diferente genero, & menor harmonioso, a Sexta maior, & menor, que saõ do genero superparciẽte.

E finalmente aos sons que no tympano do ouvido geravaõ hã turbacaõ, & disparidade, chamavaõ Exmeles, como testifica Stephano Uanneo, & Blas Rosseto, que diz: *Dissonantiarum incompossibilis Exmeles nuncupatur.* E Jacobo Fabio Stapulente: *Exmeles is dicitur, quem melos concertusq; non admittit.*

Este foi o modo em que Ptolomeu repario estes sons, & que foi admittida de Boecio, & de outros muitos Authores. Os modernos com Zarlino os reparrem em Consonos, & Diffsonos. E as Consonancias, que os primeiros formaõ, dividem em perfectas, & imperfectas. Ao Diapasson Diapente, & Diatheffaron chama-raõ Consonancias perfectas: *Qui suam in eodem situ stãtes proportioem non mutant, & cum simul præcesserint nihil variationis Consonantiam induunt,* como diz Erasmo Horicio, & apoyá Glarean. E Prodacissimo de Beldemanis. *Dicuntur perfectæ, quia perfectissimam reddunt auribus hu-*

manu. O mesmo scate Joachimo Toringo. João Tin

Valgul. in muf.
Plutarc.
Marchet traãt. 2.
c. 2. Lucidar. MS.

Vann. Recanc. de
mus aur. l. 3. c. 4.
fol. 72.
Rossel Rudim. mus:
Seapolens. Element.
mus. lib. 2.

Zarlin inst. harm.
cap 4. part. 3.

Horie sue mus. l. 2.
MS. vatic.
Glarean. de Decach
l. 1. c. 9.
Beldem. Ars contrap
tor MS vatic.

Toring. de primord.
m. f. p. 2. c. 7. fo. 46
Tutor. Ars contrap.
.1. c. 2. MS.

tor leva outro caminho, dizendo, que as Consonancias perfeitas são aquellas mais principaes, & actas pera as harmonias, & que constituem a perfeicam de todo canto.

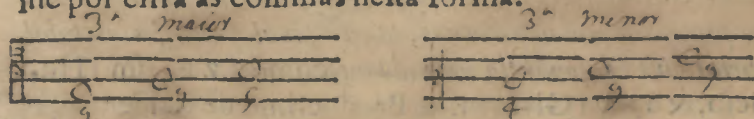
Mei de mod. m. f.
l. 2. MS. v. a. o. i. c.

Outros affirmâram serem as Consonancias perfeitas aquellas, que dos antigos foraõ recebidas, & as imperfeitas as que depois se acrescentaraõ. Hieronymo Mei favorece esta opiniam dizendo: *Perfeitas illi appellant quas à veteribus acceperunt, imperfeitas quas ipsi novus admiserunt.* Federicio Beurhusium foi de parecer serem perfeitas as que careciam de muitos Semitonos, & as imperfeitas as que mais delles usavam: *Perfectiona habent plures tonos, caetera plura semitonia.*

Beurhus. Entem.
mus. lib. 1. q.

Avelia Reg. mus.
tract. 2. e. 34. folly 1

O Padre Frey Giovanni d' Avelia, que em Roma imprimio hum livro no anno de 1657, & o mais moderno que à nossa noticia chegou, & que menos entendemos, traz hum ridiculo modo de conhecer as perfeitas, & imperfeitas. Diz elle, que todo o mi he Semitono maior de cinco commas, & todo o fa menor de quatro, & vt re, tono de nove cõmas, pondo isto em conclusãõ, acrescenta, que pera conhecer ad oculũ hũa Consonancia perfeita, ou imperfeita, se tomarãm as commas que em sy incluem, & achandose que a summa dellas se pôde dividir em iguaes partes, serã a Consonancia perfeita, & sendo as partes dispaes, imperfeita, ou Dissonancia. E logo pera as insinuar traz hum exemplo entre a terceiramaior, & menor, escrevendo-lhe por cifra as commas nesta forma.



E diz: *La terza del primo esempio è maggiore e ha 23. come, egli stremi sono equale nove & cinque cioè spari, e la seconda, e terza*

e terça Fa, Sol, La, *pur maggiore per l'aver due note per sette, & una imperfecta, ha 22. como divisibili in due parti equali.* De donde deduz que a primeira Terceira não he perfeita, & a Segunda sim; & torna com grande variedade a dizer: mas a Primeira he boa pelos extremos que são cinco, & nove, que fazem quatorze numero em igual dividido, & a Segunda mais imperfecta: porque os extremos são quatro, & nove, que fazem 13. numero indivisivel. Os inconvenientes desta doutrina bem claramente se conhecem, aos leitores o deixamos; & a falencia que lhe reconhecemos pera maior volume, com outras cousas que o livro traz.

E passando nos às razões dos verdadeiros Theoricos, deraõ estes o titulo de Consonancias imperfectas àquellas, que seus sons desta, ou daquella maneira os percebe a potêcia auditiva. Phelippe de Vitriaco: *Imperfecto dicuntur, quia non perfectum sonum important in auribus audientium.* E Athanasio Kircher: *Dicunturq; imperfectæ sive quod non ita gratæ accidunt auribus.*

Vitriac. Art. 600. rap. MS Vatic. Kircher. Conf. & Diffon: lib 5. c. 6. s. 1. fol. 221.

Nôs fundados na doutrina dos melhores, assentamos que as Consonancias se chamaõ perfeitas por darê hum repouzo, & quietação ao sentido que as percebe; & imperfectas, porque a potencia de que são recebidas, as toma de hũa, & outra maneira sem lhe assentar quietação propria: & as que totalmente lhe ofendem o ouvir, & a razão não admite, as julga por Dissonâtes.

Que seja isto verdade se prova, que tudo o que hũa potencia comprehende debaixo de algũa razão commua, he perfeito: porque em seu genero tẽ virtude de fazer q o appetite da tal potencia abraçe, & se quiete com o q percebe; tudo o q a isto repugna he imperfecto: & a razão he, q aquillo q em seu genero pode dar quietação devida, & propria ao appetite daquella

H poten-

58 DISCURSO VII. SOBRE A PERFEIC,AM

potencia, he hũa cousa perfeita a seu respeito, & pôde produzir causas perfectas. E ao contrario, aquillo q em seu genero não pôde compellar o appetite da potencia, a receber (pelo menos conveniente, & com quietaçam) o que se lhe aduna, produzido em algum acto, não pôde ser senão imperfecto, por ser a causa de donde procede imperfecta.

Se o som do Diapente, do Diapasson, & Diatessaron, chegando a percepçam da potencia auditiva em suas proprias formas, causão ao ouvido quietaçam; será este som perfeito pera este sentido, & produzido em acto tambem o será.

Que se contênte esta potencia em o proprio ser destas Consonancias, se mostra, que tendo mais, ou menos som, as julga por Dissonancias, & lhe causão molestia, & enfado. Logo se a Quarta fazendose Tritono, ou Semidiatessaron a potêcia auditiva a julga por Dissonancias seguese, que em seu proprio ser descãta esta potencia nella, & por conseguinte he perfeita, & não imperfecta, que he a tençãõ deste Discurso.

D I S C U R S O VIII.

Mostrase não ser o Diatessaron Dissonancia.

PEra intelligencia do que neste Discurso pretendemos mostrar, nos he necessario definir, que cousa seja Dissonancia, pera que declarando o que está em sy he, & quantos modos dellas ha, se veja claro não ser da connumeraçam dellas a especie do Diatessaron. Blas Rosseto no la deu a conhecer quando disse: que era hũa colluçam, & mixtura de vozes desabridas, & asperas,

Refert libel de Rudim. mus.

João

João Tintor, hũa mixtura de diversos sons, que natu- Tint. de Ari. cõtr. ap.
 ralmente ofendião a potencia auditiva. Ludovico Fu- l. 2. c. 1.
 liano: hũa mixtura de som grave, & agudo, inimiga do Fulian. scil. 2. p. 2.
 ouvido. Euclides: *Dissonantia est in duobus sonis mixtio-* Euclid. introduct. h. ar. m.
nis fuga, qui cum misceri recusent asperitate quædam aures læ- pag. 8.
duunt. E mais coherente que todos Boecio: *Dissonantia*
verò est duorum sonorum sibi met per mixtorum, ad aurem ve-
niens aspera, atque injucunda percussio. De maneira que a
 Dissonancia não he outra cousa, que hũa mixtura de
 som grave, & agudo, a percepçã da qual desabrida-
 mente chega á potencia auditiva; porque seus sons se
 não unem huns com os outros, Se a Quarta, & seus sôs,
 como temos provado, se unem em partes, não se entõ-
 de della as de finicoens que apontamos. E muito me-
 nos em o modo que as Dissonancias, & falsas se confi-
 deraõ, pois estas (á parte rei) se lhe dá este nome
 em duas maneiras: a hñas chamaõ de numero, a outras
 de genero. As de numero saõ as que se cometem en-
 tre dous numeros, ou signos contiguos, & contrarios,
 como de hum a dous, de dous a tres, de tres a quatro,
 &c. que reduzidos a signos se consideraõ entre Ffaut
 & Gfolreut, Gfolreut & Alamire, Alamire & Bfabimi
 & todos os mais intervallos da segunda, as quaes saõ
 falsas, & Dissonancias em a Musica, & se contem entre
 numeros, & signos ascendentes. Assi o demonstrou
 Teon Smyrneum dizendo: *Dissoni sunt, qui in cantu* Smyrri. cap. de in-
se proxima consequuntur; ut est toni intervallum, & Dieffis, terval.
&c. Destas se originaõ outras falsas, que se cometem
 em numeros contrarios descendentes, como saõ Sep-
 timas, cujos numeros saõ, oito, & dous; nove & tres;
 dez & quatro, &c. que reduzidos a signos saõ: Ffaut
 agudo, & Gfolreut grave, & os mais nesta forma, com
 suas compostas, & tricompostas, que todas saõ origi-
 nadas

80 DISCURSO VIII. SOBRE A PERFEIC, AM

nadas da Segunda, por serem cometidos em signos semelhan-tes aos seus, & são chamadas de Setho Clavifio: *Dissonantijs per se*. E ainda que os signos da Septima, & Novena, & das mais, não sejaõ contingentes, como os da Segũda: & supposto que pera ser hũa falsa de numero he necessario o sejaõ; com tudo não he bastante isto pera que estas especies deixem de ser falsas: porq̃ são distancias compostas, & se não devem regular por sy mesmas, senão pelo simples, de quem recebem o ser q̃ tem, que he a segunda. Hũa das efficazes razoes pera a Quarta não poder ser falsa he esta, por quanto pera hũa o ser: *Necesse est ut prima & simplex illius generis, committatur inter numeros contiguos, atque contrarios, vel inter signa contigua, & per consequens contraria*. A Quarta tendo hũa das condiçoens, lhe faltaõ as demais, pois se não comete entre numeros contingentes, & consequentemente contrarios. Donde se colhe não poder haver contraposiçaõ por faltar encontro natural, ou formal. O que na Quarta se não considera, por se cometer entre numeros remotos; logo a Quarta não he Dissonancia. As que Setho Calvifio, & Henrico Baryphonio chamãõ, *Per accidēs*, que são as que á primeira vista não discrepaõ das Consonancias na situaçam de seus pontos, sim pela abundancia de mais, ou menos commas, se convertem em Dissonancias, como são a Quarta maior, & menor: Quinta maior, ou menor, & a Octava do mesmo modo. Lhe chamamos nõs Dissonancias de genero por se cometerem entre dous signos de diferentes generos, ou propriedades, sendo hũ brãdo, & outro duro. As que nesta forma são consideradas se podem cometer entre signos remotos, por quãto sua malinidade não consiste em encõtro propinquo, senão na contraria natureza, & propriedades, como fa, cõtra

mi,

Calvis. mus. poet.
cap. 6.

Calvis. mus. poet. c. 7
Beryph. Pleyas mus.
sect. 6 Pley. 5.

mi, & mi contra fa. Menos se pôde colligir deste modo de Diffonancia, que a Quarta seja falsa: antes he efficacissima razão pera ser Consonancia perfeita: pois se ella sendo superflua, ou diminuta he Diffonancia: em seu proprio ser, he Consonancia naquelle lugar q̄ lhe cabe depois da Octava, & Quinta. E melhor se conhece esta verdade, em q̄ nenhũ dos intervallos referidos se pôde unir com os Consonos, que não diffone, ou seja no lugar superior, ou inferior. A Quarta jũta à Octava & Quinta faz perfeita harmonia. Ergo uaõ he falsa, Cõsonancia sim. E não obsta q̄ se diga, q̄ posta a Quarta por baixo da Quinta, não faz tam bom effeito como no superior della, por quanto differente cousa he dizer, q̄ hũ intervallo he Consoante, ou Diffonante: outra q̄ seja posto neste, ou naquelle lugar. A Quarta não faz bom effeito inferior á Quinta, pela uaõ collocarẽ, no que lhe convem, por quanto a razão dos numeros harmonicos pedem q̄ as Consonancias primarias, & mais perfeitas convenhaõ respectivamente em lugar mais grave. Não se segue logo daqui, que a Quarta por não ter lugar de estar no grave, se haja sempre de cobrir com outra Cõsonancia, como os Practicos querem: porque assi como seu lugar (cõforme a esta razão) he superior á Quinta, & não inferior, & por conseguinte sobre a Terceira menor: com tudo juntandose (como temos mostrado) com o Ditono seu proprio lugar he na parte inferior: o que se não prova somente pela razão dos numeros: mas confirmada pela experiencia do ouvido.

E sendo assi (diz Joaõ Baptista Doni) que os Practicos fazem tanto caso deste pera julgarem as Consonancias: com tudo vellipendiando a elle, & à razão, por se não apartarẽda doutrina q̄ de seus mestres aprẽderãõ

*Doni disc. Conson.
pag. 260.*

62 DISCURSO VIII. SOBRE A PERFEIC, AM

jã não usão na musica vocal. Dizemos Musica vocal, por quanto na instrumental de Lyras. Cytheras, & outros varios instrumentos não só se tēperaõ duas chordas em Quarta, & soaõ bem: mas ainda em muitas fatias a tocaõ na parte inferior, com grande satisfacão do ouvido.

Provasẽ mais, que se a Quarta fora Diffonancia, subtraçta dõ Diapasson, o intervallo que ficasse seria tambem diffonante. Os intervallos que se tirãõ do Diapasson deixaõ outros Homogeneos assi. Evêse claro, que se tirãõ hũa Consonancia perfeita, fica outra: se imperfeita, outra semelhante; se Diffono da mesma qualidade. Logo se tirando hũa Terceira fica hũa Sexta, & tirando hũa Segunda fica Setima: se a Quarta tirada da Octava deixa a Quinta intervallo Consono, & perfeito. Deveselhe em rigor o lugar de Consonancia perfeita, pois nem imperfeita, nem Diffonancia deixa tirada da Octava, senão hũa perfeita semelhante a sy.

E pera que demos mais luz ao que atras tocamos no Discurso VI. se deve considerar, que sendo a Quarta Diffonancia, & havendose de transpõr, o extremo intervallo, de necessidade havia de ser Diffono, como se mostra transportandose hũa Segunda em sua Octava pera a parte grave, ou da grave pera a aguda se converte em Septima, & se o fizermos a Terceira se fara Sexta, ou da Sexta Terceira. Perguntemos agora; se de hum intervallo Diffono resulta outro Diffono, & de hum imperfeito outro semelhante, porque razãõ não gozará a Quarta o mesmo privilegio, quando transpõdose Octava em baixo, resulta della a Quinta, & desta em sua Octava a Quarta?

Dividamos a Octava, & vejamos se della tiramos prova a nosso intento. Em tres modos o fazem todos

os Theoricos. Primeiro em Quinta, & Quarta; segūdo em Terceira maior, & Sexta menor; Terceiro em Terceira menor, & Sexta maior. Não parece razão, q̄ se nas duas ultimas divisoens, que por natureza, & origem são imperfeitas se admittão ambos os intervallos por Consonancias; & que na primeira divisaõ, sendo a de mais perfeiçam, hum intervallo seja Diffono outro Consonante.

Duvidaraõ alguns dizendo, que se ella he Consonancia, & não Diffonnacia, que causa move aos Practicos a regeitala, inda q̄ a façã graves Authores: a duas vezes?

Ao que respondemos, que essa mesma razão serve de abono a nosso intento: porque se a Diffonnacia se admite em os Duos, sendo a Quarta se havia de jure de aprovar nelles, & nõs vemos o contrario. A razão de se não consentirem as Quartas, & as falsas si, he, que como estas seu lugar proprio sejaõ as clausulas, segundo muitos Authores com Joã Nuncio no lo insinuão; & por isso sua desculpa nunca p̄de ser se não gradatim, abaixando se hum ponto daquelle em que se ella cometeo, que vem a ser sendo a falsa Septima vir a Sexta; & sendo Segunda a Terceira; do que nace regeitar se a desculpa da Septima a Terceira; como fez Matheus Romei ro aliã Capitão em hũ Christe da missa: *Que raxon podeis vos tener;* & da mesma maneira da Septima a Quinta, como Pedro de Larue na Missa: *Beata Virgine*, na palavra, *Domine fili.* E Giachet no Mottete, *In illo tempore dixit Iesus*, na palavra, *Creditis in Deum*, por serem disjuntivas, & não se admittirem, ainda que desculpadas nestes Authores por serem tam abalizados, que entendemos foi mais licença, que como taes quizerã tomar, do que acertar no verdadeiro precei-

*Nuncio mus. Poet.
de discordant.*

64 DISCURSO VIII. SOBRE A PERFEIC, AM

ro preceito da Arte. Tornando a nosso intento, toda a clausula real, ou medial se faz em duas vozes; & affi fazendo nellas hũa falsa, cometemos clausula, & não deixa de ser cometimento della o deixar-se de fechar, que de hũa, ou outra maneira se lhe ha de dar este nome.

A esta falsa chamaõ respectiva, porque à absoluta de nenhũa maneira se pôde dar em duas vozes, nem em quatro, as quaes se consideraõ sobre hum ponto dar outro em segunda, ou septima sem ligadura, nem disculpa. Esta he a causa porque em duas vozes se admitem falsas respectivas, & a Quarta não, por ser Consonancia perfeita, ainda que de mênos sonoridade que a Quinta, porque: *Consonantia non sunt* (diz Pedro Galtruchio) *æquali inter se perfectione*. E Henrique Puteano: *Perfectæ Diatessaron, perfectior Diapente, perfectissima sane Diapason comprobatur*. E atli buscaõ nas perfeitas as de maior harmonia, & usaõ das imperfeitas (em os duos trato) porque muitas dellas não deixaõ de fazer a musica harmoniosa, por razãõ de ferẽ varias, & hũas maiores que outras. As perfeitas como sempre tem hum ser, & igualdade, & a Musica foge desta, não usaõ em duas vozes muito dellas, & ainda da mais perfeita de todas, que he a Octava.

Tiremos de tudo por conclusãõ, que a Quarta não he Dissonancia pela definiçam, nem por semelhança que apontamos, nem pela divisaõ da Octava de donde todas as Cõsonancias, & Dissonancias emanaõ; & menos por falsa de clausula, pois a que ella faz o não he, nem pôde ser, cousa que os Praticos confessãõ, & juntamente por muitos delles a fazerem por Consonancia em suas composiçoens, como mostraremos no Discurso seguinte.

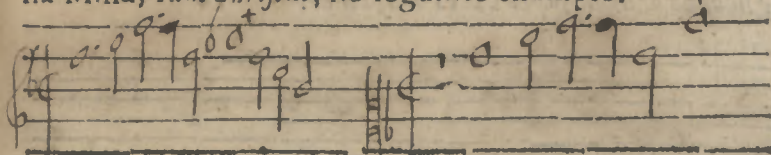
Galtruch. instit.
mathem. de mus. c. 3
Putan. Sug ambireliq
secul. triumph.

DISCURSO IX.

Apontaõse os Authores, que usarão a Quarta em duas vozes.

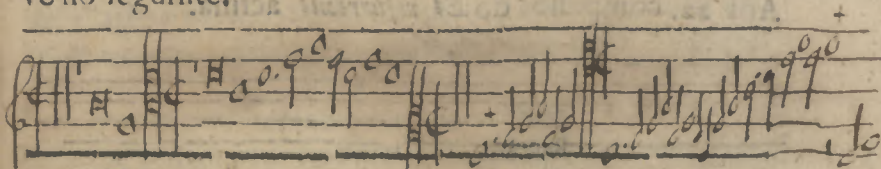
T Em condido tanto a doutrina de alguns Practicos sobre esta especie não ser Consonancia, que he por demais, o querelhe mostrar por especulaçoens a verdade, quiçá, ou pelas não entenderem, ou por se não darem por entendidos. Sendo de hũa, ou de outra maneira, temos por ceula superflua buscar razões theoricaricas pera os convencer, se os effeitos dos melhores Practicos, lhes não captiva seu discurso, ignoro o modo com que lho possamos fugeitar. Refutemoslhe a opiniaõ de se evitarem duas vozes: estando izenta do foro de Disonancia, com lhes mostrarmos os grandes fugeitos, que nellas a ordenaraõ.

Seja o primeiro o grande Joaõ Luis Prencstiná *Prencstiná* na Missa, *Iam Christus*, no seguinte exemplo.



Entos Sanctus da Missa *fine nomine*, uza o mesmo, & em outras muitas partes.

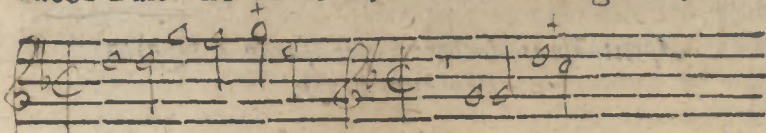
Orlando Lasso Bicinia sacra no Motete: *Intellectũ* *Orlando Lasso*
ribi dabo. Claudin na Missa. *Philomenia precia.* Joaõ Mou *Glaudin.*
 tou na Missa. *Tua est potentia*, no fundamento, como se *Joã Mouzin,*
 vê no seguinte.



66 DISCURSO IX. SOBRE A PERFEIC, AM

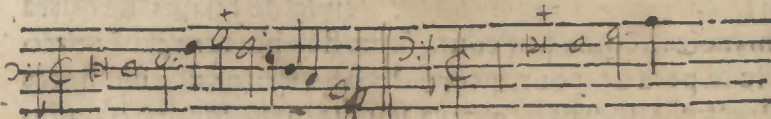
Jacob. Bultel.

Jacob Bultel no Mottete, Michael Archangele a 5.



Clemens non Papa.
Pedro Poncio.
Jusquin.

O mesmo usa Clemens non Papa no Mottete: *Mane nobiscum Domine*, a 5. Dom Pedro Poncio no Dialogos. Jusquin: *Et resurrexit*, da missa *L'homme d'arme* do texto tom entrando nella.

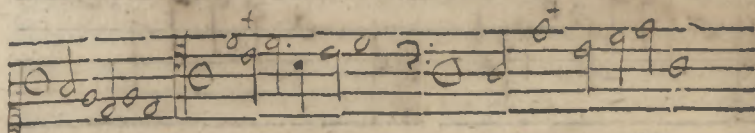


Andre da Sylva.

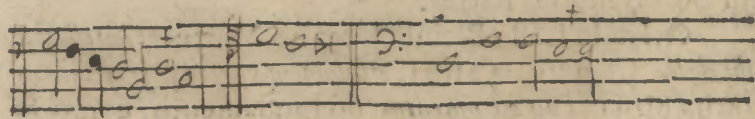
Em os kiries da mesma Missa a uso em duo. Andre da Sylva missa: *Metheur mebat* em o *Osanna*, a tem solta sem nenhũa ligadura, nem sincopa, & outros, que por brevidade não nomeo.

Jusquin.

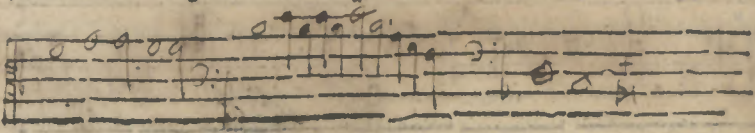
A tres, & quatro vezes a usaraõ Jusquin na missa: *L'homme d'arme super voces musicales*.



No fim do *Qui tollis* da mesma missa.



Aos 22. compassos do *Et resurrexit* acima.



Segue

Sêgue esta opiniaõ nos Mottetes : *O Iesu fili David: Dic nobis Maria*, & na G'oria da missa de nõsta Senhora. Seu Mestre Joaõ Okeelen em hũa fuga a 3. Gascone *Gascone.* no Mottete, *Maria Virgo.* Gregorio Mejer em os ky *Greg. Mejer.* ries, que por seus aponta Glareano no livro do Decachordo. Sixtus Dietrech em o Mottete: *O Domine Iesu Christe* a 3. Henricus Isaac: *Tota pulchra est Maria.* Ma- *Henric. Isaac* theus Solier nos Kyries da Missa; *Luver est mie.* Clemens *M. alb. Solier.* non Papa no principio do primeiro kyrie, *De virtute Clemens.* magna. Joaõ Castilleti: *Expurgate vetus fermentum.* An- *Joaõ. Castilleti.* tonius Troyanus: *Iubilate Deo.* Lupus Helinc. Magne *Troyanus.* *Helinc.* *surgens Jacob.* Rencourt: *Adjutor meus.* Nicolaus Paye- *Rencourt.* nus: *Quis dabit capite meo.* E entre os modernos Frey *Payerus.* Joaõ de Escovar na sua Modulaçaõ, *Cantantibus orga-* *Escovar.* *nis.* Meu Mestre o insigne Duarte Lobo no 2. livro de *Duarte Lobo.* suas Missas nos kyries da Missa *Hic est verè martyr.* E quando ponhaõ por objecçaõ, que muitas das que a- ponto saõ no ar, & que passaõ como falsas soltas. Res- pondemos, que de nenhũa maneira se deve admittir a dvida quando estaõ muitas, que ainda que passaraõ como taes, podendose dar caso, que se admittaõ estas falsas, & sendo a Quarta, for a erro dar-se daquella ma- neira. Mas porque fiquem fóra de todo o escrupulo, alem de todos os Autores nomeados se veja o exem- plo que traz Franchino a outro intento na obra, *An-* *Franchin. Angel. c.* *gelicam, ac Divinum opus musicæ.* Adam Luir em hũ ter- *Luir.* cio. Petro de la Rue em o *Qui tollis* da Missa, *Beata* *la Rue.* *Virgine.* Phelippe Rogier no Mottete, *Qui consolabatur* *Rogier.* *mie.* Carlo Patinho em hum concertado entrando nel- *Patinho.* la, & outros muitos, que sem dvida a deviaõ ter por Consonancia.

Cérone traz hum exemplo pera prova da Quarta de Luis Pratense, de que nos naõ aproveitamos por

razaõ de o trazer todo viciado, & mal enteu dido, nomeando Author, que não deve, pois não he de Luis Pratenfe, como elle diz, senão de Iusquin; elle vio este exemplo em Glareano, que tem por titulo, *Iodocus Pratenfe*, & imaginou ser o que elle aponta o Originario, & o mesmo Glareano tira a duvida em o Cathalogo dos Symphonetas diz: *Iodocus Pratenfis vulgõ Iusquin*. E prova-se mais claro esta verdade vendote o livro primeiro de Missas deste Author, impresso em Veneza anno 1505. onde em hum Agnus Dei da Missa *Fort una desperata*, o traz.

Cerone às planas 319. aponta este exemplo a cinco vozes, & assi lhe fica com muitas Quartas, sendo q o exemplo não tem as que aponta, por ter somente a 4. vozes, & a que elle diz as dà, se deve lançar fõra, por ser o contrabaixo duplicado havendo de ser somente simples, ouzena abaixo, conforme o letreiro.

*In gradus undenos descendat Multiplicantes
Consimilqz modo crescant antipodes uno.*

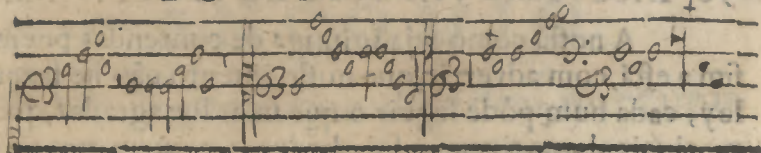
Imaginando que dizer *Antipodes*, se devia entender entre dous, não reparando ser isto Canon, & não Fuga. Se nos perguntarem, que differença consideramos entre Fuga, & Canon, diremos, que as mesmas palavras o mostraõ, porque Fuga he seguir hũa voz outra pelos mesmos movimentos, & quantidades de figuras. E Canon quer dizer regra, que se deve cantar desta, ou daquella maneira. Esta que Jusquin aponta, manda se cante ouzena por baixo cõ a multiplicação nas figuras.

Em falta deste exemplo se pôde lançar mão dos q aponta Frey Marino Mersenio na segunda parte de sua Harmonia universal, composiçam do senhor de Confuconego em S. Quintin, em a qual usa das Quartas na forma seguinte, como Consouas.

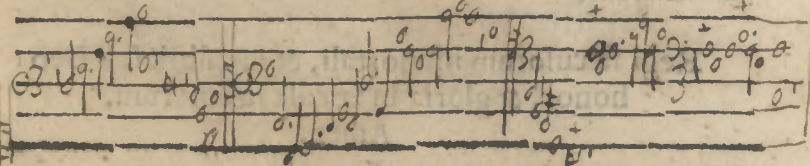
*Mersen. p. 2 barm.
quiro. f.*

E con-

DO DIATHESSARON. 69



E continúa nesta forma até o fim. *tabulam aib*



Na qual obra usa dos Diatheffaroens como qualquer das outras Consonancias.

Muitos exemplos se puderaõ trazer, como os de Andre Papiro no *Mottete a 3. Pater peccavi*, que fenece *Andre Papiro.* na Quarta inferior, ao uzo dos Venezianos, que deixo; porque fugeitandose os modernos á razãõ, devem considerar o Diatheffaron como Consonancia. Ao qual aconteceo como às sciencias, das quaes diz Ludovico *Ludovicus Vives.* Uives entrou Sophisteria por algum tempo serem sepultadas no esquecimento.

Na da musica pela variedade dos tempos, se esqueceraõ os generos, querendoos resuscitar, fizeraõ nelles tâcas mesculancas, que a não ser o uzo que o ouvido dellas tem, foraõ julgadas por *Dissonãcias*. O mesmo aconteceo á especie da Quarta, que por faltar seu uzo, a tiveraõ por inhabil pera a musica, ficando nós de sentido artizado por Consonancia, & nos que somente trataõ do ouvido por *Dissonancia*. E a verdade he, que exercitar-se este em hũa distancia he grande parte pera que atropelando toda a razãõ, julgue contra o que esta avalia, recebendo por Consonos os intervallos que o não são, & os que de jure se lhes deve este nome, por *Dissonos*; q he mui forçoso o costume a fazer natureza

70 DISCURSO VIII SOBRE A PERFEIC, AM

A nossa como seja inimiga de contendias poem
fim a está, com advertir, que nosso intento não he fazer
ley, cada hum pôde seguir o que mais lhe agradar, que
o principal que tivemos foi obedecer a quem nos po-
dia mandar.

Regi saeculorum immortalis, & invisibili soli Deo
honor, & gloria in saecula saeculorum.
Amen.



ENCOMIO

Sobre o papel que mandou imprimir
o Serenissimo Senhor, elRey Dom
IOAM O IV. em defenſa da
moderna Musica.

*Resposta sobre os tres Breues negros
de Christo-uaõ de Morales.*

SENHOR



CARTA, ou Satyra do Bispo Cyrilo Franco contra a pureza, & excellencia da Musica moderna, em chegar às maõs Reays de V. Mageſtade, correo a meſma fortuna, que a oraçaõ daquelle Grego Orador em presença do grande Alexandre. O crime deste consitio em se atrever a disputar materias de guerra diante de hum Principe tam guerreiro, que com suas victoriosas armas se tinha feito senhor, & arbitro de todo Oriente. A desgraça daquelle, em apparecer a sua Apologia diante de V. Mageſtade Monarca tam versado em todas as artes, & sciẽcias, & tam sabio na Musica que nella não admite hoje igual em toda a Europa.

Escreve V. Mageſtade neste seu defensorio com
raza

tanta erudição, & converte com tanta evidencia, que alcança a Musica me deina maiores creditos em ser defendida por V. Magestade, do que teve a antiga em seus proprios inventores. E pera que este Tratado de V. Magestade em tudo seja grande, só lhe falta aquelle cofre, ou guarda joyas do me mo Alexandre, que servio de thezouro á Ilhade de Homero.

E porque V. Magestade entre varios exemplos, com que illustra a Musica, faz menção da com que David lançava o demonio do corpo de Saul, & parece se inclina à opiniaõ, que pera este effeito lhe concede só virtude sobrenatural; proporei a V. Magestade os fundamentos, & Authores que affirmão, que só a virtude natural daquella real Musica tinha poder pera semelhantes prodigios.

O primeiro, Alberto Crantzio diz, que a Musica natural de hum musico afamado daquelles tempos, lançou o diabo do corpo a Erico Rey de Dania.

O segundo, Jeronymo Menguo affirma, que esta opiniaõ he de graves Authores; elle a segue, & nomea especialmente por patrono della a Guido na sua Musica. O terceiro he Fabio Paulino citado por Martin del Rio, & o quarto Gaspar Sanches.

Naõ nega esta efficacia natural na Musica, Georgio Veneto, que diz haver muitas cousas corporeas cõ virtude natural contra o demonio. Do mesmo sentir Nicolao Seratio. A mesma opiniaõ tem Pedro Gregorio Tolefano nos Syntagmas do direito. Guilherme Parizienfe, & Bartholomeo Fayo.

Outros Authores refere Abulense, posto que os não nomea, & elle se inclina a esta opiniaõ, ainda que explica, a virtude natural da Musica contra o demonio por acção indirecta.

Crantz: *hist. dania.*
l. 5. c. 3.

Meng. *Magal. d. amon*
cap. 3.

Rio *lib. 1. c. 38*

Sanch *lib. 1.*

Reg. c. 16

Venet. 10 6 *sect. 5.*

n. 199

Serar. 1. *Reg. c. 10*

Tole *synag. iurij*

lib. 21. c. 21.

Parizienf. *lib. de*
nn. vers.

P. y. *Energumen.*

Abul *lib. 1. Reg.*

cap. 15.

Abul *lib. 1. Reg.*

cap. 56.

Os que concedem a íobredita virtude natural, o figado, ou coração do Peixe de Tobias pera lançar o demonio, se houverem de fallar consequentes, são obrigados a defender a mesma virtude na musica de David. Estes são Dionysio Cartusiano, Gaspar Sanches, & Bento Pereira.

*Cartus. in 6. c. Tob.
Sanch. in 6. c. Tob.
Pereir. in Gen. c. 24.
n. 46.*

Provaõ esta opiniam por muitos fundamentos. O primeiro he aauthoridade de Macobrio, onde affirma, q̄ tudo o que vive, ou espirital, ou corporeo, se móve, & atrahe com a musica.

*Macob. jonn. Scip.
Ieseph. de Bell. Iud.
lib. 7. c. 23.*

Segundo, do que diz Josepho daquella milagrosa raiz chamada, Baaràs, cuja virtude natural pera lançar o demonio, alcançou Salamão antes de se perverter, a qual raiz aplicada aos narizes dos endemoninhados, lançava o demonio de seus corpos, como mostrou a experiencia.

Terceiro, porque Deos pera maior castigo do pecado de Lucifer, & seus sequazes, & pera humilhar sua soberba, os sujeitou à virtude de qualidades corporeas, & naturaes.

Nem encontra esta resolução, serem os demonios puros espiritus; porque não offende os principios da Philosophia, antes he muy conforme a ella, que se pôde turbar a intelligencia e spirital por especies de algũas cousas corporeas, quando as vê em sua presença, apprehendendo serem lhe nocivas, da qual apprehensão se gere hũa natural antepatã, que faça fugir ao demonio dellas. Assi como por semelhante apprehensão turbada são atormentados os mesmos demonios, & almas dos condenados na presença do fogo do inferno material, & corporeo, sem que este fogo tenha algũa outra efficiencia nos espiritos atormentados, como tem muitos Doutores,

Paulin. ubi sup.

Fabio Paulino acima citado prova o mesmo intēto, defendendo, que a musica de Apolo, & Orfeo, com virtude natural, sem mixtura de encantamento, ou fabula, movia as feras, as arvores, & as pedras. O fundamento que aponta he, que se ouvimos a harmonia, q̄ fazem os Ceos com seus movimentos, todos andaramos embebidos nella. E assi pôde o mesmo Geq (applicado o especial concurso do Author da natureza) cōmunicar a virtude, que em sy tem á musica da terra; como communica semelhantes virtudes á pedra de tocar, ao alambre, & algũas ervas pera trazerem a sy ferro, aço, pao, & outras cousas inanimadas; & como tãbem o influxo natural do Ceo em certos tempos, & cōjunções de astros move naturalmente em circulo, a campana de Vililha sem intervir em seu movimento mysterio algum, como dizem varios Authores, & se tem experimentado muitas vezes.

Conta Solino, que na provincia Halezina ha hũa fonte tam milagrosa, que sendo por natureza mui quieta, se cantaõ, ou tangem junto della, como se fora capaz de sentir, começa a ferver, & trasbordar fora de suas margens naturaes, & acabando a musica, se torna a recolher, & quietar. O mesmo contaõ Scerlogo in Cant. & Simaõ Mayolo trazendo o Author ut supra, em seu abono.

Deixo o que conta Apuleyo no Apologetico, que os antigos curavaõ feridas mortiferas com a musica, & especialmente que estandose defangrando o corpo de Vlysses, com a musica estancou o sangue.

Deixo o poder que a musica tem nos brutos animaes. Dos Delphins he cousa sabida; dos cavalloos o affirmo Job dos Vnicornios, & Elefantes, Euthymio; do Cervo, Aristoteles. De muitas feras o mostro em

hum

*Solin. memorab.
mund. c. 12. fol mibi
551.*

*Scerlog. in Cant. 10.
1. pag. 679.*

*Mayol. die ñ canic.
coll. q 13. pag. 121.
col. 1.*

Apul. Apolog.

Job. c. 39 n. 22.

Euthym.

*Arist. hist. animal.
l. 9 c. 1.*

hum livro, que pretendo tirar a luz, em que trago varios Authores, que affirmão, que muitos animaes indomitos por natureza, se deixaõ prender ao som, & harmonia da musica, conforme aquelle verso

Incitantq̄ cantu, in retia currunt bellua.

Dos fundamentos sobreditos, & naturaes effeitos, que a experiencia tem mostrado na musica, se collige com grande probabilidade, que tem esta sciencia virtude efficaz contra os espiritus malignos, pelo modo já explicado,

Excellências da Musica.

Represento a V. Magestade as excellencias desta sciencia, não que ignore alcançalas V. Magestade com perfeiçam; mas porque se a caso este meu papel sahir das reays mãos de V. Magestade pera as de algũs curiosos fique V. Magestade desculpado em occupar o tempo, que a seu repouzo furtou em a defender, pois bastava ler el Rey David tam grande Mestre de musica, a que igualmente acompanhou com ella seu valor, & sanctidade, pera que esta sciencia ficasse debaixo da protecçam dos mais esclarecidos Príncipes,

Mas he de notar pera maior qualificaçam de sua excellencia, o que diz Hugo Cardeal de parecer de S. Hieronymo, & Josepho, que a primeira vez que David recebeu de Deos espirito prophetico, foy quando cantou diante de Saul; & entam começou a escrever seus Psalmos; como se a musica fora requisito pera receber favores divinos, & tam eximios como este. As palavras deste Author são: *Tunc accepit David propheticum spiritũ, sic ille prophetare capit, sancto super se spiritu veniente, tunc capit Psalmos canere.*

Hug. in 1. Reg. 6. 16.

O mesmo prova o Texto sancto onde diz Rabbi *Rabbi Salam, in 3. Sala cap. Reg. 1. 4i*

Salamaõ, que tendo Elizeu perdido o espiritu de propheta, por reprehender com excessõ aos dous Reys de Israel, & Iudà, Josaphat, & Joraõ; pera tornar a cobrar de Deos o mesmo espiritu, pedi-lhe trouxessê hũ musico que lhe cantasse, & cõ esta diligencia lho restituiu Deos: *Aducite mihi psalterem*, disse Elizeu; & logo acrescenta o Texto: *Et facta est super eum manus Domini.*

Vermilio.

Fl. ggio.

Abul. in Exod. c.

11. q. 1. 4.

Rangol. in 1. Reg.

fol 1239.

Tornial. ann. mund.

25 5. num. 14.

1. Reg. c. 10. n. 5.

Em confirmaçam disto observaõ Vermilio, Fagio in Onzel. Exodi cap. 11. vers. 25. Abulense, Rangolio, Tornielo, que no Texto sagrado se chamão musicos, os Prophetas; & os Prophetas musicos, sendo o nome de musico, synonimo do nome de Propheta. Assi se collige do primeiro livro dos Reys, onde Samuel falando com Saul, diz assi: *Cumq; ingressus fueris urbem, obvium habebis ibi gregem Prophetarum descendantium de excelso, & ante eos Psalterium, & Tympanum, & tibiam, Cytharam, ipsosq; prophetantes.* Estes Prophetas diz a versaõ Caldaiça, que eraõ huns musicos, & suas prophecias eraõ os canticos suaves que cantavaõ. Tambem os musicos, q Dávid criou pera o Templo, se chamaõ Prophetas, como refere o sagrado Texto: *Igitur David, & magistratus exercitus segregaverunt in ministeriũ filios Asaph, & Hermon, & Idithun: qui prophetarēt in citharis, & psalterijs, & cymbalis, &c.* E Genebrard. cõ Pico Mirãdulano disputa de Magia naturali, & cabala, diz, que estes Prophetas ou Musicos uzavaõ de dez modos diversos pera cantar os Canticos do Real Propheta David. O primeiro modo se chamava Nesa, & por este se cantavaõ as Odes.

O segundo se chamava, Neym, & era o mesmo, que tocar os orgaõs,

Oter-

Paralip. l. 1. c. 25. n.

1. & c. 15. n. 22.

Geneb. in Ps. 150.

Miraud. Apolog.

O terceiro, Mismor, & por elle se cantavaõ os Psalmos. O quarto, Sehir, & por elle se cantavaõ os Mottetes. O quinto, Thaphil, & por elle se cantavaõ as Oraçoens. O sexto, Beracha, pelo qual se entoavaõ as bençoens. O septimo, Hillel, por onde se cantavaõ os louvores. O octavo, Iedidia, pelo qual se cantava as acçoens de graças. O nono, Asche, & por este cantavaõ as felicidades. O decimo, Alleluia, com que se solemnizavão as grandezas divinas. Acrescento dito Author, que havia outra especie, a que chama Malchill, que era por onde se entoavaõ as contemplaçoens.

Dos effeitos da Musica.

Considera U. Magestade em este tam celebre defensorio os varios effeitos, que a musica faz; pera o que he muito de notar chamar o Propheta Rey ao Verbo Divino encarnado, Psalterio, & Cythara, *Psal. 56. n.º 2º* onde diz: *Exurge gloria mea, exurge psalterium, & cythara.* Pôdesse duvidar, porque não dá o Sancto Propheeta estes titulos ao Eterno Padre, ou ao Espiritu Sancto, senão só ao Verbo encarnado? Parece-me, que a causa he, porque como o Verbo Divino deceo à terra, pera roubar os coraçãoes dos homens, sò a elle deu o Sancto Rey o titulo de instrumento musico. como cousa que tem o mayor poder sobre os humanos coraçãoes.

A Esposa divina nos Cantares gabando as prendas de seu Divino Esposo, sò de sua musica diz, que arrebatava os desejos, & as vontades; *Guttur illius Cantico cantu cap. 5.*

suavissimum, & totus desiderabilis; ou como teu os Setenta, Totus desiderium.

Theop. lib. 46. hist.

Por este respeito costumavaõ os Gettas (como Theopompo afirma) quãdo tratavaõ negocios de muita importancia com outros Principes, pera alcãcar delles o que pediaõ, mandarlhe por embaixadores os melhores musicos, & os que melhor tocavãõ instrumẽtos, pera que a força, & suavidade da musica os obrigasse a conceder o que se pretendia. E assi andava entre elles, & entre os Gregos commũmente recebido aquelle verso.

Nullus in caelo Deorum est, Musa quem non mulseat.

Diod. sicul. lib. 2. c. 1

Por este respeito os Egypcios nãõ quizerãõ admittir a Musica em sua Republica, como testifica Diodoro Siculo, nãõ porque deixassem de a venerar, senãõ que como sabios haviaõ medo de seus poderes, & encantos.

Bellar. Ascens. ment. in Deum grad. 7.

Bellarmino diz, que a causa porque os Ceos tem tanto poder na terra, nasce de sua grande harmonia, & que as Estrellas fixas, correndo sempre o mesmo curso fazem no Ceo, o que faz na musica o baixo, & as Estrelas erraticas sãõ os contrapuntistas.

Crantzio lib. 10. Metropol. cap. 27.

Alberto Crantzio refere que o Emperador Ludio vicò Pio se arrebtava tanto cõ a musica, que perdoou gravissimos crimes a Theodulfo por lhe cantar com suavidade.

Torres. Phlos. de princip. lib. 6 c. 6. pag. 230. col. 2.

E bẽm se verifica neste Emperador a sentença daquelle antigo verso Iãbico mui versado entre os Gregos.

Homer. Odiss. l. 3.

Arist. Polit. l. 8. c. 3

Egyd. l. 2. c. 8.

Frasi. c. Patric. l. 2. c.

15. de Regn.

Levay infr. del. Del.

fin. de Franc. pa. 165

Regium nihil Rege in illo, qui Camenas negligit.

E outro: *Conjuncta Regno maxima est Res musica.*

Mui natural he a hum Principe a arte da musica, assi o mostraõ Senhor, Homero, Aristoteles, Egydio, Francisco Patricio, o Padre Ioaõ de Torres, o senhor de la Motte Levayor, Ioaõ Galhego de la Serna, Antonio

tonio Carvalho de Parada, & o doctissimo Portuguez Hieronymo Osorio em estas palavras: *Non igitur solum Regi colenda musica est, ut animum à labore recrea, aut natura vehementiam leniat, atque temperet; sed etiam ut ex musica legibus intelligat florentem, atque beatum statum in juris, & ordinis moderatione consistere.* E ainda Senhor, observo com muitos Authores, que por não ser molesto a V. Magestade deixo de referir; que não tem pensamentos, nem espiritus reays quem as despreza.

A musica Senhor, faz grandes, faz sabios, & virtuosos. Com grande excellencia louvou a musica Pico Mirandulano, da qual diz que he sciência tam superior aos sentidos humanos, que só o entendimento pôde avaliar seu preço. Melhor sentio Plutarcho, que testemunha, que nenhũa sciencia era mais propria aos Deoses, & Principes, que a musica, & harmonia.

Naõ achou o Espiritu Sancto, que descrevia a gloria perfeita sem referir a musica que nella havia, como diz no livro de Tobias: *Et per vicos ejus Alleluia cantabitur.*

Nem ha que fazer caso do que disse Vermilio citado por Rangolio in 1. Reg. onde com grande protervia, & atrevimento affirma, que a musica dos Catholicos degenerou em gravissimos abusos, por quanto he tam despedaçada, lasciva, & operosa, que por seus estrondos nenhũa palavra se entende: *Musica degeneravit in abusum, qualis est musica papistarum ita fracta, lasciva, operosa, ut per strepitum, nec verbum quidem intelligatur.* Falou como quem sentia mal da Igreja Romana, & do estilo religioso de cantar, de que uza a mesma Igreja, & assi merece grave censura de proposiçam conde nada.

Os Lacedemonios veneravaõ a musica por tam divina

Carvalho arte de rei nar lib. I. disc. 10. fol. 24. col. 3.

João Galleg. de Opt. Reg. educand. ratio. cap. 15. fol. 124.

O senhor de Reg. inst l. 5. c. 4. pag. 387. col. 1.

Mirand. conclus. mathem. n. 7. 8. II.

Plutarc. comment. de anima genit.

Tob. 6. 13. n. 22.

Rang. in 1. Reg. pag. 1272.

*Marcian. Capell.
de Nupt. l. 9.*

divina, que quando sahiaõ à guerra, a nenhum Deos faziaõ sacrificios mais que às Musas: *Nec agrediebantur facta praeliorum: priusquam illis contingeret litare Musis*, diz Marciano Capella.

*Clement. Alex. orat.
ad gent. fol. mihi 31.
Contarin. Tardin. de
Leitan das mus. fol.*

Pelo meſmo culto de veneraçãõ à musica, Magda filha de Macar Rey dos Lesbos, levantou estatuas, & edificou tēplos às Musas, como relataõ Clemente Alexandrino, & Luigi Contarino. Theofraſto entre as propriedades que lhe affina, a ponta como principal, que gera em quem a ouve, & em quem canta instinctos, & pensamentos Divinos.

333.
Theofraſt.

Vermil, ut sup.

E he de notar, que quando Samuel ungiõ em Rey a Saul, o mandou que fosse ao templo da cidade de Gabaã, ou Cariathiarim, como quer Vermilio, & se metesse com os musicos delle, com quem cantasse as musicas divinas, que ali se costumavaõ a cantar. E mostrãdo o fim pera que lhe ordenavz isto, deu logo a rezam, que era pera o mudar em outro maior, & mais perfeito varaõ: *Et mutaberis in virum alterum*. Julgando, que só a musica tinha poder pera semelhantes milagres.

1. Reg. c. 10. n. 6.

Basta pera maior prova, & qualificaçam do sobre dito, que a Virgem Mãe de Deos, por particular assistēcia do Ceo soube com extremo de perfeiçam a sciencia da musica, como testemunha Alberto Magno, Gerson, & Nouato.

*Abb. Mag. c. 143.
super Missus est.
Gerson. in Cantico.
Dio tom. 2. & 3.
Novato tom. 2. de
B. Virg.*

E se como diz Plutarcho, o amor ensina a musica; & conforme o dito de Meandro, a musica he incitamento de amor, bem se inclui, que a Musica divina ensina a mayor amor Divino.

Pera conseguir este meſmo effeito, & pera atrahir os homens à observancia da ley de Deos, ordenou o meſmo Senhor, que ella se escrevesse em verso, pera se cantar; porque assi melhor affeioaria os desejos,

como

como consta de muitos lugares da Escriptura. Moyles em verso escreveu, & cantou a ley de Deos uaquelle seu canticco, *Audite cali qua loquor.* Iob em verso ensinou paciencia ao mundo, & foi inventor do heroico. Debora, Davi I, Salamão, Ezechias, Elaias, & muitos Prophetas, uzaram o mesmo estylo pera levar os homens a Deos com a doçura do verso, & harmonia.

Deuter; 32, v. 1.

Seguirão as pizellas destes authores sagrados, algũs profanos, como Mercurio, Orpheo, Pythagoras, Apolo, S. Iob, Heziodo, Homero, Socrates, Platão, Numa, as Scibilas, & outros muitos.

Por este respeito Henrique Terceiro de França ordenou, que os instrumentos musicos se não admittissem nas vodas, neim ainda nas das pessoas Reaes: por ser cousa sagrada, que se não devia misturar com as profanas. Refere-se na historia Madecbnrgense.

E os que na antigui lade admittiaõ musica nas vodas, era pera temperar a immodestia, & lascivia, porque como refere Etuchio, nas suas antiguidades convivais, & Frederico Forneu, a musica caula castidade, modestia, & temperança.

*Etich l 3. c. 20.
Forneu lib. 4. de temperanc.
Heliud lib. 1 hist.
Ethiop
Aulogel. noct. adic.*

Deixo os muitos exemplos que ha disto em Pythagoras, & ou tros antigos, como referem Heliodoro, Aulogelio, Plutarco, Fabio Quintiliano, & Boecio.

*l. 6 c 13.
Plut. lib 1 qu. 1.
Quint. l 1. instit.
orat. c. 16.
Boec. orafin mus.
S Method. ex Bibi.*

Daqui vem, que quem na antiguidade quis ser mais sabio, tratou de ser mayor musico. S. Methodio na Bibliotheca dos Padres, & o refere Pineda, diz, que querendo o diabo fazer sabio a Iubal filho de Lamec, o fez o mayor musico daquella idade.

*tom 2 col. 514.
Pineda Monarch.
l. 1 c 2. 5.
Iust. Dialog cum
Tryp. solomibi 400*

Iustino Martyr no principio do Dialogo, com Tryphon Iudeo, refere de hum homem, que desejando ser sabio, se foi com esta pretençaõ à Escola de Pythagoras, ao qual disse o Philosopho, que não imaginasse

L

podia ter a felicidade de grande sabio, sem adquirir primeiro o credito de grande musico.

*Phil. lib. de cōgreg.
quar. end. eruditioni,*

Philo Judeu confessa, que pera se fazer sabio solicitou hũa dama muito fermosa, a qual achou a mais perfeita do mundo, & que esta foi a musica, vestida ricamente das galas, & cores, Diatonicas, & Armonicas; acompanhada de outras ricas damas de que se servia, quaes erão as proporçoens do Diathessaron, Diapente, Diapason, & Simphonias, tudo ilto são palavras suas.

*Valerio Maximo
lib. 8. c. 7. de stud.
& industr.*

*Quintil. instit. orat.
l. 1. c. 10. pag. 51.
Julian. Epist. 56.*

Valerio Maximo, & Quintiliano contão, que Socrates, depois de velho, aprendeo Musica, confessando, que sem ella não podia ser sabio.

Juliano affirma, que se algũa sciencia he digna de ser estudada, & tratada pellos grandes do mundo, & da Igreja, esta entre todas he a Musica, são suas palavras: *Si qua res studio nostro digna est, eiusmodi esse sacra Musica videtur.*

Ecclesiast. 6. 44.

Bem confirma isto Salamão que diz dos grandes, & famosos do mundo, que pera credito de seu saber, aprendiaõ a arte da Musica: *Laudemus viros gloriosos in peritia sua requirentes modos musicos.* A complutense le, *requirentes Melodias musicorum,* a Tegerina; *qui concentus musicos investigaverunt.* E he de notar, que quando estes grandes varoẽs estudavão a musica, ja erão sabios, como testificão as palavras do texto citado (*in peritia sua*) & porque o erão, pera o ser mais, a estudavão.

*Quint. institut. orat.
l. 1. c. 10. pag. 52.
Brus. lib. 14. c. 17.*

Donde vem (como refere Quintiliano) que entre os Gregos foi julgado Temistocles por ignorante, por que não sabia musica. O mesmo refere de Anthea, Rey dos Scitas, Bruzo.

Plat. in Timao.

E assi era proverbio commum entre os Gregos, que só os necios não professavaõ a sciencia da musica, *In-
doctos*

doctos à musis abesse. E Plataõ diz, que a musica não nasceo pera ignorantes, *Data est musica non ad rationis expertes.* Este sentir de Plataõ, senhor, me deu audacia pera dar a V. Magestade conta de huns modernos Athaistas de musica, que sendo necios nella querem mosarda que se usa, & detrahir dos consummados musicos, & furtarlhe este titulo, não chegando sua alçada a gozar, o de bons cantores, faltandolhe as partes que os constitue. Se esta praga chegâra, senhor, aos solios regios, V. Magestade dera de mão às frivulas razoens do Bispo Cirilo Franco, & contra estes bizouros se opuzera, & faira de seus limites a paciencia; que ofendida, ainda no Rey mais poderoso & pacifico, que a terra reconheceo, o chegou a desemmaascarar hum demônio.

Dizem, senhor, os cetarios, & opositores contra a Musica moderna, que se canta hoje na Igreja o estilo recitativo, sem se fazer differença da Casa de Deos ao Theatro. Perguntarlhe eu qual era o estilo que dizem. E porque a resposta serà semelhante ao reparo, pois totalmente entendo a ignoram, ja que toquei este ponto o quero declarar, pera que julguem a razão que tem contra o que reprovão.

O estilo recitativo dividiaõ os antigos em dous modos, hum simples que no theatro usavaõ os Pantomimos, como Julio Cesar Bulungero aponta: os quaes o que cantavaõ acompanhavaõ com gestos, significando muitas vezes com elles mais, do que com a propria voz. Ao segundo chamavaõ mixto, por tomar deste, & acompanharse de varias passagens de fugas, & outras varias modulaçoens; que supposto se não concedaõ no theatral, pois deve ser simplex o que realiter tem este nome, contudo em muitas naçoens o usavaõ.

*Bulung. de theatr.
l. 1. c. 52. pag. 301.*

O que na Igreja se admite, inda que siga varias fugas & passagões fora das que os antigos usauão, não se pode chamar theatral. Mas a verdade senhor he, que estes detractores são como aquelles que se opoem á Igreja, que tomaõ hum passo da Escriptura ja torcido, ja cõ apparencias de seu intento fundandose nelle, sem se quererem aproveitar, de outras infinitas authoridades, que nos sagrados livros se achão, & os santos Padres expõsitores declaraõ, & modificaõ: seja o não fazem de ignorantes (que não são) como me parecem, os que reprovaõ o modo de compor deste tempo. Pois se vem que a santa Igreja regida pello divino Spiritu, nos Hymnos (que propriamente são hum louvor de Deos cõ musica, como expoẽ Anacleto Sico em varias partes de sua Ecclesiastica Hymnodia, & D. Ioaõ Bona da Cõgreção reformada Cisterciense diz, *Laus Dei cum cãtico Hymnus dicitur*, & o aprovaõ muitos Padres) trazẽ do diversos & de diferentes metros em louvor da divina Magestade, da Virgem Senhora nossa, & de outros Sanctos; usa nelles de vario modo de cantar ainda fóra do commum Gregoriano. Que reprovaõ logo a hum compositor adcommodar passos alegres, & com novas fugas pedindoo a letra, & ainda o bom modo da melodia. Que se a Igreja ordena em o divino officio aja prosa & verso, porque se não aproveitarã hum compositor do alindado pera este, & do serio pera o primeiro. Que se Hieronymo sancto diz: *In Ecclesia theatrales moduli non audiantur & cantica*. Respeitava os Gregos naquelle tempo, cantarem simplesmente o estylo recitativo & representativo acompanhado com gestos indecentes a hum cantor Ecclesiastico, movendo a riso os ouvintes, cousa que no tempo presente não vemos; ainda que o daõ a entender os detractores desta quasi divina

*Sico Hymnodia
Eccles.*

*Bona divina Psa'm.
cap. 16. pag. 384.*

*Hieron. Comment.
in 4. Epist. Paul. ad
Titum tom 6. l. 2.
pag. 188. col. 1.*

divina Escola moderna, pois muita della arrebatada o animo dos ouvintes, & se faz admiravel, entre as mais sciencias liberaes: & se he licito a qualquer dellas, o acrescentar-se buscando novos progressos, porque se lhe não concederá á musica o mesmo.

Alem do que vou relatando, supera esta nossa musica à antiga em que esta consistia em hũa só practica, & quasi em hum mesmo estylo, de operar as consonâncias, mas a moderna consiste em duas practicas, que são: *Ut harmonia sit domina Orationis*: & a segunda: *Ut Oratio sit domina harmonia*: & tem tres differentes estylos a que usamos, hum da Igreja, outro de Camera, outro Theatral. Guardando qualquer destes entre sy grandissima variedade, & invenção. E deve-se advertir, que os modernos entendem nesta nova musica quanto ao estylo, & ao obrar das consonancias, & dissonancias differentemente da primeira practica, quaes sejaõ aquellas necessarias a perfeição da melodia, pello que se pôde chamar segunda practica, & differença da primeira, movi-

dos das palavras de Plataõ: *Nonne est musica quae circa perfectionem melodia versetur?* pois com quietação da razão & do sentido, se defendem as consonancias modernas; com quietação da razão, por se arrimarem as consonancias & dissonancias da Mathematica, sobre a cõ-

duta da Oração, senhora principal da arte; na perfeição da Melodia considerada, como ensina o mesmo Plataõ. Com quietação do sentido, porque o composto de Oração ordenado pello Rithmo, & harmonia que lhe conven, pois sem esta não val sómente o composto pera perfeição da melodia, como tras Inlio de Mõte Verde em hũa carta, que na resulta das que Gio del Lago juntou se refere, & o mostra o referido Plataõ: *Sola Plat. ut sup.*

enim melodia non omnibus quocumque distrahunt animum re-

trahunt

*Plat. Gorgi vel de
Reb. pag. mibi
233. col. I.*

trahunt animum retrahent, contrahit in se ipsum, & nam a harmonia sómente, inda que se ordene com o summo da perfeiçãõ.

Trato isso senhor, sê mais explicaçãõ, por ser á V. Magestade que sem ellas penetra meu sentir, só o que lhe farei manifesto, o naõ se indereçar meu dizer contra o Bispo Cyrilo Franco, pois este ajuizava conforme entendia da musica, que nam versava; meu intento senhor-passa aos de que V. Magestade nam pòde ter noticia, contra hunis digo, que tudo o que nam he jusquin avaliaõ por jocosõ. A mim me aconteceu que estando na Capella de V. Magestade com hum destes, & cantandose dia da Conceiçãõ o Motete de Frey Francisco de Sanctiago: *Conceptio tua*, disse: Este motete nam serve pera a Igreja, como se o dia, & a letra nam pedira aquelle festejo, & fora o officio de Diffuntos. Saõ tam presumidos alguns, senhor, que sem saberem o que notãõ poem duvidas sem as entenderem, & querem resolvê-las sem saber os nomes ainda do que trataõ.

Neste papel, que de presente V. Magestade me fez merce mostrar, se vé claro o que digo, pretende seu escriptor (quem quer que seja, pois nam tem nome; & fez bem nam se dar a conhecer por tam ignorante na musica) declarar os tres breves negros que Christouãõ de Morales tras em o Christe da missa Mille regrez; & diz com muita humildade que a invençãõ de hum breve negro se reduzir a hum semibreve com ponto, era obra de seu trabalho atê aquelle tempo. Como nam sei quẽ seja julgo este rumiador da musica por muito antigo; pois Ioãõ Maria Lanfranco imprimio a sua Scintila musical no anno 1523. & Thomas Morley escreveu hũas annotaçoes á sua inttroducçãõ musical, impressas em Londres em 1608. & Silverio Picerli o seu primeiro

Espelho

Espelho em 1630. & todos estes dizem o que elle affirm-
 ma. E couuo uelte nosso siglo as idades nam cheguem a
 tam prolongadas vidas, pois no que estamos de 1655.
 era (sendo vivo) de 126. annos fora dos que devia ter
 pera dar em hũa tal suileza, se foi o primeiro que nel-
 la deu, tendo pera mim ser ja morto, & que contra es-
 tes se nam deve falar, pretendia deixar a reposta deste
 papel em silencio, mas estimulado mais da obediencia
 & respeito, do que do proprio querer; digo senhor,
 que este papel he fóra de toda a razaõ, & que seu au-
 thor saberia çantar, mas não compor, nem coisa algũa
 da speculaçãõ musical; ouvio tractar esta materia, não
 a soube ajuizar por falta da sciencia que nam alcança-
 va. E se o papel era ja posto em luz quando os nomea-
 dos escreverãõ, & delle tomãõ a opiniaõ que seguẽ,
 não fizerãõ o reparo que se deve ter em semelhantes.
 Pera mostrar meu sentir, me he necessario mostrar co-
 mo todas as figuras musicaes as dividem os authores
 em perfeitas, & imperfeitas. As perfeitas de necessida-
 de são ternarias, mas não se segue logo que todas as
 ternarias são perfeitas. Pera entendimento disto se
 deve advertir que a figura perfeita he aquella que con-
 tem em sy o valor de tres figuras, das que proxima, &
 immediatamente se lhe seguem. A figura ternaria he
 aquella cuja quantidade, & valor se pòde dividir em
 tres partes iguaes, como em qualquer figura perfeita se
 considera; pois està incluindo tres figuras de suas me-
 nores, claro fica o poderse dividir em tres partes igua-
 es. Provado como toda a figura perfeita he de necessi-
 dade ternaria, fica pera mostrar como nem todas as
 ternarias são perfeitas; & vese neste tempo, O, que
 sendo o breve perfeito pellas condiçoens dictas, a Lõ-
 ga como não tem tres breves he imperfeita, mas inda
 que

que o seja nem por isso perde o ser ternaria, a respeito que seu valor se divide em tres partes iguaes: porque se o breve val tres semibreves, & a longa tem dous breves, a quantidade & valor da longa são seis semibreves que se pôdem partir em tres partes iguaes, que são 2. & 2. & 2. O segundo modo de dividir as figuras era em imperfeitas, as quaes concluem duas de suas immediatas.

As figuras perfeitas por hũa de tres condicoens se pôdem fazer imperfeitas. A primeira por falta da quantidade ternaria, a segunda pella presenca de figura menor antes & depois della; a terceira pella cor, fazêdo a de branca negra. Dizem Guilliemo de Mascandio, Sebald Heydem, Otomaro Lusinio, Pedro Mallart, & Gonçalo Martines de Biscargui, que as figuras ternarias por este ultimo accidente perdem a terceira parte & as binarias a quarta: sobre que os mais dos Artistas puzerão a mão no chão. Silverio Picerli diz que neste tempo ϕ val o breve negro compasso & meyo, sendo que só hum compasso tem de valia. Gio Dominico Auriema neste, O, o poem na mesma valia acrecentando perder a quarta parte sem considerar o ser ternario, & não aver nelle mediação binaria de partes iguaes. Houve outras varias opinioens sobre a cor destes breves negros, os que melhor sentem differão, que estas figuras nam perdiaõ, por quanto se passavaõ sôm ête do foro de ternarias ao de binarias, assi o mostra Francisco de Montanos no Tratado de Canto de Orgão, & outros muitos, & em nosso Idiogma Antonio Fernandez. Dom Nicolao Vincentino, & Ludovico Zacconi dizem que propriamente estas figuras pertencem â proporção sesquialtera, ou hemiolia. A de breves chamáraõ Ioam Lipsio, Ioão Ciugero, Ioão Strumio,

Guil. de Mascand.
pract. MS.
Sebald. Heyd. de arte
canend. l. 2. cap. 1.
L. fin. comment. 1.
c. 2. Musurg.
Mallart. dos tons p. 3.
cap. 7.
Biscarg. de Cant. llan.
Picerli. specul. cap. 4.
pag. 33.
Auriem. Compend.
de music.
Montan. sua mus.
pag. 13 vers.
Fernand. Ars. Mus.
cap. 30. fol. 19.
Vincent. l. 4. pract.
Mus. c. 31. pag. 88.
Zacconi Pract. mus.
l. 1. c. 47. pag. 29.
Ioão Lippio Synops
mus.
Ciuger. Synops
mus. cap. 4.
Strumio Instit. mus.
de denigratio.

wio, Adam Gumpelzhaimere Hemiolia maior tripla, & à de semibreves & minimas menor sesquialtera, ou dando sómente o nome de maior & menor conforme as figuras, segundo Oratio Tegrino. *Suppositus* estes verdadeiros principios respondo ao papel por seus períodos na forma seguinte. Comessa elle:

Sendome pedido repetidas vezes o presente, me não animei por humilde, mayor mēte sendo obra de meu trahalho até o tempo em que me foi preguntado, & como por abonar a meu dito me fosse pedido autor, mostrei cuidado & desvelo; achado obedeco com sumissaõ offerecendo os exemplos seguintes.

Este homem quem quer que foi, ou he, senhor, bem lhe pôdem dar praça de Hypocrita, esta humildade he refinada soberbia, destes humildes fala o Spiritu sancto por S. Matheus, dizendo: *In vestimentis orium intus autem sunt Lupi rapaces.* Dourão elles com ouro falso o engano, Prudencio o disse: *Et miseri dolum simulatione te- gentes.* Se elle vivo fora differalhe eu, *Ventoso extollit te vana superbia flatu,* como la remoqueou Tito Vespasiano Stroze. Mostraa em dizer he invenção sua o que anti- quissimos tratarão, inda que se pôde refutar o que asse- veraõ. Não me fiára eu na busca deste perdigeiro, pois contra si descobrio exemplos; o que aponta de Palesti- na nos Agnus Dei da Missa, *Ecce sacerdos magnus,* lhe serve de espada com que se degola, pois os breves, & semibreves negros que se alli apontão, nam pôdem ser na forma que os elle considera; na seguinte os tras seu autor, que a com passo cada hum quer se cantem o tempo, & as mais vozes tiraõ a duvida. Dos semibreves das outras, forma Hemiolias. Logo a que effeito tras semelhante exemplo. Os de Morales não entendo, porque se os autores dizem que os breves ternarios sendo negros

Gumpelz. compōd. music. cap. 9. Tegrin. bompēnd. mus. l. 4. cap. 132.

Papel.

Redoffa.

Matth. c 7. n 15.

Prudenc.

Stroz. serm. sab. fol. mihi 145. v. ad Bonavent. Phi. sophi.

perdem a terceira parte, & os binarios a quarta, que razão pode aver nunca pera que o segundo breve perca duas, quando nam ouve ategora quem tal assevere; & mais quando não goza nenhum dos breves de perfeito pello tempo, pera que de força o segundo breve acomparhe no numero ternario o primeiro; & se as figuras por sy o constituem ficaõ fora da jurildição do tempo, & se devem cantar tres semibreves ao compasso, dando a cada huui dos breves igualmente dous. E assi como neste tempo cortado C vaõ dous semibreves ao compasso, aquelle breve negro que tem dous, tomando hum do segundo, & fazendo tres, converte a cantoria em Hemiolia, ou sesquialtera, que tudo he o mesmo de tres semibreves contra dous, & nesta forma se devem cantar estas figuras, te das as vezes que se acharem. Põdem dizer, que fazendo se o breve em semibreve com ponto, que comprehende tres minimas, & hũa do segundo breve saõ quatro, & que neste tempo C outras tantas vaõ em hum compasso, & que desta maneira daõ comprimento ao que diz Francisco Velles de Gavara, que tres breves negros se haõ de passar em a mesma quantidade, & compassos do que se passaõ dous brancos naquelle tempo. Ao que respondo nam poder ser, & a razão he, que o segundo breve na forma que elle diz não dà nenhum comprimento a numero ternario, senão ao binario, & nam ha ley que o obrigue a perder a parte ante, & a parte post. Opoemselhe outra forçosa razão alem desta, que he principal, em que mostra quem fez o papel nam entender de composição, ponho o exemplo com as mais vozes versea a verdade.

Gavara.

Ponho.

Escrevo
co mas fi-
guras re-
duzidas,
como elle
quer. As
duas. Vozes
que faltão
esperão.



O contrabaixo na forma em que as vozes estão pos-
tas, inda que parece na quarta casa cantar sol, fa, mi,
re, mi, re, a força he sol, ta, re, mi, re; que o mi, he glósá,
& chama se isto tomar a mã pella boa, porque se differ
sol, fa, mi, re, mi, fica falso com o primeiro Alto que da
septima em Alamire com Bmi, pello que se vê ser sol,
fa, re, mi, re; assentado isto, & sendo como digo glósá o
mi. Se o 2. Alto fizer os breves negros em semibreves,
como tenho apontado, dá com o contrabaixo, & com
o 1. Alto hũa quarta livre sem nenhũa desculpa, & se
differem que he na segunda minima, que se não conta
neste compasso, digo que da maneira que esta se deve
contar por ser de salto. Mais em os nove breves que
aponta de Iusquin na Missa Beata Virgine, se vê clara-
mente cantarem se em Himiolia; porque cantandose
com semibreve apontado na forma por elle dita, o pri-
meiro tendo tres minimas, & o segundo duas, entran-
do o quarto semibreve com suas tres, & o quinto com
duas dá com o tenor duas oitavas nesta forma,

Os semi-
breves no
livro de Mo-
rales todos
são negros.

Isto sendo Hemiolia como realiter se deve cantar, se evita Por estas, & por outras muitas razões se vê, senhor, nam perderem as figuras negras, antes algúas se aumentaõ pella cõr, como estas tres $\text{C} \text{3} \text{999}$ que valem hum compasso. E estas duas 99 que juntandose ao breve negro tomaõ quantidade de minimas. Se me perguntarem como se salva a opiniaõ de Glareano, quando diz: *Color itaque imperfectis quidem tertiam tollit partem &c.* E de Andre Ornitico Parchi: *Per colorem, quando in figuris perfectis color offenditur imperfectæ sunt: quia tertia pars eis aufertur.* Digo que esta parte que consideraõ perder, não he mais que hũa abtraçaõ, ou privaçaõ do accidente que lhe veio, ou falando mais coherente, he hũa transmutaçãõ de hum a outro genero, mudãdoõ de ternario a binario, que he o que elle mesmo em si tem, & communica às outras figuras. E se ambas estas condições sãõ proprias, passandose de hũa em outra, sempre fica no que a força da arte lhe concede. logo como pode perder. Quisá movido destas con-

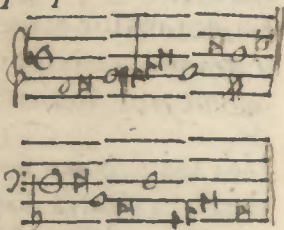
sude-

Glarean. do decli-
cord. l. 3 cap. 9.
And. Ornit. Parchi.
Microlog. l. 2. c. 11.

siderações o veio a confessar o mesmo Andre Ornito Parchi, inda que lhe pos limitação, quando disse: *Color etiam interdum nec auferre, nec afferre quicquam.* E se elle

*And. Ornit. Parchi
cit. sup.*

desta maneira, nam perde nada, como realiter nam perde, esforçome a perguntar assi. O primeiro breve branco do tiple tem dous semibreves? quem o pôde negar, tambem nam pôdem deixar de conceder que o negro, assi na Hemiolia, como nesta Cantoria tem o mesmo logo que lhe fez a cor? nada. Este he o meu sentir, como mais largamente tenho escrito em outro lugar. Continua com o papel, & diz no fim do primeiro parographo.



Glareano lib. 3. de proportionibus sescupla sive sexquialtera allegans Franchinum.

Papel.

Nam entendo a remissão que faz a este lugar, nelle nam achei cousa que faça ao intento do que trata. No que elle mostra a grande experiencia, & sciencia da proporções, he no que acrecenta dizendo.

Reposita.

He que na sesquialtera vel emolia os breves são todos a dous semibreves, porem aquelle em que entrar o numero ternario lhe avemat de maginar 3. minimas binariamente, que fica proporção subsequaltera.

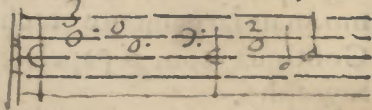
Papel.

Senhor, pôde aver maior ignorancia que esta, dizer que na Hemiolia são todos os breves de dous semibreves (quem lho nega) & que devemos imaginar tres minimas naquelle que entrar o numero ternario, & que ellas são de ser binariamente: que modo he este de falar? se ellas são tres em hum corpo, pôde este todo ser binario, de nenhum modo. Logo, que fica este semibreve na proporção. *subsequaltera. cum as duas de outra voz.* Pôdele dar caso que este

Reposita.

homem.

homem visse artes da musica, entendo que nam podia achar tal escrito, supposto que visse muitas; nam achou, que as proporçoens se consideraõ de duas maneyras, em maior & menor desigualdade. E que quando se põem primeiro o numero maior, & por baixo deste o menor, que se chama proporção de maior desigualdade; & sendo ao côtrario de menor desigualdade, a qual leva sempre consigo esta proposição sub. Se elle nomea tres contra dous, que tem isto com subseqüente letra. Concedo que seja o que elle quer, pera lhe mostrar mais sua ignorancia; diz que o primeiro breve negro ha de ter tres minimas contra duas da outra voz, como no mesmo exemplo de Morales mostro: decla-



reme agora como cabe passando a de tres contra as duas somente, pera que faça a proporção que elle aponta. Continua seu dizer nesta forma.

Tapel.

E pera perfeiçoar o numero ternario com este breve, lhe ajuntaremos o semibreve que se seguiu, esteja ligado com outro, ou não, como quem vai cantando & medindo proporção maior nam discrepando a esta medida, que he a essencial, & logo effeito al semibreve com quẽ se aperfeiçoar o numero ternario, se hade imaginar hũa minima, & todas quatro igualão aos dous semibreves de outra voz, que ficão contra estes tres, & com elles imperfeita sesquialtera.

Resposta.

Confesso de mim que lendo as proporçoens de Euclides, Ptolomeo, & dos modernos Pedro Ramo, Georgio Lovert, Orôtio, Keplero, Pedro Laurêbergi, Simão Stivino, & nellas imagino (será soberba minha) entêder q̃2. & 2. são quatro, nũca topei com tal modo de dispor proporçoens. Porque tudo deste autor he imaginado. Logo imagina do semibreve minima, desta dispoem
como

se per

como lhe parece, elle acha as proporçoens per $\frac{1}{2}$ feitas & imperfeitas, & isto com tal confiança que lhe fica por opiniaõ, que Francisco Salinas se naõ desenvolveo melhor entre ellas, & que Ioaõ Perez de Moja as nam manifestou mais practicaveis. Torna a continuar com a medição de minimas, & semibreves, dizendo.

Logo acabado de se medir este numero ternario em ordem 1. 2. 3. que acabaõ no primeiro semibreve do segundo breve, tem seu principio outro numero ternario no segundo semibreve do segundo breve, que ha de medir se com o outro breve que se segue, & assi cada hum tem dous semibreves (sem perderem, nem ganharem sendo todos iguaes, por pertencerem ao genero do numero ternario) (mas com differença que hum acompanhe sempre aos dous com que se faz numero ternario, & assi hum ou seja cometido quando o numero ternario nelle, ou acabando como acontece em a prolação maior) ha se de imaginar sempre minima, & assi fica desfeita a duvida, & se devem entender os autores seguintes.

Papel.

Este homem de bem em melhor vai mostrando seu talento, faz no primeiro breve tres minimas, no segundo duas, & no terceiro tres, & diz que cada hum tem dous semibreves (que nam nego) & que estes nam perdem, nem ganhão, & que saõ todos iguaes por pertencerem ao numero ternario. V. Magestade me tem dado licença pera responder como me parecer, que o tirar-me de duvida, & falar com quem o fez. Se me dizes, autor sem nome, que o primeiro breve tem tres minimas, & o segundo duas, em que consiste esta igualdade, como perdeu este coitadinho do meio que e borraças com os dous, & lhe fazes betar no suor hũa minima. Dizeme que isto se ha de cantar sesquialtera, nam medes atragar tantas minimas, pondon e isto em termos binarios, que assi o fazes sem o imaginares, pera que te metes no que nunca estudaste, sem saberes os

Resposta.

termo 2.

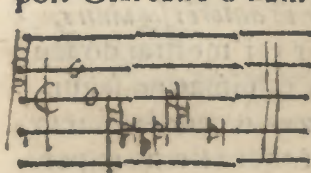
termos, a que proposito encaixaste a prolação maior, em que parte desta cantoria que trata a viste. E com dizer, *que desta maneira fica desfeita a duvida, & se devem entender os autores seguintes.* Conclue este periodo, abriu donos os olhos nella doutrina, em boa hora veio elle ao mundo pera nos tirar de tantos erros em que sepultados estavamos. Aponta Glareano, & Franchino, & continua dizendo.

Papel.

Vamos ao caso, veja se a definição que tras o mesmo autor no mesmo lib. 3. fol. 233. *sescupla sive sesquialtera no exemplo da escada o caracol adonde está a segunda figura ligada, que he opiniaõ, & nam absoluta a boca chea julgada de certo A. por longa, como outras que de longas sez breves, aprovando o modo antigo com figuras que elle cifrou.*

Resposta.

Nam entendo o que nos quer mostrar neste caracol pois Glareano o nam tras, salvo se he esta cantoria;



& deve ser, fazendõ seu reparo em a 2. figura ligada, dizendo que he de opiniaõ, impugnando a de hum A. q a trata por longa.

Naceolhe o reparo por ver que a outra voz deu somente nella hum compasso, & nam vé que estas figuras hãõ de ser todas lig das, & que por falta de caracteres se desunem. E vele claramente em que o autor, que he Cocleo, se por a causa que elle quer fizera somente naquella figura hum compasso, que tambem na penultima o avia de fazer, o que faz pello contrario, dando dous compassos. & demoslhe que estejaõ apartadas de rigor, aquella figura nam he longa? pella regra. *Omnis ultima quadrata descendens est longa.* E quando seja tam pertinias em o crer, como de sacertado em o escrever, veja Guilielmo de Podio, Ioaõ Thomas Freigio, Maternum Beringer, Melchior de Torres,

Podio l. 7. c. 30.

fol. 34.

Freig. de mus. pag.

158.

Bening. pract. mus.

Torres ars mus.

fol. 21.

res,

res, Pedro Aaron que a esta figura fazem longa & affi todos os mais q de musica escrevẽ, cõforme a opiniaõ dos millores q se devẽ seguir. Torname este papel a recitar este numero 3. & depois de muitos desta, ou daquella maneira depã ralhe Deos Francisco de Montanos, imaginando tinha ganhado o premio, diz.

Veja se a Montanos no livro de Canto de Orgão fol. 13. alegando Aulogelio, em que as figuras negras nam perdẽ achãdose em algũa cantoria binaria, q estas sem final nam necessitão dele por darẽ cõ sua cor indicio ao cantor deternarias em cujo genero se devẽ sèpre imaginar, o que nam fazem as brancas a quẽ poem o garismo tres, porque sem elle se nam poderia ter conhecimento perfeito de sesquialtera por serem todas brancas.

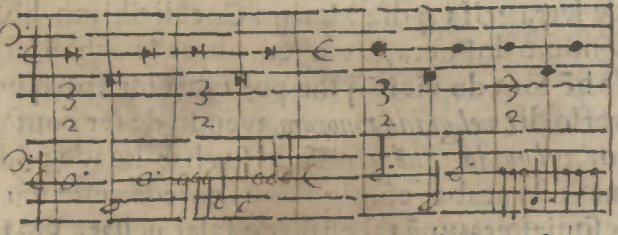
Vario Baxel he o em que navega este Iason, não acha o norte por falta d'agulha, ja delanda os rumos que tinha navegado; atègora dizia perdiaõ as figuras, agora ja diz saõ ternarias em qualquer tẽpo que se achem, não sei quem lhe ensinou que hum tres sòmente posto em figuras brancas as fazia sesquialteras. E porque se veja que confessando a verdade a nam entende fecha este parecer que apresentou na forma seguinte.

Papel

Evitandõ mais trabalho veja a boa razão a medida dos exemplos repartidos que se seguem.

Morales,
& outros.

Sesquial-
tera.



Nesta conformidade acaba este seu rezoado, acrescentando no fim o seguinte.

N

Ref.

Papel

Responder a hum enrioso, a razão que avia mais no Tenor do que em outra voz para sair cos os levantamentos (escrevo como elle o poem) do. canticos teve fundamen'o nos versos de Zarlino allegando Mantoano, sam os seguintes.

Plus accoltantū soprānus captat orecchias
Sed Tenor est vocum Rector, vel guida Tonorum
Altus Apollineum Carmen depingit & ornat.
Bassus alit voces, ingrassat, fundat, & auget.

Rep. 11. a.

Grave texto seria o livro deste homem se escrevêra, he tam acertado que nem as margēs sabe ler nos livros, & não só nelles erra o q̄ acha escrito, mas nê os nomes dos autores q̄ se alegaõ sabe ajuizar. Mostra se dizer q̄ os versos saõ de Zarlino, & q̄ alega Mantoano. Vete q̄ não taõ de Zarlino, pois na terceira parte de sua Instituiçãõ harmonica cap. 58. pag. 293. querendo dar regras de cõpor a mais de duas vozes, diz q̄ de quatro partes se contê a perfeiçãõ da harmonia, as quais lhe chamavaõ Elementos, de q̄ todo o corpo mixto se cõpoẽ. E dando as razões porq̄ derãõ ò Superius, Alto, Tenor, & Baxo a quelles lugares acrecenta: *L'officio, & la natura di questi parti giocosamente & con grande artificio expresse quel fachelo Poeta Mantoano.* No q̄ se mostra não serẽ os versos de Zarlino, & q̄ Mantoano não he nome de Poeta, senão de patria, o q̄ o autor do papel (tendo oculos) vira na margem de letra grifa q̄ diz Merlino Cocaii Shiacis lib. 1. este he o nome do Poeta, & em suas obras se achãõ estes versos, se bẽ fora do vicio q̄ lhe poẽ este escritor, q̄ no segundo verso diz *vel guida tonorum*, avendo de ser conforme o autor, *vel guida canentum*. Tudo sua habilidade pôde mudar; mas não acabar cõmigo possa entêder este seu modo de sesqualteras, nê tal estilo de falar nellas. V. Magestade, senhor, he, & dos mais scientes que este seculo reconhece, pôde restituir ao autor do papel (achandolhe razão)

razão) y grao quelhe tiro. E eu me fizo na volta dos de meu tpo, a dalla de hū, que em certas obras de coros, q breuemēte aviaõ de sair a luz disse: *Mal fenecce o autor neste Coro: & era porq o primeiro cometeo clausula, fenecēdo na sexta maior, entrado a voz que aquelle respondia no pōto em que a clausula se fechava.* Outro me disse nam achar musica cōposta cō as consonancias q Platão cōsiderava em a Alma. Nesta forma, senhor, julgãõ muitos dos nossos modernos, nam falo nos q sãõ dignos de veneraçãõ, assi pella muitã sciencia, como pellos grandes postos que occuparãõ; senãõ de huns pedantes, que tudo enlodaõ. Naõ ouvera pera estes Lelios, senhor, hum Memento homo, ou outro Marcial que lhe dissesse:

Con tua noiredas, carpis mea carmina, Leli:

Curpere vel nolitostra, vel ede tua.

Martiai. ad Lelium. Epig. 79.

Inda que torno a me retratar, dizendo q para celebres engenhos nunca faltaraõ Zoilos, & Teons; se bem para castigo de ignorantes basta, & convē q as obras de cada nū sãõ grandiosas no aplauso dos sciētes, como disse Druso a Cicerõ: *Iudax enim magnifice loquitur & vertē decet adversus ignorantes.* Ainda q tarde confessaõ seus erros, perleverãdo em o maior q he, nãõ conhecer se ou conhecēdo se, nãõ emendar se que como affirma Ludovico Palentino, tē botado este contagio grandes raizes, falaõ desfreadamēte os insipiētes, & temendo semelhãtes dema-
 fias, cataõ os doctos: *Altas* (diz este autor) *egit radices ignorantia silent docti blaterant insipientes.* Falem, senhor, os que sò devē falar, & nãõ se entimidem, porque os encomios nãõ se esperaõ de musicos ordinarios, & de baixa Lira; senãõ dos que por sua acertada eleiçãõ, agudeza de engenho, & bõ natural, ajudado & realçado da arte, alcançaram com eminencia & superioridade ser consumados em sua profusaõ. Porque, senhor, quatro generos de

Luc. Palent. tras. de mundano fastu.

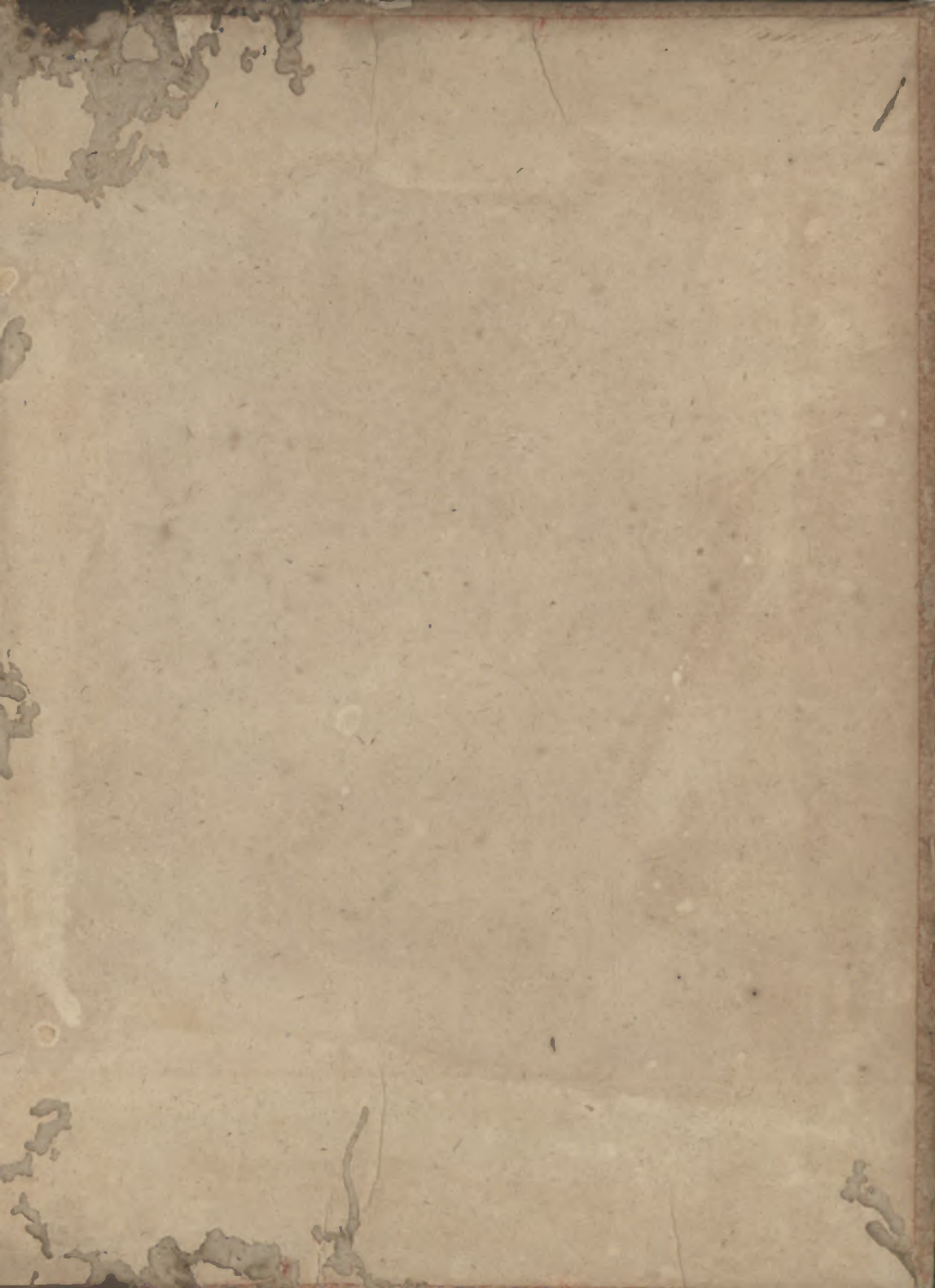
de

Celfo.

de gente (conforme meu entender) nam admittẽ mediã-
 nia, que saõ os que a palavra de Deos ensinaõ; o medi-
 co, em cujas mãõs & sciencia consiste a saude corporal,
 cousa taõ importante que disse Cornelio Celfo (grande
 nesta sciencia) *Error eius non minus est quam vite.* Os ter-
 ceiros os que pintaõ, que se suas obras nam saõ excellẽ-
 tes, nem movem os affectos, que he o fim que se preten-
 de, nem se eterniza a memoria do que representa, nem
 a do artifice. O quarto genero saõ os compositores, q̃
 fazendo composicoens humildes sem artificio, novida-
 de, & fundamento, vergonhosamente pòdem aparecer
 suas obras. Este, senhor, he meu sentir contra os que
 mal falaõ, & dos que escrevem com o acerto, & erudi-
 çãõ, como V. Magestade neste defensorio fez
 trazendo consigo o aplauso commum
 louvalos com o silencio.

*Laus Christe Iesu Filio, Mariae Virgini Matri, & Iosepho
 Sponso, & Virgini, utriusque amantissimo.*

*Omnia, quæ in hoc opere scribuntur, S. R. E.
 Correctionis subijcio.*





3